

Um Outro Olhar
Volume VII - Ano B

Coletânea de Homilias de J.B. Libanio, S.J.

Organização:

Marta Martins de Aguiar

Maria Alice de Moraes Fonseca

Regina Maria Melo Marinho Ferreira

Capa e ilustração: Márcia Viana

Índice remissivo: João Batista Pereira Ferreira

Execução Gráfica:
BIG Editora Gráfica
(31) 3416.7896

2ª Edição
(Vespasiano - 2010)

Contato:
Marta Martins
(31) 3309-2186
(31) 9611.2186
martatins@yahoo.com.br

Roseli
3621.2037

Márcia
3621-1420

OLHAR O OUTRO

É com muita alegria que apresento ao leitor o sétimo volume do projeto UM OUTRO OLHAR, que reúne várias homilias do teólogo renomado, do escritor brilhante, do jesuíta fiel, do professor exímio, do padre pastor, do irmão de todos, Pe. João Batista Libanio. Esse projeto começou em 2004, quando Marta, Patrícia e Maria Alice, e depois Regina, tiveram a brilhante ideia de ouvir as homilias do pregador, gravá-las, transcrevê-las e partilhá-las com todos. As homilias são encantadoras, mas encanta, também, esta atitude de levar a tantas outras pessoas a força-leveza das palavras pronunciadas pelo Pe. Libanio em suas homilias.

Quando cursei a graduação e o mestrado em Teologia, final dos anos 80 e início dos anos 90, tive o privilégio e a honra de ter vários jesuítas como meus professores, a quem devo muito dos meus estudos e pesquisas, do meu horizonte teológico-pastoral e do meu magistério, tanto no ensino superior quanto nos meios populares. Posteriormente, tornei-me colega de ensino de alguns deles. Dentre eles está o Pe. João Batista Libanio. Cada aula era uma aventura e um encontro, por isso mesmo era uma graça, pois a inteligência da fé, com a habilidade magistral do Pe. Libanio, conduzia à profissão de fé e sua vivência.

Com isso, não é difícil para o Pe. Libanio fazer homilias – a parte mais difícil da missa para muitos ministros da Igreja. Como homem de fé, que pensa a fé e em sua vida procura testemunhá-la, as palavras “pensadas no coração” e “sentidas na cabeça” deste padre fluem, na medida certa, até chegarem ao ser de cada um. O conhecimento bíblico, as informações múltiplas, a captação da realidade global e particular, misturam-se, harmonicamente, em cada homilia. Se observamos apenas os títulos dados às homilias, facilmente notamos a abrangência da vida, o sentido eclesial, os sinais do Reino, as pessoas, o mundo, o outro, DEUS.

“Um outro olhar” é o olhar do autor destas homilias concisas, profundas, graciosas, comprometidas, que ousam sair do lugar comum e das falas confusas, moralistas, alienadas, desconjuntadas da vida e da fé mesma. Sua perspectiva nunca é ele mesmo, mas o outro que aí está, o ser humano, o mais pobre, o desesperançado, o colocado à margem da vida e o grande Outro, Deus.

As orientações da Igreja para nossa liturgia dizem que a homilia é indispensável para nutrir a vida cristã e que, para isto, deve explicar algum aspecto das leituras da Sagrada Escritura, levando em conta tanto o mistério celebrado, como as necessidades do povo de Deus reunido em assembléia litúrgica. Exato. É isto que está aqui, neste livro: um alimento que nutre a vida cristã, cujos ingredientes são a Palavra de Deus e a própria vida. Para lê-las, prezado leitor, procure ambientar-se no silêncio, na serenidade do Espírito. Estes textos não são de passa-tempo, são saborosas reflexões, nascidas no especialíssimo ambiente das celebrações eucarísticas da comunidade eclesial.

Recebi um exemplar do primeiro volume desta coleção, em sua 5ª edição, do próprio autor, no dia 17 de dezembro de 2006, com uma dedicatória assim: “As palavras deixam ser interpretadas pela generosidade do leitor. Com estima”. Como você, Pe. Libanio, é generoso conosco, interpretando a Palavra e a Vida, com tanta maestria e fé, para nos alimentar!

Com estima.

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães
Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte
Reitor da PUC Minas

1. Agradeço, com amizade e preces aos jesuítas que foram meus professores, padres Johan Konings, França Miranda, Carlos Palácio, Francisco Taborda, Ulpiano Vazquez, Jadelmir Vitório, Álvaro Barreiro, Ruiz de Gopegui, Luis Stadelmann, Félix Pastor, Juan L. Segundo, Alberto Casalegno e tantos amigos de outras Congregações e Dioceses que colaboraram e ainda muito contribuem com minha formação acadêmica e com minha missão cidadã, cristã, presbiteral e episcopal.

2. Cf. IGMR 41.

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>		<i>Pág.</i>
01-Cada dia é único em nossa vida.....	09	31-Sem Galileia, não há Jerusalém.....	72
02-Deserto é o caminho para a liberdade.....	11	32-Para o salto da fé, precisamos de sinais.....	74
03-Imaculada Conceição: A festa da esperança	14	33-Abrindo portas para dar e acolher o perdão.....	76
04-O testemunho de João Batista.....	16	34-Testemunhas da transformação.....	79
05-A perenidade da boa notícia	18	35-A ética do cuidado	81
06-O presépio de nossa história	20	36-Palavras que moldam a vida	84
07-Jesus nos mostra o rosto visível de Deus.....	22	37-O amor que eleva nossos amores.....	86
08-O voo da águia alcança o infinito do amor	24	38-Além de todas as certezas visíveis...	88
09-A única certeza é o amor de Deus....	26	39-Pentecostes nos faz ser para o outro	90
10-As surpresas de cada dia.....	28	40-Como seria viver sem Trindade?	92
11-Palavra e Eucaristia são estrelas que nos guiam	31	41-O tempo pede paciência.....	95
12-Um gesto que muda a história	33	42-Jesus nos acompanha à outra margem	97
13-O Reino de Deus nos desvela a realidade	35	43-A Igreja continua sendo construída	99
14-Os rumos dos nossos caminhos	38	44-A cultura da aparência	102
15-No meio do povo e diante de Deus .	41	45-A metáfora do abraço.....	105
16-Encontros de interioridades	43	46-Contando histórias se faz História ...	107
17-Somos carregados pelos braços da fé.....	45	47-Que pão nós estamos repartindo? ...	110
18-O espírito nos abre ao amor.....	47	48-Um presente nos torna presentes	112
19-Tempo de silêncio e interioridade....	49	49-Pão e pai.....	114
20-Jesus toca o nosso tempo e o transforma	49	50-A glória de servir	116
21-A transfiguração transforma as realidades	53	51-Alegrias e dores do cotidiano	118
22-Templos vivos.....	55	52-Amar é a única razão do amor.....	120
23-O perdão que nos liberta.....	57	53-Falar e ouvir fazem a nossa convivência	122
24-Jesus é o sacramento do amor infinito de Deus Pai.....	59	54-O desafio da doação.....	124
25-A certeza da mão do Pai	61	55-O infinito que mora dentro de nós ...	127
26-Jesus também experimentou a traição.....	63	56-Talentos a serviço da comunidade ...	129
27-Dor e consolação no caminho do Calvário.....	64	57-Somos construtores do projeto de Deus	132
28-A eucaristia nos fala de eternidade ..	66	58-A tristeza de não querer ser melhor .	134
29-Escândalo e loucura	68	59-O poder que faz o outro crescer.....	136
30-Os braços em que podemos nos abandonar	70	60-A Igreja que caminha.....	138
		61-A festa de quem cumpriu a sua missão	140
		62-A santidade ao alcance de cada um .	142
		63-O único amor que resiste ao tempo .	144
		64-Seremos o que formos na história....	146
		65-Um rei que se faz próximo	149



“Contemplar é perceber os sentimentos”

(Se Libanio)

CADA DIA É ÚNICO EM NOSSA VIDA

(Mc 13, 24-26.33-37)

Quando o ano vai chegando ao fim, a liturgia coloca essas leituras, que chamamos, em teologia, apocalípticas, escatológicas. Nós falamos linguagens diferentes, embora, muitas vezes, não nos demos conta disso. Estamos conversando, por exemplo, e, de repente, alguém começa a se entusiasmar, contando um fato. Percebemos que ele muda o tom da voz, a maneira de falar. Termina de contar e comenta uma fofoca, novamente muda o tom de voz, muda o assunto. Temos uma quantidade enorme de variações, que chamamos, em linguística, gêneros literários. Nós sabemos entender isso. Quando alguém conta um fato, faz uma pergunta, admira-se ou fala uma poesia, muda a entonação, a maneira de falar, de gesticular. Tudo isso determina os gêneros literários.

Existe, portanto, um gênero chamado apocalíptico. É uma maneira de escrever. Entendendo como descrição, nos equivocamos totalmente. Ele não descreve nada do que vai acontecer. Tirem isso da cabeça! Não vai cair o sol nem estrelas. Descrição é o relato de como as coisas são exatamente. Ao contrário, o gênero apocalíptico quer traduzir uma experiência de perseguição, angústia e medo. Quando estamos com medo, exageramos tudo. É próprio de quem fala com medo: “Encontrei um monstro na rua!”. Poderá ter sido uma formiga e já achou que era monstro. Outras veem almas do outro mundo. Nada disso, estão todas tranqüilas em Deus. O gênero apocalíptico é uma experiência de medo, de previsão de alguma coisa que está para acontecer. Se estivéssemos, por exemplo, na véspera de um pacote econômico, da queda das bolsas, experimentaríamos o gênero apocalíptico. A imprensa anunciaria: “As bolsas despencam!”, e ninguém vê nenhuma bolsa despencar, é uma linguagem exagerada. “Os dólares saíram voando para o exterior!”. Ninguém vai pensar que está chovendo dólares, o que, aliás, seria ótimo. Nós temos essa maneira de falar. Tiremos, pois, da cabeça, que o evangelho está descrevendo o fim do mundo.

Esse texto foi escrito na época em que os judeus viviam a destruição de Jerusalém. Destruíram o único Templo deles. É normal que estivessem apavorados. Prenderam, crucificaram, deportaram uma quantidade enorme de judeus. É nessa situação de perigo, angústia e ameaça que esses textos foram escritos. Para um judeu, destruir o Templo é como se o sol, a lua e as estrelas caíssem. Mas isso aconteceu no ano 70, e nós estamos em 1997. Então, para que servem esses textos para nós? O evangelista descreve uma experiência forte para nos dizer que tudo isso pode acontecer. Mas apenas uma coisa prevalece: a força da presença de Deus na nossa vida – “As minhas palavras não passarão!”. Podem cair as bolsas de valores, pode o real entrar em crise, FHC (*) pode não ser reeleito, mas a Palavra de Deus continua para nós. Ela nos une e nos dá certeza. Essa é a primeira razão.

A segunda razão é que Jesus quer que nós pensemos. Essa é a vigilância cristã, que não é medo, mas responsabilidade diante de cada dia que passa. Eu já falei tantas vezes sobre isso! Um dia nunca se repete. Somos responsáveis por cada acontecimento, nossa cidade é criada a cada dia. Se não fizermos nada, passará, isso sim, a ocasião de mudar alguma coisa. Essa é a razão de nos organizarmos, de lutarmos. Tem que ser agora, porque isso passa. Se não marcarmos a história com a nossa presença, ela passará e continuará sem nós. A nossa responsabilidade é enorme, porque vivemos uma única vez, sem reencarnação. Cada dia é único em nossa vida! Essa vigilância, assim como os acontecimentos, vai anunciando-nos as decisões que devemos tomar, conforme as diferentes situações que estamos vivendo. Diante dessa nova crise econômica, teremos que repensar muitas coisas neste país. Não podemos continuar na mesma inércia. A situação, mais uma vez, é muito grave. De repente, o país é sacudido pela queda de uma Bolsa de Valores lá em Hong-Kong, em virtude da globalização de uma estrutura econômica. Temos que abrir os nossos olhos responsabilmente e construir uma sociedade justa, fraterna, com emprego, dignidade. É nesse sentido que esse evangelho nos chama a atenção. Amém. (29.11.97/1º.domingo do Advento)

(*) Fernando Henrique Cardoso, que seria reeleito no ano seguinte.

DESERTO É O CAMINHO PARA A LIBERDADE

(Mc 1, 1-8)

Quando ouvimos uma leitura como essa, não sendo judeus e estando a dois mil anos de distância, nem de longe percebemos os pormenores que o evangelista menciona, todos eles cheios de ressonância para o povo de Israel. É como se, falando para mineiros, eu dissesse de Tiradentes. Todos abririam os olhos. Mas se eu estivesse no Japão e falasse de Tiradentes, pensariam que me referia a um dentista, porque é outra cultura.

O evangelho de hoje foi tecido com uma inteligência impressionante. Primeiro, devemos entender o contexto político em que aparece João Batista. Imaginamos a Palestina, a Galiléia como regiões bonitas, cheias de verde, de plantações, onde todos viviam tranquilos, mas não era nada disso. Anos antes do nascimento de Jesus, durante a sua infância e nos anos que se seguiram a sua morte, houve uma série de insurreições, levantes, lutas armadas dentro de Israel. Os romanos intervieram várias vezes com tropas, chegando a crucificar milhares de judeus. Quando Jesus era criança, a cidade de Séforis, que era a capital, a uns seis quilômetros de Nazaré, foi invadida pela tropa romana, que a destruiu. Era uma época de muita tensão, muito medo, muita opressão. Os camponeses pagavam pesados tributos e viviam endividados. Precisavam de dinheiro para manter as plantações, não conseguiam e viviam marginalizados. Era uma situação terrível! Qualquer pessoa que começasse a agitar envolvia os camponeses que estavam *em pé de guerra*, e os romanos sabiam disso. A polícia de Herodes também sabia, e todos fiscalizavam. Eu posso imaginar essa situação.

Quem viveu o Brasil na década de setenta, nos anos escuros do governo Médici (*), sabe bem do que estou falando. Quando cinco ou seis estudantes se reuniam, logo vinha o DOPS (***) para saber do que conversavam, do que falavam. Muitos de vocês não se lembram, e no Brasil se escondeu isso muito bem. Era mais ou menos a situação vivida pelo povo judeu: medo, falta de esperança, de perspectiva. Aí aparece João Batista, e, na leitura desse trecho, notamos dois simbolismos impressionantes. João Batista começa a falar no deserto. Para nós, deserto não significa nada simbolicamente. Mas, para Israel, deserto é aquela passagem do Egito para a Terra Prometida, em que eles caminharam por quarenta anos. É o caminho para a libertação! É como as tropas do Brasil que começaram a lutar pela independência, como as rebeliões dos inconfindentes que antecederam a independência do país. Deserto para eles significava que deveriam se reunir para buscar a liberdade. O povo de Israel tinha uma sede enorme de liberdade, porque conheceu a escravidão no Egito, a dominação dos assírios e babilônios, dos medos e persas, dos gregos e agora vivia a dos romanos. Foi um povo que soube que coisa significa ser dominado. Saíam de uma dominação e caíam noutra. Agora estavam sob a mais temível de todas, que era aquela máquina de

ferro chamada império romano no auge de sua força. Conquistavam o mundo inteiro. Precisamos imaginar isso, pois é nesse contexto que aparece João Batista no deserto. O Rio Jordão é a passagem para a Terra Prometida, é o salto para a liberdade. Pregador no deserto, às margens do rio, tendo do outro lado a Terra Prometida, já era um gesto tremendamente subversivo e questionador. João Batista queria despertar o povo para o sentido da liberdade, conscientizá-los de que não poderiam continuar escravos. Esse é o primeiro simbolismo.

Outro simbolismo, também tremendamente subversivo, que nos escapa, pois não conhecemos a cultura judaica, é que o judeu só podia resgatar suas culpas, seus pecados, no Templo – o único do país. É como se houvesse apenas uma igreja no Brasil. O poder econômico era fortíssimo. Imaginem uma igreja onde todos teriam que ir comprar animais para resgatar os seus pecados. Imaginem que poder envolvia tudo isso! Era o dinheiro do pequeno que servia para ajudar a construir a cidade, dar emprego. Muitos viviam disso e exploravam. O Templo não era um lugar bonito para louvar a Deus, mas o lugar do comércio, do dinheiro, do poder, da dominação. João começa dizendo que eles não precisavam ir ao Templo. Poderiam purificar-se na água gratuitamente. Percebam a diferença! No Templo, eles precisavam pagar, comprar os animais para o sacrifício. Aparece João Batista dizendo que bastaria passar pela água, que corria de graça. Com a água jogada em suas cabeças se redimiriam de suas faltas, sem precisar ir à Jerusalém.

Os poderosos poderiam ficar contentes com isso? Imaginem o prejuízo que estava causando! Por isso ele foi morto em menos de um ano. O evangelho fala da briga da mulher de Herodes, mas isso foi uma situação secundária, um artigo da Veja, da Isto é, alguma coisa que aparece nas páginas escandalosas dessas revistas que espalham fofocas da vida das pessoas. Naquela época já havia as *Vejas* e *Isto é* das fofocas também. Não foi isso que abalou o governo de Herodes. Ele era sem-vergonha o suficiente para não se abalar com um detalhezinho de sua vida pessoal. Mas nem Herodes, nem Pilatos poderiam suportar alguém que lhes ameaçasse o poder. Chega João e diz que poderiam eliminá-lo, mas depois dele viria outro pior ainda. Se ele batizava na água, que era gratuita, o outro batizaria mais gratuitamente ainda, porque seria pelo Espírito Santo. Não há bem que compre o Espírito Santo, pois Ele é de graça. É uma situação tremenda! Agora podemos entender a força desse evangelho.

Também nós temos nossos *impérios romanos*. Só que hoje ele é sutil, é muito mais inteligente. Não tem guardas, não tem armas em riste. Entra pela *maquinazinha* pequena que todos vocês têm, na sala, no quarto, em cada lugarzinho. São as televisões bonitas, cheias de cores. Por ela entra o *império romano*. E todos bebem *gostosamente* a corrupção dos afetos, dos corações, dos valores. Falta um João Batista para dizer: acordem brasileiros! Houve um prefeito de uma pequena cidade do interior de São Paulo que foi um pequeno João Batista. Em meio a tantos *Halloweens* – esse dia das bruxas que trouxeram

dos Estados Unidos para as nossas escolas, para as nossas crianças, deixando-as todas *embruxadas*, americanizadas – , decretou a festa do Saci Pererê. Pelo menos encontrou um personagem da nossa cultura, do nosso Brasil, para substituir essa importação maciça de uma cultura artificial, já em degradação, como um Lázaro que já está cheirando mal, porque há mais de quatro dias está enterrado (***)).

O evangelho não está falando lá da Palestina não. É o João Batista da Palestina que quer acordar o João Batista que está dentro de cada um de nós. Vamos entrar num ano eleitoral, vamos entrar num debate brasileiro, cultural, e não podemos ficar inermes, inertes, parados, abobalhados, dominados por um império que chega através das revistas, das propagandas, dos *jornais nacionais*, com seus apresentadores bonitos, com vozes eloquentes, como se fossem de pessoas dignas, sérias, que nos soltam mentiras cósmicas.

Esse é o *império romano* que nos domina. É para isso que quero acordar a todos vocês e a mim mesmo. Todos nós somos engolidos por ele e perdemos o maior dom que o Senhor nos deu, que é o de amar, de estar com nossos irmãos, o dom de conversar, de viver em família. Às vezes uma família não consegue estar junta porque os filhos saem correndo para as *internets*, porque não aguentam ficar com seus pais. Não toleram o pai, a mãe, mas aguentam ficar horas e horas digitando nos *chats*, nos *orkuts*, buscando relações no mundo inteiro, menos com o irmão, com a irmã, com o pai, com a mãe, com a empregada que estão ali perto da sua família. É esse o *império romano* sedutor e que tem uma força gigantesca. Pensamos que se chama *internet*, mas é o próprio império romano. Amém. (04.12.05/2º. domingo do Advento)

(*) General Emílio Garrastazu Médici, que governou o Brasil entre 1969 a 1974.

(**) Departamento de Ordem Política e Social, órgão atuante durante o governo militar.

(***) Jo 11

IMACULADA CONCEIÇÃO: A FESTA DA ESPERANÇA (Lc 1, 26-38)

À primeira vista, a festa da Imaculada Conceição de Maria quer dizer-nos que, no momento em que foi concebida no seio de sua mãe – portanto, da avó de Jesus –, ela foi tocada pela graça e não teve pecado. Reparando numa criança que foi batizada, poderíamos perguntar se o privilégio de Maria foi receber a graça alguns meses antes de uma outra criança. Será isso a Imaculada Conceição? Será apenas uma questão cronológica, apenas de tempo, ou há um mistério maior? Em geral, nossas cabecinhas pequenas pensam que Imaculada Conceição é isto: nosso pecado original foi apagado no batismo, o de Maria um pouquinho antes do batismo. Isso é muito pouco!

Jesus assumiu a nossa humanidade. Ele quis mostrar, num enorme paradoxo, que, ao assumir a nossa humanidade, aceitou que, em sua linhagem, houvesse pessoas de péssima qualidade. Assassinos, adúlteros, prostitutas são os antecedentes e antecessores de Jesus. Ele não teve vergonha de entrar na estirpe humana, muito marcada pelo pecado, pelos crimes, pela maldade. De Davi até Jesus houve tanta gente desregrada, perdida neste mundo! Mas Deus quis que o último elo, aquele que iria tocar realmente o corpo de Jesus, fosse diferente. Esse elo Ele reservou para si, porque o início da vida tem que ser vida e não morte.

O início da vida de Jesus – a Vida das vidas – não pode ser a morte, isto é, alguém que tenha pecado, que seja quebrada, machucada, ferida, concupiscente, dividida, suja. A origem da Vida deve ser limpa, bela, total, completa, deve ser Imaculada. Essa é a razão. Maria não era uma pessoa comum. O seu privilégio não é como um *presentezinho* que se dá a uma criança no seu aniversário. É a sua função na história da salvação que a faz diferente. É isso que nossos irmãos evangélicos têm muita dificuldade de entender. Nós nunca tiramos Maria da história da salvação. Não a veneramos como se fosse alguma coisa fora dessa história. Deus não fez assim e não quer. Maria faz parte de um projeto maior de Deus, que é o nascimento de seu Filho. Em vista desse Filho que vai nascer, Deus nos deu aquela que vai ser mãe. Ela será amada de uma maneira especial, única, singular.

Nós somos cristais delicados. Maria é um cristal mais puro ainda. Podemos ser cristais belíssimos, como Santa Terezinha, Santa Tereza, pessoas de uma pureza maravilhosa. Mas Maria foi um cristal que não teve a mais leve mancha. Todos somos cristais maravilhosos, mas carregamos a mancha que atravessa toda a humanidade. Maria é o cálice que eu posso olhar por todos os lados e não encontrarei uma raja sequer, porque é o cálice que vai carregar o corpo sagrado do Filho de Deus, o presente mais maravilhoso que Deus Pai nos deu. Tinha que ser uma pessoa singular. É a humanidade que começa. Uma pessoa plenamente humana que carrega a esperança, a certeza de que a nossa humanidade caminha para a plenitude.

Maria mostra o caminho. Por isso esta festa é de grande esperança e de muita alegria, porque mostra que a nossa humanidade, através de Maria, atingiu a plenitude. Amém. (07.12.02/Festa da Imaculada Conceição)

O TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA

(Jo 1, 6-8. 19-28)

Esse evangelho tem uma densidade maior do que parece à primeira vista. Teríamos que entrar no universo interior de João Batista, imaginando que, desde criança, ele vai para o deserto, onde viveria imensa solidão. Cresce na solidão e no silêncio. Começa a pregar como uma voz que soa, que diz que se devem endireitar os caminhos. Mas ele se pergunta para que faz isso. Era toda a escuridão de sua vida!

Imaginem vocês, viver toda uma vida sem saber para quê se está vivendo. E não era uma vida cômoda, mas dura. Ele deveria viver uma solidão terrível! Não só externa, mas interna. Para que pregar como uma voz que soa no deserto, se ninguém escutava? Para que endireitar um caminho que ninguém iria trilhar?

Penso numa mãe, cujo filho abandona a sua casa. Todos os dias ela vai ao quarto do filho, arruma a cama, esperando que ele volte, e ele não volta. Imaginem a noite dessa mãe! Cada noite é maior que a outra. Sempre esperando, preparando, até que, talvez, ela desanima. Desfaz a cama, fecha o quarto e sente que sua vida perdeu o sentido. Por aí andava a crise de João Batista. Preparou e aplainou tantos terrenos, derramou tanta água, para quê? Até que um dia ele faz a experiência da luz e afirma que é sua testemunha. Para ser testemunha de uma realidade, é necessário que a vivenciemos, a experimentemos.

Quero fazer um corte muito grande entre testemunho e informação. Por exemplo, quando há um acidente que não presenciamos. Por informações, poderemos relatar o fato, mesmo sem tê-lo experimentado. Não estaremos testemunhando o acidente, mas relatando. Quando respondemos às pesquisas do IBGE (*) e afirmamos ser católicos, não estamos dando testemunho de nada. Simplesmente informamos a um órgão do governo brasileiro que existe um católico a mais neste país. Isso não é testemunho.

Muitas vezes pensamos que damos testemunho quando dizemos: eu sou cristão. Isso não é testemunho, mas pura informação. A informação pode nos chegar de qualquer maneira: por jornal, *internet*, televisão. As informações circulam, e para isso existem os jornais, revistas. Testemunho tem outra natureza. Significa que eu esbarro existencialmente numa realidade que impacta a minha vida. Ela mexe comigo, me toca, me diz respeito. Aí eu começo a me envolver. Enquanto uma realidade não me diz respeito, eu posso ser uma testemunha no sentido jurídico da palavra, mas não no sentido evangélico. Começo o meu testemunho no momento em que uma realidade se faz minha e eu me comprometo com ela. Não apenas se torna a minha realidade, mas nela eu invisto as minhas energias, a minha vida, a minha vontade, o meu tempo, os meus amores, as minhas qualidades. Ela me abarca, me açula, e eu a assumo também. Aí começa o testemunho.

Quando dou testemunho de algo que experienciei, vivenciei; quando essa

realidade me toca, e eu começo a falar dela, me revelo quem sou eu. O testemunho é o acesso que tenho à interioridade da pessoa. Não são essas referências que a polícia pode ter de nós, quando preenchamos uma ficha. O testemunho me conduz, me dá acesso à interioridade da pessoa. Esse acesso só se dá pela via do testemunho.

Imaginem João Batista naquela noite terrível: pregando sem saber para que, usando a sua voz para pregar no deserto! Nesse momento, começa a grande crise, e João afirma ter experimentado a luz. Ele terá tido um encontro com Jesus que transformou sua vida, dando sentido à sua pregação, ao seu batismo, à sua própria existência, porque ele experimentara a luz. Era a luz que ele precisava para viver e por ela vai morrer. Testemunhará até a morte. Isso é testemunho! De tal forma que a palavra grega para testemunho é *mártyr*. Ele foi mártir da sua palavra, da sua experiência, da sua existência. No momento em que faz isso, revela quem ele é – São João Batista. Mostra sua santidade, sua grandeza, sua interioridade.

Voltemos agora para nós. Será que informamos às pessoas que somos cristãos? Será que somente informamos às pessoas que somos católicos, que viemos à missa, apenas porque nos viram entrar nesta igreja? Alguns até ficam encostados nas paredes, pelos cantos. Será que é isso o meu testemunho de eucaristia? Qualquer um que nos vir aqui, saberá que viemos – principalmente no mundo de hoje, que em todos os lugares há câmeras nos filmando – , mas isso não é testemunho. Daremos testemunho que participamos da eucaristia no momento em que experimentarmos o que há de beleza e de luz. A experiência de luz dá sentido à vida. Quando na dor, no sofrimento, nos momentos difíceis, quando não vemos nada, de repente, uma luz brota.

Uma das coisas mais lindas que nós, sacerdotes, vivemos é esbarrar com pessoas que fizeram experiências profundas da luz. Um colega falava-me de uma senhora francesa que conhecera. Ela vivia um momento difícil com seu marido. Dirigia um automóvel, maquinando como poderiam separar-se. Já não suportava mais aquela vida. De repente, percebe que aquele era o homem com quem tinha decidido viver toda uma vida. Um momento de luz mudou totalmente a sua vida. Ela diz que todas as vezes que tem uma crise, volta a essa experiência. Esta é a importância de termos uma experiência de luz: quando estivermos no escuro, precisaremos dela. Amém. (11.12.05/3º. domingo do Advento)

(*) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

A PERENIDADE DA BOA NOTÍCIA (Lc 1, 26-38)

Interessante esse anjo: chega, fala e vai embora. Ele se retira porque deixou depois dele um bilhão de anjos. Ele se retirou porque cada um de nós aqui é o anjo Gabriel – *gabrieis* e *gabrielas*. Não se precisa mais de anjo, porque as nossas mãos são as mãos dos anjos, o nosso olhar é o olhar dos anjos, a nossa voz é a voz dos anjos. É muito simples: nós estamos aqui! Foi preciso que ele viesse porque os homens ainda não haviam percebido isso. Estavam fechados, moucos, duros, cegos, surdos, achavam que o mundo estava entregue a um deus terrível. Até João Batista pensava assim. Precisava da pá para limpar as árvores, joeirar e queimar a palha. Vem o anjo para nos dizer o contrário. “Alegra-te, Maria!” Ele fala de alegria!

Quando lia esse trecho, fiquei pensando que aqui na Terra também temos boas notícias. Só que essas são sempre misturadas. Vou dar um exemplo. Fico imaginando a mãe de um *meninozinho* chamado Adolf(*). Nasce aquela criancinha bonita, lá na Áustria. A mãe dá aos parentes uma grande notícia: nasceu o nosso filhinho, Adolf! Se ela soubesse que, anos depois, o seu filho encaminharia para as câmaras de gás, para os campos de concentração, seis milhões de judeus... Que grande notícia foi essa? Também o poeta Virgílio cantou, na sua égloga, uma era de paz do imperador Augusto: “agora sim, Império Romano, vamos viver um momento de tranquilidade e de paz!”. Que paz trouxe o Império Romano, se invadiu Israel, se matou milhares de judeus, se crucificou tantas pessoas? E Virgílio dizia que chegara uma era de grande bonança. Nas eleições passadas, o PT saiu por aí, de bandeiras vermelhas, anunciando uma grande notícia: o PT vencera e estava no governo. Agora as bandeiras murcharam todas, enlameadas. Essas são as grandes notícias humanas, as grandes notícias modernas. O Brasil vence uma Copa, é pentacampeão, candidato forte ao hexa. Quando termina a Copa tudo vai para o esquecimento da história. São gozos, alegrias, anúncios fortuitos, riscos de luz na noite escura.

Mas a notícia de hoje não é passageira. Essa é a diferença! Esse Homem, que é hoje anunciado, nunca dirá uma palavra que prejudicará alguém. Vai preferir ser crucificado, ser conduzido à morte, traído, do que destruir Judas. Não foi à “Veja”, a “Isto é”, acusar Judas de sem-vergonha e traidor. Ele é diferente! “Judas, amigo, a que viestes?” Os guardas o levam, e Ele se deixa matar. Quando é açoitado por tantos soldados, não pede que desça fogo dos céus e destrua a todos como, por exemplo, fez Elias, que tomou todos aqueles sacerdotes e degolou um por um. Ele, ao contrário, não veio para a morte de ninguém, nem mesmo de seus inimigos, nem para os que o odiaram. São apenas dois verbos que marcarão sempre a vida de Jesus: amar e perdoar. Sua gramática é pequena. Deixará todos os verbos de lado e concentrará toda a sua existência nesse amor que sempre perdoava, sanava, curava, ressuscitava, expulsava os demônios, transformava tudo em vida, beleza e graça. Quando não podia fazer,

sofria e chorava. Nem tudo Ele podia fazer, mas tinha lágrimas para chorar com os que choravam. “*Et lacrimatus est Jesus*” – e Jesus chorou quando disseram que Lázaro havia morrido. Chorou quando viu uma mãe conduzindo seu filho ao túmulo – a viúva de Naim (**). Comovia-se com as pessoas perdidas, largadas, desprezadas.

Quando lhe apareceu aquele ladrão consumado, chamado Zaqueu (***), autor de *mensalões* fabulosos, que sobe numa árvore, talvez até com vergonha por reconhecer tantas culpas que tinha nas costas, Jesus apenas lhe dirige o olhar e diz: “Desce depressa, porque eu vou jantar na sua casa!” Quando um judeu diz que vai à casa de alguém, não é essa visitinha de mineiro não, que diz: “apareça lá em casa para um cafezinho!” Quando o judeu acolhe alguém, quer dizer que aquela pessoa participa de sua intimidade, da sua vida, do seu segredo, dos seus amores e dores, das suas tristezas e alegrias. A comensalidade é a grande realidade do judeu – a refeição. Jesus entra nessa comensalidade ao lado dos publicanos. Feliz, porque anunciava o perdão a todos os necessitados.

“Alegra-te, Maria!”, porque esse Homem, essa Criança, esse Menino será bem diferente de todos os outros. É a força de Deus, é o poder do Altíssimo, é a sombra de Deus que irá cobri-la. Precisamos um pouco dessa sombra de Deus, porque muitas vezes os sóis que nos queimam e nos ofuscam fazem sofrer os nossos olhos. Precisamos dessa sombra refrescante de Deus, que é o silêncio, a contemplação, o estar próximo. Os sóis são todos esses barulhos que nos assediam todos os dias, nas televisões, nos carros que passam com os autofalantes a toda altura pela madrugada, como se fossem donos dos silêncios, das noites. Precisamos do silêncio, da meditação, da contemplação.

“Alegra-te, Maria!”, porque a sombra do Altíssimo te cobrirá. O anjo partiu e deixou-nos para substituí-lo ao longo da história. Amém. (18.12.05/4º. domingo do Advento)

(*) referência ao carrasco nazista, Adolf Hitler

(**) Lc 7, 11-17

(***) Lc 19, 1-10

O PRESÉPIO DE NOSSA HISTÓRIA (Lc 2, 1-7)

Hoje vou inverter, e vocês é que farão a homília, de uma maneira diferente. Cada um de vocês está convidado a construir o seu presépio e, depois, direi o que o Menino Jesus vai fazer nele. Não será um presépio tradicional, como estamos acostumados a ver. O presépio é a vida de vocês. Cada um irá trazendo para ele quem ou o que quiserem. Olhem para suas vidas: as pessoas que lhes fizeram bem, e as que, às vezes, lhes fizeram mal. Traga-as para o presépio. Coloquem lá as coisas que vocês amam muito e as que lhes fizeram mal também – os Herodes da vida, os fariseus terríveis. Em Nápoles, há um presépio famoso, onde há até um enforcado dependurado. Lá estão os perversos. Para o presépio de vocês tragam todas as pessoas, os animais, as coisas que fazem parte de sua existência – das alegrias e tristezas, dos amores e ódios. Enchem esse presépio!

O presépio é a vida, a vida de cada um de vocês. Não é dessas coisas bonitinhas, anódinas, inodoras, insossas, mas tem gosto, sabor, dor, alegria. Tragam tudo, mesmo que Jesus ainda não tenha chegado. Haverá presépios imensos, os das crianças serão ainda pequeninos: um anjinho, uma travessura, a mãe, um brinquedo. As pessoas mais velhas poderão ter um presépio gigantesco. Tragam os animais, os elefantes, os tigres, as onças. Quantos animais ferozes encontramos pela vida?! Tragam aquele chefe chato do emprego de vocês. Tragam aquele colega com a cara azeda, com quem têm que se encontrar a cada dia. Aquele funcionário público que nos recebe sempre com mau humor, quando vamos ao SUS (*), aos bancos. Enchem o seu presépio!

Presépio não é uma brincadeira, não é uma invenção de imaginação infantil, mas uma criação de um homem apaixonado, chamado Francisco de Assis, que trouxe para o presépio os pássaros, os animais, a pobreza que ele amava. Ele trouxe até os irmãos que o traíram. Tragam também aqueles padres que vocês não suportam, aqueles que xingam as crianças na igreja. Todos cabem nesse presépio. Os que vocês amam, os que deixaram de amar, os que não sabem se amam.

Agora chega Maria que traz o Menino e o coloca no meio. Ele é o silencioso da Palavra Eterna! É aquele que fala desde toda a eternidade e, de repente, não fala – *in fans*/infante – não fala. Pode até chorar, mas não fala, mesmo que seja a Palavra. “No princípio estava a Palavra, a Palavra estava em Deus, a Palavra é Deus” (**). Só que ela não está falando, está calada.

Do Menino irradia e exala uma luz que modificará todas as coisas. As pessoas que odiamos, já não as odiaremos, porque a luz do Menino baterá sobre elas. Aquela pessoa má, que me humilhou tantas vezes, de repente, aquela luzinha pequenina, frágil, bate no seu rosto, e ela já não será mais a mesma, porque foi iluminada e tocada pelo mistério infinito.

O mistério muda tudo, e a pessoa que amávamos e amamos, quando tocada pela luz, faz com que o nosso amor cresça ainda mais, numa luz esplendorosa,

apaixonante. Os carinhos se purificam, os amores revivem como brasas cobertas de cinzas. De repente, o sopro do *Meninozinho* faz com que aquela brasa incendeie de novo, arda e, ardendo, aqueça e ilumine. Que Menino maravilhoso!

Continuemos olhando aquelas coisas às quais estávamos apegados, que achávamos que era a nossa felicidade: aquele carro bonito, que era sua grande alegria, com o qual saía buzinando, *barulhando* a cidade. Quando a luz do Menino bate, todas essas coisas se esvaziam, perdem o encanto.

Até Fernando Pessoa, um poeta português que se dizia ateu porque nunca vira Deus, de repente, encontra o Menino, brinca com Ele e diz esta frase maravilhosa: “uma criança tão humana que é divina” (***) Essa criancinha é humana e divina. O divino toca, transforma, modifica, faz com que as coisas existam. A luzinha do Menino bate naquela pessoa que perdeu a beleza física e faz com que a beleza interior aflore. Quando a luz do Menino bate naquele velho, naquela velha, enrugadinhos, já misturando as palavras, eles se transformam num grande anjo.

Tudo, todas as coisas são tocadas pela luz dessa Criança, porque nela se manifestou a glória de Javé. Aquele mesmo Javé que arrancou o povo de Israel do Egito e o fez caminhar durante anos pelo deserto, que abriu as águas – seja do Mar Vermelho ou do Rio Jordão – e os introduziu na Terra Prometida. É esse Javé, que agora não quer mais exércitos, não quer mais dilúvios, mas coloca diante de nós a pequenez de uma criança, dizendo simplesmente: “Tão humano assim, só pode ser Deus mesmo!”. (***) Amém. (24.12.05/Vigília de Natal)

(*) Sistema Único de Saúde

(**) Jo 1, 1

(***) verso do poema “O Guardador de Rebanhos”

JESUS NOS MOSTRA O ROSTO VISÍVEL DE DEUS (Jo 1, 1-18)

O Natal, como festa litúrgica, é única, porque são várias missas e, para cada uma, há um evangelho diferente. Quando vocês vêm à missa no sábado e no domingo ouvem o mesmo evangelho. Hoje não. À noite foi um texto, pela manhã, outro; e agora ainda outro. Será que existirá uma lógica entre os três? Será que podemos imaginar como se fossem três ondas que surgissem bem por baixo e fossem se aprofundando até chegar à altura do evangelho de João? Parece-me que é assim.

No evangelho de ontem à noite (*), Lucas traçava um quadro histórico da época. Falou de Quirino, de recenseamento, de viagem, de ir à Belém – coisas que os nossos sentidos podiam ver. A pedagogia da Igreja começa com os cinco sentidos, porque somos muito carnis, muito sensíveis, muito materiais. Por isso temos que apalpar. Temos que saber que esse Menino nasceu em algum lugar, que tinha uma mãe, um pai ao seu lado, vieram pastores que não haviam encontrado lugar nas hospedarias, havia imperadores perseguindo, dando ordens. Enfim, um Menino colocado no coração da nossa história, como nós. Nascemos quando havia um prefeito, um governador. Cada um de nós pode localizar o dia em que nasceu, colocando-se bem dentro da história.

Mas o Evangelho diz que isso é muito pouco. O segundo passo traz os pastores, que vão contar para Maria o que eles viram. Já há alguma interpretação, uma maneira mais profunda de ver o evangelho. O texto diz que Maria trabalha essa experiência dentro dela. É o momento da contemplação. Primeiro é o ver, tocar, sentir, perceber. Agora, o cristão é chamado a recolher-se, silenciar-se. É a chamada Missa da Aurora, (**), porque imaginamos que as pessoas estão tranqüilas quando nasce o dia. Estão serenas, porque passaram uma noite muito bonita, *sem beber nada*. Estão tão puras que a aurora só pode ser um momento de contemplação. Nossa liturgia é muito inocente! Assim como Maria contemplou todo esse mistério, somos convidados também a meditar sobre ele.

Na terceira missa, a liturgia ousa mais ainda. Ousa demais para a nossa pequenina cabeça e diz que aquele que nasceu em Belém, aquele que estava no coração de Maria e sobre o qual ela meditava, é a Palavra, é o *logos* eterno, aquele que estava junto de Deus, por quem todas as coisas foram feitas. Vamos olhar para este Menino e saber que Ele é Criador. Todas as coisas, desde as materiais, todo esse imenso universo em expansão nesse gigantesco *big-bang* que se espalha por bilhões de anos, todas essas realidades têm a marca, a incisão deste Menino.

Paulo, em suas cartas, também vai dizer que todas as coisas foram criadas nele, por Ele, para Ele. Quer dizer que Cristo é a palavra que forjou todas as coisas e, se voltarmos para nós, deveremos perguntar quem somos. Somos *cristos* formados, marcados por esse traço divino, porque Ele é o *logos* eterno.

Não um *logos* que ficou parado na eternidade, mas se fez carne, habitou entre nós e sua glória foi vislumbrada por João. O que João quer dizer quando diz que viu a glória, é, como dizia Cícero (***) : *clara cum laude notitia* – clara, eloquente, como tantas outras? Não, essas são vaidades das glórias terrestres. Não é essa a glória de Jesus. A glória de Jesus é *qebod* – o lado visível do mistério da santidade de Deus.

Deus é um mistério tão profundo, tão misterioso, tão secreto, tão intangível, tão acima de nossas inteligências, que não podemos vislumbrar coisa alguma desse mistério. E para que pudéssemos vislumbrar o mistério de sua santidade, Ele se faz carne.

Glória é, pois, a face visível do Deus invisível. Podemos dizer que Jesus é a glória. Nele, esse homem, essa criança tornam visível alguma coisa desse mistério infinito que Moisés vislumbrou, lá no alto do Sinai, em meio a relâmpagos, que os judeus sequer conseguiam olhar. Hoje, nós, como João e outras tantas pessoas que com Ele conviveram, podemos vislumbrar essa glória. O rosto da glória de Deus tinha a suavidade de uma criança, de um adolescente, de um jovem adulto, até na sua morte. Amém. (25.12.05/Celebração vespertina de Natal)

(*) Lc 2, 1-7

(**) Lc 2, 16-21

(***) orador e político romano do primeiro século antes de Cristo.

O VOO DA ÁGUIA ALCANÇA O INFINITO DO AMOR (1Jo 1, 1-4)

Esta festa da cidade se enquadra numa moldura muito bonita: tempo de Natal, festa de São João Evangelista. Temos aí três ideias para a nossa reflexão.

Quando falamos em tempo de Natal, perguntamo-nos: onde está a originalidade para nós, cidadãos da cidade de Vespasiano? A humanidade, para chegar a descobrir os direitos humanos, sofreu e matou muito, fez muitas guerras, fez a grande revolução francesa, cortou cabeça de rainhas para dizer o que aquele Menino já havia dito há dois mil anos. Quando Jesus nasce, mostra a igualdade radical de todos os seres humanos. Deus se faz pequeno como uma criança. Naquele país, que era Israel, as crianças eram desprezadas. Não era como hoje, que temos um imenso carinho e cuidamos bem delas. Naquela época, era como se elas não existissem, eram desprezadas, abandonadas, porque não produziam. Ainda hoje, em alguns países, a realidade continua a mesma.

Deus, para mostrar a igualdade radical do ser humano, nasce criança. Poderia ter vindo adulto. Nada influenciaria no mistério da encarnação, se aparecesse um homem já em plena capacidade de trabalho, de energia, com seus trinta, quarenta anos. Mas Deus escolheu a pequenez. Aí está o fundamento último dos direitos humanos: temos uma igualdade radical, começando pelo menor de todos. Quando olho para o menor numa sociedade, vejo ali o infinito, e mais que o infinito não existe. Se uma criança vale o infinito, quem somos nós para compararmo-nos a ela? Infinito não se compara com infinito. Cada infinito é infinito. Isso é Natal!

João traz consigo a águia, que o simboliza. Quando vocês veem certos desenhos ou pinturas dos evangelistas, podem observar que cada um recebeu a imagem de um animal, e João foi considerado a águia. O que a águia tem de original para representar João? Sabemos que a águia voa alto olhando para o sol e assim adquire uma energia gigantesca, sendo capaz de sair voando para o azul infinito do céu. Isso é águia. João é aquele que tinha o olhar muito penetrante. Olhou para o sol daquela criança, daquele adolescente que ele não conheceu, olhou para o sol daquele adulto que ele conheceu, e que foi Jesus. Bebeu toda a sua grandeza com o olhar e depois voou altíssimo, ao longo de seus muitos anos de vida. Chegou aos noventa anos, deixando para nós as maravilhas que contemplou nesses evangelhos que lemos ao longo do ano. E, no final da vida, conseguiu sintetizar numa frase tudo aquilo que viu.

Quem sabe se subíssemos bem alto e olhássemos Vespasiano não veríamos apenas casas e prédios. Se olhássemos dentro de cada casa, de cada pessoa, e se o nosso olhar de águia fosse bem penetrante e entrasse no interior das pessoas, descobriríamos o que pensam, o que desejam, a que aspiram, o que são. Imaginem se tivéssemos um olhar como esse de João! Depois de viver tudo isso, disse esta

frase: “Deus é amor! Aquele que ama está em Deus, aquele que não ama não está em Deus”. Esse é João, que olha para cada um de nós e diz que, se amamos, estamos em Deus; se não amamos, saímos do seu alcance, porque Ele é amor! Não porque Deus nos expulsa, rejeite ou exclua, mas porque Ele é o infinito mar de amor. Se vocês não querem esse mar, têm que se afastar muito para esconder dele, que alcança a todos nós. Para não ser amor é preciso reagir, resistir, lutar, ser mau, porque o amor é muito maior do que a bondade. Essa é a lição de João para os vespasianenses.

A cidade, nós sabemos que nasceu na Grécia. Pelo menos, essa cidade que conhecemos, como muitas outras anteriores às cidades gregas. A cidade como conceito, como ideia política, como comunhão nasceu na Grécia, com a palavra *polis*. Nasceu de três elementos. Ela se funda no consenso, na liberdade e na igualdade fundamental de todas as pessoas. Se não há consenso, liberdade, respeito, poderemos construir casas, mas não haverá cidades.

Vespasiano só será Vespasiano se encontrar o consenso, se todos tiverem o mesmo sentido. Precisamos sentir a mesma coisa humanamente, fraternalmente, solidariamente, como pessoas que querem viver num lugar pacífico. No último jornal da paróquia, alguns vespasianenses mais antigos e provecos deram testemunho do que era a Vespasiano antiga: uma cidade consensual, fraterna. Depois chegaram multidões, pessoas estranhas, que foram, muitas vezes, amontoadas, sem nenhum planejamento. O nosso trabalho é buscar esse consenso, esse sentido de humanidade. Precisamos nos chegar às pessoas que se envolvem com a droga, com o crime, para que o consensual nos transforme. Não somos animais, não somos manipulados, não somos consumistas, feitos pela propaganda, mas consciência e liberdade.

Finalmente, somos todos iguais. O senhor prefeito está aqui, e eu já disse que a celebração não era para o governo, mas para o povo. Mas para o mundo político, todos somos cidadãos. É isso que nos une nessa igualdade radical. As nossas dignidades não nos separam, nada nos diferencia. Pelo contrário, nos faz mais povo ainda, mais próximos das pessoas porque somos os seus credores. Amém. (27.12.05)

(*) celebração comemorativa do 57º. aniversário de emancipação da cidade de Vespasiano - MG

A ÚNICA CERTEZA É O AMOR DE DEUS

(Lc 2, 16-21)

Nós estamos plantados diante de dois calendários. O primeiro tem a última *folhazinha* – 31 de dezembro quase caindo. E um calendário novinho, novinho está diante de nós. Essa é a nossa vida. Já sabemos o que foi 2005. Passamos do conhecido para o desconhecido. Esse 2005, que passou, foi como as folhas que foram caindo dessa folhinha, desse calendário. Reparem bem que a palavra folhinha tem por trás a palavra folha. Quando ouvimos falar de folha, logo imaginamos uma árvore. Estamos, portanto, diante de duas árvores. Fiquei imaginando aquela árvore do inverno europeu, sem nenhuma folha, todos os galhos secos, esticados, dos quais todas as folhas caíram. Por outro lado, olhei para a árvore dos trópicos, num verão verde, cheia de folhas: 2005/2006.

Essa árvore seca, agora sem folhas, é o nosso ano que passou. Podemos agora, com nossa fantasia, com nossa imaginação, percorrer um pouco o cair dessas folhas, isto é, o rolar dos dias. Talvez a maioria deles tenha sido comum, anódinos, iguais, rotineiros. Mas pode ser que algumas dessas folhinhas que caíram marquem um dia que nunca mais esqueceremos. Quem sabe uma mãe que teve o seu primeiro filho? Como poderá esquecer esse dia lindo? São os dias bonitos da nossa vida. As folhinhas vão caindo no aniversário, no dia de um reconhecimento, no dia em que se passou num exame difícil. Como poderemos esquecer essas folhinhas? Temos tantos dias bonitos! É o momento de olharmos para essa pilha de folhinhas que foram caindo sob os nossos olhos, todas elas com a marca do amor de Deus. Todas elas são graça, são momentos bonitos da nossa vida. Talvez seja a maioria.

Mas estamos na história, numa vida cheia de contradições, de alegrias e tristezas. Também houve aqueles dias, aquelas folhinhas que caíram e das quais nunca vamos nos esquecer: a morte de uma mãe, de um amigo, de um filho, daqueles jovens que morreram acidentados em nossa cidade. Também elas são as folhinhas da dor e do sofrimento. Mas com o nosso olhar da fé conseguiremos também ressuscitar essas folhas. Se por aquelas outras bonitas, por serem bonitas, agradecemos a Deus e para essas que parecem feias, tristes, dolorosas, o que vamos fazer com elas? Vamos dizer a mesma palavra para Deus: obrigado, Senhor! A dor me educa, o sofrimento me plasma. Eu sou construído por todo esse passado. Esse é o mistério da pessoa humana. Nós pensamos que 2005 terminou e passou. Não passou, incrustou-se! Carregamos no nosso ser, nos nossos músculos, no nosso corpo, na nossa fantasia, no nosso afeto, no nosso amor, tudo o que passou. Nós somos 2005. Não temos mais 2005. Essa é a beleza da vida humana! Tudo o que foi atrás de nós, tudo que passou antes de nós já faz parte da nossa história, e vamos carregar tudo isso para a eternidade de Deus. Aí não haverá mais folhinhas, não rolarão mais as folhas, porque Deus eternizará

tudo o que construímos de bonito, e o que não construímos de bonito poderá ser transformado em beleza. Tudo isso se transforma no amor de Deus, como se fosse uma fornalha que tudo purifica. Tudo será pureza, tudo será beleza. Isso é 2005!

2006: a folhinha está fechada! Alguns vão logo aos videntes perguntar, sondar. Não adianta. Ela está totalmente fechada. Ninguém sabe o que será nem o primeiro de janeiro. Podemos imaginar, prever, calcular, mas nunca sabemos dos pormenores, porque a folha de cada dia é desenhada pela natureza, cada dia é desenhado. E desses pequenos desenhos nada sabemos. Eu posso saber o dia do meu aniversário, mas não sei o desenho da folha desse dia. Não sei se será um desenho bonito, se será machucado, se será alegre ou triste. Não sei! E o não saber é o bonito, o maravilhoso, porque o mistério maior de todos, que é Deus, é um grande não saber para nós. Se soubéssemos quem é Deus, seríamos felizes.

Deus é de tal esplendor que as pequenas coisas que percebemos nele, em comparação com tudo o que Ele é, são como uma estrelinha perdida neste cosmo de milhões de galáxias. O próprio Santo Tomás de Aquino, um grande filósofo e teólogo, dizia que nós sabemos muito mais quem não é Deus do que quem Ele é. Um santo já dizia isso e nós, que somos ainda mais pecadores, devemos saber bem menos. Ele, que passou os últimos anos de sua vida em alta contemplação, totalmente mergulhado em Deus, disse que o que conseguira saber era nada.

Esse ano novo, apesar de desconhecido, e por ser desconhecido, é bonito, nos traz uma certeza: o amor infinito de Deus atravessa todos esses dias, mesmo que não saibamos como, nem consigamos entender. Isso é certo. Em qualquer acontecimento, em qualquer situação em que nos coloquemos, de uma única coisa podemos ter certeza absoluta: é que essa folhinha é sustentada por um Deus criador, um Deus que só cria com amor. Ele não sabe fazer outra coisa.

Com essa certeza podemos atravessar todas as praças, todas as ruas, todas as noites, todos os dias, todos os sóis, todas as luas, todos os pântanos, porque o amor de Deus nos conduzirá até a plenitude da vida. Aí sim, poderemos comemorar. Amém. (31.12.2005 - Vigília de Ano Novo)

AS SURPRESAS DE CADA DIA (Lc 2, 16-21)

Estamos já com a folhinha virada, caída: 2006! É bonito começar um ano. É simbólico! Os dias são iguaizinhos, se olharmos os astros: o sol, a lua, todos com seus movimentos que a matemática é capaz de calcular com exatidão de segundos. Não há novidade astronômica nenhuma, mas há uma novidade simbólica. Não somos seres dos astros, mas de humanidade e, para termos humanidade, os números, as datas valem pelo que significam, não pela aritmética. Poderia ser 2007, 1910, mas é 2006 – um ano que começa!

Quando começa um novo ano é como se tivéssemos uma folhinha daquelas antigas, fechadinha. Olhamos para ela e não sabemos nada que irá acontecer. Os videntes nos divertem nas televisões. Parecem fazer brincadeiras, para acharmos graça, acharmos bonito, mas não sabem nada. Esse é o grande mistério que Deus nos deu: o segredo da história! Se soubéssemos, a vida seria horrível. Imaginem se soubéssemos que iríamos morrer no dia 13 de março às 13 horas?! Já morreríamos agora! Deus é muito bondoso. Não vai nos deixar numa tensão terrível, mas nos dá a surpresa de cada dia.

Ele não quis apenas nos deixar suspensos. Quis deixar sinais, sugestões, desejos, eu diria. Pequenos *riscozinhos* de luz para que percebêssemos mais ou menos para onde caminha a grande história. Essa nós sabemos. A grande história é como os rios: vem de longe. Um Amazonas não muda de leito de uma hora para outra. Todos nós sabemos em que direção caminhará um grande rio: terá a sua foz, a sua pororoca em certas ocasiões. Sabemos por onde encaminhar o nosso barco, porque não vai mudar. Assim é a grande história. Essa caminha e dela sabemos. Caminhamos cada vez mais para uma sociedade do conhecimento, da informação, da informática, onde até uma criancinha de dois, três anos já está com o celular no ouvido. Isso se acentua cada dia mais, e não há surpresas.

Mas não são essas as coisas importantes. No começo de cada ano, podemos pegar uma agenda e programar o tamanho da nova televisão, a potência de um novo *freezer*, as modificações a serem feitas na casa. Tudo isso se pode planejar e cabe numa agenda. Mas nada disso tem importância, embora mexa com a nossa vida. Os nossos gostos, os nossos desejos são importantes, mas não é a grande e profunda realidade. Outros, talvez um pouco mais desejosos, podem planejar o que vão estudar, em se aprofundar nas ciências, na literatura e ver que o seu horizonte é um pouquinho mais longe do que o próprio nariz. Começa a preparar o vestibular, imaginar livros fortes que mexam em profundidade. Outros podem imaginar coisas ainda mais profundas, não só com cálculos materiais ou com voos intelectuais. Tudo isso é importante, mas alguém pode dizer: quem sabe em 2006 eu possa me reestruturar por dentro, reencontrar toda a minha beleza espiritual?

Este pode ser um ano privilegiado, um momento de mergulhar no

mistério infinito de Deus. Há tantos que viveram desse modo, muito mais do que imaginamos. Pessoas que andaram na escuridão, trancadas em si mesmas, fechadas na pequena realidade do seu mundo e, de repente, a bolha explode e essas pessoas descobriram o infinito mistério de Deus. Ficam paradas, boquiabertas diante desse mistério.

A grande pergunta é: quando é que descobrimos o infinito mistério de Deus? Como algumas pessoas passam à margem de Deus, como se Ele não existisse? Agostinho (*) dizia que Ele é o que há de mais interior em nós – *interior intimo meo* – mais interior do que a mais profunda intimidade. *Superior summo meo* – mais superior, o que há de mais sublime em mim mesmo. Agostinho diz que isso é Deus. Será que não somos capazes de mergulhar em profundidade, naquele momento difícil, doloroso, em que a ética leva-me a crer que não posso compartilhar de certas situações? Dói-me, eu sofro e os amigos não entendem. Aí eu paro e digo: há um Deus que me assiste.

Outro dia li um fato tão bonito: um jovem árabe – todos sabem que eles estão numa luta terrível com os judeus – foi assassinado por um outro judeu. Jovenzinho, com o corpo íntegro e a família doou todos os seus órgãos para um hospital, e um deles foi dar vida a um judeu, inimigo da sua raça. Agora a família quer visitar esse judeu, para lembrar-lhe que nele palpita um órgão de um irmão. É bonito! Passando por cima de todo o ódio, de toda a vingança, a família quer visitá-lo para encontrar nele a vida do próprio filho. É de uma beleza sublime!

O mundo não está perdido, existem pessoas assim. Existem “Médicos sem Fronteiras” (**), que deixam as riquezas da Europa e estão metidos na África, salvando os aidéticos. Onde estão as epidemias, as enfermidades, estão eles, médicos jovens, arriscando toda a sua saúde para salvar aqueles negros, para os quais ninguém lança um olhar. O mundo não está perdido! Neste *Brasil brasileiro*, aquela americana Dorothy (***) deixa os Estados Unidos, das coca-colas, dos chicletes, o império do consumismo, e se mete nas nossas selvas para proteger os indígenas, aqueles que não têm terra e acaba morrendo ferida, assassinada. Existem *dorothys* no mundo. É isso que precisamos olhar. Olhar bem dentro dessas pessoas, encontrar a sublimidade daqueles que se escondem neste pequeno cotidiano e estão por aí, semeando luz, amor, esperança.

Aqui mesmo, em Vespasiano, há jovens que passam a tarde toda tocando violão para os velhinhos do asilo, fazendo aqueles desdentados sorrirem de alegria, diante da juventude bonita, forte, que canta. Existem jovens bons, puros, que são capazes de sair de si mesmos e pensar na alegria que podem levar aos outros. Como um jovem que conheço, filho de um grande fazendeiro, vai passar as festas junto com os sem-terra, deixando a festa de sua família. Eles o abraçam porque ele vive o seu amor. Existem jovens bonitos, fortes, joviais, alegres. Não essas caras feias, tristes, estragadas, com os olhos vidrados, semeando morte por todos os lados. Há jovens transparentes, e é isso que dá esperança a esse mundo.

Oxalá, em 2006 vocês encontrem algumas dessas pessoas, que possam ressuscitar seus corações e os façam caminhar felizes por este ano adentro. Amém. (01/01/06 - Solenidade de Maria, mãe de Deus)

(*) referência a Santo Agostinho

(**) organização humanitária internacional, criada em 1971

(***) referência à religiosa americana, Dorothy Stang, assassinada no Pará em 2005

PALAVRA E EUCARISTIA SÃO ESTRELAS QUE NOS GUIAM (Is 60, 1-6/Mt 2, 1-12)

Hoje nós fomos banhados de símbolos, e eu gosto de refletir sobre eles.

A primeira leitura transforma a **história** em símbolo. O relato de Mateus transforma a **estória** – recordo de Guimarães Rosa (*) – também em símbolo.

O que foi a história? Israel tinha sido devastada pelos babilônios. Nabuconosor destrói o Templo, leva todos como prisioneiros para a Mesopotâmia, onde ficam anos, décadas, sofrendo a solidão do exílio, do cativo e da opressão. Ciro liberta-os, permitindo que voltem. O profeta, com o olhar próprio, vê essa cena maravilhosa do povo voltando. E há um pormenor tão bonito, que são as mães carregando seus bebês no colo. Aquelas mulheres chegando de uma longa viagem, com seus filhos nos braços, entrando em Jerusalém, onde construiriam a cidade, começando por um grande templo. Essa é a história. Agora vejamos os símbolos.

Quando o profeta vê isso, diz que não construiriam um templo ou uma cidade apenas. Jerusalém seria uma luz para todos os povos do mundo. A aurora que desponta, a luz que atrairia todos os povos, vindos com seus camelos e dromedários. Já imaginava multidões chegando a Jerusalém. Este é o grande sonho: Jerusalém iluminada, como centro. Mas isso não foi história, mas símbolo. Vieram os romanos, destruíram a cidade. O imperador Vespasiano e o seu filho Tito, com seus exércitos, destruíram o Templo, e assim permanece até hoje. Incendiaram a cidade, crucificaram milhares de judeus. Jerusalém, onde está tua luz? Apagou-se. Hoje, novamente dilacerada entre árabes e judeus: guerras, assassinatos, explosões, homens-bomba por todos os lados. Onde está tua luz, Jerusalém? Está totalmente apagada – ainda mais agora com o primeiro-ministro doente (***) – , onde está tua luz? Guerra, violência, destruição, opressão. Não é isso que Isaías sonhou.

Aparece Mateus dizendo que a luz não era Jerusalém, mas o Menino que nascera. Ele era essa luz, para a qual viriam povos do mundo inteiro, em todos os tempos. Aqui estamos nós. Viemos de todos os lugares do mundo para adorar o Menino. Se viemos, foi porque uma estrela nos guiou. E agora vem a pergunta: quem é a estrela?

Temos duas grandes estrelas: uma que eu li ainda há pouco, que é a Palavra de Deus. É a Bíblia, não como livro fechado. Não o livro da Paulinas, da Vozes, da Loyola. Essa é papel e tinta. É quando ela se abre, quando é lida, acolhida, meditada, que transforma a nossa vida. Saibam que milhares e milhares, senão milhões de pessoas, ao ouvirem essa Palavra, foram tocadas em profundidade e tiveram suas vidas transformadas. Essa é a grande estrela! Como certos jovens que estão lá atrás, na igreja, encostados nas paredes e portas, houve um que, de repente, ouviu o diácono ler o evangelho: “Vai, vende tudo o que tens e segue-

me!”. O jovem para e reconhece que o chamado é para ele. Vai, vende tudo que tem e se torna Santo Antão.

Outro fato bonito e bem recente: entra um homem displicentemente numa igreja e ouve a leitura: “bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus!”. O homem leva um susto e compreende que quer ver a Deus, mas reconhece que seus olhos são impuros demais, destilam sexo, estão empapuçados de pecados, só veem maldade, só buscam prazer. A sua vida se transforma, a estrela-guia apareceu para ele. A Palavra é a estrela-guia.

A segunda estrela é a Eucaristia.

Vocês não podem imaginar os milhões e milhões de pessoas que, ao receber o Cristo na eucaristia, se perguntam o que acontecerá na vida delas, que transformação acontecerá em suas caminhadas. Qual o sentido de se participar dessa comunhão, beber do vinho, comer do pão, que não é mais pão, não é mais vinho, mas a presença do Salvador? Já lhes contei várias vezes este fato e gosto de repetir, acontecido com este homem que já está junto de Deus: um grande católico brasileiro que morreu há alguns anos – Alceu Amoroso Lima. Todas as manhãs ele passava cedo, indo para a celebração da missa. Um dia alguém lhe pergunta por que tinha o rosto tão carregado de tristeza. Ele responde que talvez estivesse carregado quando ia, mas não quando voltava, porque aí a eucaristia já iluminara seu rosto e seu coração. Voltava aquele homem corajoso, que enfrentou a repressão, os militares; defendeu os oprimidos, os perseguidos políticos, porque tinha consigo o mistério da eucaristia.

Com essas duas estrelas que nos guiam, nós somos os magos. E o que significa ouro, incenso e mirra? A explicação conhecida todos sabem, e não vou repeti-la. Mirra somos nós, enquanto seres frágeis que somos. Somos mirra: frágeis, pequenos, pecadores, reincidentes, caindo, levantando, errando, desviando, ficando doentes, tristes, sofrendo. Somos mirra, sempre mirra, até o último instante.

Também somos incenso, aqui e agora. Incenso é o nosso lado de oração, de contemplação. Repararam que ele sobe? Ascende, porque acendeu. Somos chamados a sermos incenso, para subirmos como águias que voam alto para o azul do céu, para a claridade do sol. Somos incenso que perfuma e agrada, que dá sentido sagrado. Todos nós somos incensos nos nossos quartos de oração, no silêncio de meditação. Quem sabe podemos ser incenso nos ônibus, no trânsito, quando rezamos em meio a toda confusão? Paramos, pensamos em Deus.

Também somos ouro. Quanta beleza, quanta qualidade, quanta riqueza humana Deus colocou no coração de cada um de nós! Somos ouro, incenso e mirra. Com a estrela-guia caminhando à nossa frente – Eucaristia e Palavra – chegaremos ao Menino e à sua mãe. Amém. (08.01.06/1º domingo comum/Epifania)

(*) escritor e médico mineiro, nascido em Cordisburgo

(**) referência a Ariel Sharon, primeiro-ministro israelense, vítima de um

AVC

UM GESTO QUE MUDA A HISTÓRIA (1Sm 3,3b-10.19/Jo 1, 35-42)

A primeira leitura é de uma beleza que nos deixa paralisados. Para o judeu – é bom conhecer um pouco da cultura judaica –, o Templo era a realidade mais sagrada que tinham. Era um só em todo o país. Não é como aqui, em que temos várias igrejas até nas pequenas cidades. Nesse Templo estava guardada a Arca da Aliança que, segundo a tradição, continha as duas tábuas com a Lei, o Decálogo, que Deus mesmo teria escrito. É uma tradição mítica, mas importante para eles.

Um adolescente crescia, solto na imensidão do Templo. Ouve três vezes um chamado, uma palavra. Claro que não ouvia com o ouvido físico, porque Deus não tem voz física. O coração daquele menino estremeceu de repente, percebendo que alguma coisa mexia com ele. Corre até Eli, o sacerdote, o mestre, um homem que conhecia as escrituras, aquele que oferecia os sacrifícios para Deus. Nas duas primeiras vezes, Eli não se deu conta. Na terceira vez, *caiu a ficha*: “esse menino deve ser maravilhoso, é diferente. Ele está sendo tocado por Deus”. Então diz: Samuel! – *El* significa Deus, logo o seu nome já trazia Deus dentro – quando ouvires essa voz, dize: “Senhor, fala que teu servo escuta!”. Esse menino acorda para o Senhor.

Quero chamar a atenção para um pequeno detalhe: Samuel só conseguiu perceber que Deus lhe falava, porque houve um Eli na sua vida. Nós, adultos; vocês, pais e mães, mestres e catequistas são os *elis* dessas crianças. Elas ouvem muitas vezes, a da Xuxa, a dos programas de domingo, daqueles *videozinhos* que andam por aí; os mais crescidos, nas *internets*. Ouvem infinitas vezes, e como perceberão quando uma voz diferente de um Deus maior lhes falar no fundo do coração? Elas estão perdidas, os adolescentes e jovens idem. Necessitamos de *elis* que digam: agora sim, agora não!

Deus fala continuamente. Não pensem em coisas extraordinárias. Vou citar um exemplo bem pequenino, que aconteceu aqui na sacristia. As crianças sabem que, no final da missa, naquele cantinho, eu guardo um bombonzinho para elas, isso já há longos anos. Certa vez, eu trouxe uma barra de chocolate e dei para um dos coroinhas. Ele, imediata e espontaneamente, quebrou essa barra. Espantado, eu perguntei por que ele fizera aquilo. Ele respondeu-me que a outra metade era para o seu irmãozinho. Isso é ouvir a voz! Esse *meninozinho*, como toda criança, é louco por chocolate. Ele, espontaneamente, sem refletir nada, pensou no irmão, que também gostaria de comer um pedaço. É isto que eu acho que devemos mostrar a essas crianças: que elas também podem dispor de algumas coisas, por menores que sejam. Não pelo tamanho ou valor. Coisas grandes dá um Bill Gates (*), o que para ele não vale nada. Para uma criança, metade de um chocolate vale mais do que uma *limousine* para um Bill Gates, do que uma Ferrari para um Ronaldinho. O que moveu essa criança foi a voz de Deus.

Temos uma quantidade de *samuéis* por aí, como aquele real Samuel, (**), que, numa noite no carro, perguntou-me: “Padre, quem fez Deus?” A mesma pergunta me fez uma menininha, ao final de uma homilia. Duas crianças, aqui em Vespasiano, já me fizeram essa pergunta. Também uma outra, que estava morrendo e disse: “Tenho saudades de Deus!” Esses são os verdadeiros *samuéis*. Mas precisamos de mais *elis*, na vida.

Segunda questão, também bonita. André conheceu Jesus, foi tocado por Ele. Logo pensou em seu irmão. João diz, claramente, que André conduz o seu irmão, Simão, a Jesus. Imaginemos se André não tivesse feito isso: não haveria Pedro, não haveria o primeiro papa, não haveria Basílica de São Pedro, não haveria essa Igreja, da qual Pedro é uma das pedras fundamentais. Eu diria que aquele simples gesto de André, ao trazer seu irmão a Jesus, iria mudar a história do ocidente. Tudo dependeu de um simples gesto.

Eu pergunto aos pais: os seus filhos maiores conduzem os menores a Jesus? São pequenos *andrés* e *andreias*? Será que vocês, adolescentes, algum dia pensaram em conduzir seu irmão menor para a casa do Senhor; para Jesus, que está sempre aqui? Será que algum dia fomos André na vida de alguém? Será que eu trouxe algum irmão para o seio da Igreja? Esses irmãos que estão por aí, perdidos, nos subúrbios existenciais? Eu sei de muitos que conduziram seus filhos à *zona*, ao pecado, à decadência moral, à droga. Agora eu quero perguntar: onde estão os *andrés* de 2006?

Terceira questão: quem chega? Chama-se Simão, tem um pai que se chama João. Jesus estende a mão e diz logo, olhando fixo para ele: “Simão, filho de João, tu és Pedro!”. Muda o seu nome. Para o judeu, mudar o nome não é apenas ir ao cartório, porque não gostou de se chamar Terebentina e resolve mudar para Gisele. Quando o judeu recebia um nome, recebia uma missão. Imaginem o susto de Pedro ao receber o nome de *Cefas*, em hebraico; *Lithus*, em grego; *Petra*, em latim. Ele deveria perguntar a si mesmo: “serei pedra de quê?” Mas ainda não chegara a hora. Talvez hoje nós entendamos melhor que Pedro. Ele nunca poderia ter imaginado que, daquela *pedrazinha* que ele era, surgiria a gigantesca Basílica de São Pedro, que está construída sobre o seu túmulo. A maior basílica do mundo foi construída sobre essa pequena pedra, chamada Pedro.

Ao chegar diante de cada um de nós, que nome o Senhor nos daria? Que missão Ele nos conferiria? Com que nome Ele nos sagraria hoje, para sermos missionários em nossa cidade? Fica a pergunta, a resposta só vocês sabem. Amém. (15.01.06/2º.domingo comum)

(*) milionário norte-americano, dono da empresa Microsoft

(**) referência a uma criança da Paróquia

O REINO DE DEUS NOS DESVELA A REALIDADE

(Jn 3, 1-5.10/1Cor 7, 29-31/Mc 1, 14-20)

A primeira leitura merece uma reflexão, para que não saíamos com uma falsa idéia de Deus. Muitas vezes, entendemos, ao pé da letra, o que está na Bíblia. Nós nos esquecemos de que é um livro escrito ao longo de mais de mil anos, em culturas diversas e que, muitas vezes, reflete mais a maneira de quem escreve do que a própria idéia de Deus. Se entendermos ao pé da letra, parecerá, por exemplo, que Deus quer destruir Vespasiano. Aí aparece alguém, atravessa a cidade e diz às pessoas que elas devem mudar de vida, ou esta cidade será destruída. Todos, animados, se convertem, e a cidade fica maravilhosa. Parece assim, mas não é.

Deus é o único que nunca nos ameaçará. Ele nos converte pela vítima, não pelo algoz. Ele nos converte, quando está na cruz, não quando está glorioso. A vítima é quem converte o algoz e não vice-versa. O grande erro da nossa civilização é achar que, prendendo os criminosos, colocando-os atrás das grades com o poder da polícia, irá mudá-los. Sairão piores, porque o poder não converte ninguém. Ao contrário, perverte, como tantos que subiram ao poder e perverteram-se. Quem converte é a criança, é o pequeno, é aquele que não tem armas.

Martin Luther King, um negro, mudou a consciência racial dos Estados Unidos. Sem nenhum tiro, morrendo assassinado. Uma mulher negra entrou num ônibus, também nos Estados Unidos, e sentou-se onde não poderia, porque era um lugar reservado aos brancos. Veio a polícia, arrancou-a, e essa mulher mudou a lei do Estado. Foi presa e, no silêncio de sua prisão, na vergonha da lei americana, mudou a realidade. Não pensem que Deus tinha o projeto de destruir Nínive. Ele só quer nos salvar e se comove diante da pequenez.

A segunda leitura também merece uma explicação. Muitos leem esse texto e ficam desesperados, pensando que não podem mais namorar, não podem mais fazer compras. Temos que compreender que Paulo fala de uma situação iminente. Vamos imaginar que estivéssemos nos estertores da morte. Não precisaríamos mais fazer compras. Ele fala de uma situação limite, e, nas situações limites, nós descobrimos o último valor, que é Deus. Mas nas situações normais, esse valor passa e atravessa todas as realidades. Também as compras, também os amores, também as relações. Em tudo isso Deus está presente. Mas haverá um momento, para o qual caminhamos, e no qual nenhuma dessas realidades valerá, porque estaremos frente a frente com a transcendência, para darmos o último passo. Aí valerá o que somos, e nada mais.

Há uma figura bonita no evangelho. Quando Jesus aparece, quem ocupava e enchia o cenário não era Ele, mas João Batista. As multidões iam a João

Batista. Havia filas para que ele batizasse as pessoas. Também Jesus entra nesse movimento e torna-se seu discípulo. Ele não tinha espaço para começar, pois o espaço era de João. Marcos entende isso e pensa em como abrir espaço para Jesus. Fecha a cortina do primeiro ato e abre para o segundo. Fecha a cortina do primeiro ato com a prisão e martírio de João.

Vocês, jovens, muitas vezes, só crescerão, só serão gente, se a cortina do primeiro ato se fechar, no momento em que descobrirem sua autonomia, com liberdade e responsabilidade. Enquanto dependerem de pais, mães, escolas, de alguém que os subsidie, ainda não serão gente. João Batista precisou ser preso. Mas é claro que ninguém irá prender vocês. Só que chegará um momento em que terão que parar e saber que ninguém decidirá por vocês. Pensem nisso! Nem um pai, nem uma mãe poderão decidir pela profissão, pelo amor, pelo futuro, pelas grandes escolhas de vocês. Vocês carregam essa responsabilidade, não eles. Não empurrem ao Estado, à escola, aos professores, uma responsabilidade que vocês têm que assumir com as próprias mãos.

O tempo chegou à plenitude. A palavra grega é bonita: *pleroma*. O tempo chegou para a grandeza. Agora Jesus pode aparecer, pode ser, pode mostrar-se. Simbolicamente, João termina a sua carreira, e Jesus começa a falar. O discurso de Jesus começa pela profundidade, e Ele faz três afirmações: “O Reino de Deus está próximo”, isto é, está colado a nós. Em português, próximo tem dois sentidos: de tempo e de espaço. Quando eu digo que um acontecimento está próximo, pode significar uma semana, um ano. Depende da medida de tempo de cada um. Próximo também pode ser espacial: vocês estão próximos uns dos outros. Jesus quer dizer que o Reino de Deus colou-se a nós. Está como que nos envolvendo no tempo e no espaço. Reino de Deus é Ele falando, mostrando quem é nos acontecimentos. Ele tira o véu que cobre a realidade.

Precisamos tirar o véu, não podemos ficar presos à maneira como a imprensa nos passa os acontecimentos. Ela nos cega, nos engana, é *bigbrothermente* interessada em que os olhos se voltem para ela o tempo todo. Muitas vezes, o único interesse é o dinheiro. E vocês, bobamente, se deixam embebedar pelas gotinhas destiladas a cada instante. Arranquem esse véu! O reino de Deus é ter olhos para ver a realidade, é descobrir o que existe, o que está acontecendo, quais são os interesses, quais são os engodos, as mentiras, o dinheiro que rola, quem está ganhando. Quem está aparecendo nessas CPI's da vida, muitas vezes, são pessoas que querem mostrar uma ética que nunca tiveram. O reino de Deus tira todas as máscaras. Somos o que somos, e nada mais. *To be or not to be* – ser ou não ser, essa é a questão, já dizia Shakespeare. Quando esse escritor inglês pensou nisso, foi uma genialidade. É ser ou não ser, não se encher. Não é *to have*, mas ser ou não ser, já dizia esse grande dramaturgo inglês.

Jesus continua: “Convertei-vos!” Mudai de direção! Vocês sabem dirigir, e a primeira coisa que aprenderam foi mexer no volante, pois não podem ir em frente continuamente. Muitas vezes é preciso mudar de direção. Converter-se é

mudar de direção, quando necessário. Mas converter-se de que maneira? “Crede no Evangelho”. Não no livro. *Euaggelion*: eu – boa; *aggelion* – notícia. Boa nova. É uma novidade que eu quero mostrar para vocês. É isso que eu quero que aceitem. É uma novidade que não conhecíamos, e talvez ainda não conheçamos. É que tudo o que fazemos de bem não termina. Os amores verdadeiros não desaparecem nunca. Quem nunca amou, nunca entenderá essa realidade. A única realidade nova chama-se amor, aliás, o tema da primeira encíclica do Papa – *o theos agape estin* – Deus é amor. Esse amor nos faz sair de nós mesmos, nos abre para os outros, para acolher a verdade, o bem, a beleza, o perdão, a reconciliação, a ternura. É ser para fora de si. As pessoas que amam se alegram.

“Convertei-vos. Crede no Evangelho!” Não podemos fazer isso sozinhos. Venham os *andrés*, venham os *simões*, os *tiagos*, os *joões*. Precisamos de *tiagos*, de *simões*, *joões* e *joanas*, pessoas que atravessem a cidade de Nínive, como os profetas, como Jonas, para dizer: ou a comunidade de Vespasiano se modifica ou o nosso horizonte será muito escuro. Amém. (22.01.2006/3º.domingo comum)

OS RUMOS DOS NOSSOS CAMINHOS

(1Cor 7, 32-35/Mc 1, 21-28)

Começarei com um toquezinho sobre a leitura de Paulo, porque, se não a entendermos bem, poderemos levar uma ideia equivocada. A princípio poderíamos pensar que São Paulo não quer que ninguém se case. Seria uma maneira de terminar com a humanidade, nem nós estaríamos aqui. Então, não pode ser isso. Gostaria de chamar a atenção para o seguinte: ele fala que homem e mulher casados se preocupam. Coloca essa palavrinha: preocupa, e precisamos nos deter na sua etimologia. Preocupar é *ocupar pre*. É me ocupar antes de ocupar, o que é uma grande burrice. Se eu me ocupo antes de me ocupar, quando for realmente me ocupar, estarei duas vezes ocupado. São Paulo nos diz que não devemos nos preocupar nunca e com nada. A preocupação desgasta, cansa, nos torna neuróticos, nervosos, deprimidos, esgotados, com as caras feias. Tudo isso causa a preocupação. Não deveríamos nos preocupar com nada nem com ninguém. Vejam que difícil!

Agora vamos tomar um verbo novo: nós devemos cuidar das pessoas. Quem gosta de cultura e lê, sabe que, das éticas mais desenvolvidas, a que está mais em moda é a do cuidado. É uma das máximas do budismo, no que ele tem de excelente, que é o cuidado e a compaixão. São dois grandes valores sobre os quais o Dalai Lama (*) andou escrevendo e falando pelo mundo inteiro. Os povos ocidentais tinham se esquecido muito destas duas dimensões: o cuidado e a compaixão. Eu diria, interpretando São Paulo nos dias de hoje: esposos e esposas, namorados e namoradas, noivos e noivas, amigos e amigas, não vos preocupeis, mas cuidai! E que coisa é cuidar? Cuidar é antecipar-se ao desejo, ao gozo, à esperança, às utopias, aos sonhos do outro. Eu tenho tal fineza, tal perspicácia, que sei o que vai agradar àquela pessoa. Antes que ela saiba que eu vou agradá-la, eu já pensei em fazê-lo.

O modelo ideal, a grande metáfora do cuidado é a mãe com o seu nenozinho. O neném nem chorou, ela já está dando-lhe o peito. O neném nem sujou, ela já lhe troca a fralda. O neném nem se mexeu na cama, já está ela, solícita, cuidando, captando aqueles olhinhos faiscantes. Coloquem diante de si a matriz, sobretudo, da mãe jovem, com seu primeiro filho, para o qual ela se desvela e revela. Essa é a metáfora do cuidado. Isto São Paulo nos diz: que nós, adultos, velhos, anciãos, prolectos, devemos olhar para essa juventude, para essas criancinhas lindas e aprender a cuidar delas, a pensar no que poderemos fazer para ajudá-las a crescer.

Sobre o Evangelho, tenho apenas duas considerações.

A primeira coisa é que Jesus entra na sinagoga. Não é a sinagoga que vai a Ele. Poderíamos pensar que, se é Filho de Deus, todo o povo deveria ir a Ele, que é o centro. Não! Ele vai à sinagoga, como vocês vieram à igreja. Temos que

sair de onde estamos para irmos para outro lugar. Sair, caminhar, subir. Uma das metáforas mais lindas da história da humanidade é a estrada, o caminho, a caminhada. Na História do Brasil, tivemos grandes andarilhos, como Antônio Conselheiro, de Canudos (**). Ele atravessava as cidades nordestinas, andando, caminhando. É como se ele fosse construindo uma estrada com seus passos.

Há um grande poeta espanhol, Antonio Machado, talvez um dos maiores poetas do século passado, que disse uma frase pequena: “*Camiñante, no hay camiño. Se hace camiño al camiñar*” – o caminho se faz ao caminhar. Não existem caminhos, eles começam quando começamos a caminhar. Jesus passou a vida caminhando. Será que nós vamos às pessoas? Será que vamos a lugares que nos fazem crescer? Se fizéssemos uma radiografia, uma cartografia, uma geografia das nossas caminhadas, será que nos envergonharíamos desse mapa? Abram diante dos seus olhos o mapa de todos os caminhos que vocês percorreram na semana, no mês, pela vida afora. Construam esse grande mapa, olhem para ele e perguntem-se: é bonito ou feio? Marquem os seus pontos terminais. De quanta coisa nos envergonharemos? Quantos lugares escusos freqüentamos, dos quais hoje nos envergonhamos? Ou será que é um mapa bonito, cheio de rosas, pontilhado de luz? Que coisa bonita é um caminho, em que toda caminhada foi sempre em busca de alguém, de uma luz que ajudasse alguém a crescer! Isso é que é caminhada. Quando refletimos sobre os nossos passos, mesmo que sejam trôpegos, comprometidos pela idade, eles sempre devem ser em direção às pessoas.

Não somos caranguejos, não somos retrógrados, não andamos para trás. Avançamos, caminhamos, crescemos. E crescendo, deveríamos encontrar as pessoas. Estamos numa cultura do anonimato, do silêncio. Não por falta de som, mas por excesso. Repararam que o excesso de som produz silêncio? Quando vocês entram nessas discotecas, encontram uma beleza de sons, de barulho, de luzes. Mas não se pode conversar nada, porque o barulho é tão grande, que a voz não chega ao ouvido nem de quem está ao lado. O barulho gera silêncio, esterilidade de palavras, de comunicação. Impressionante do que é capaz o ser humano!

Passemos para o segundo ponto: Jesus ensina como quem tinha autoridade! Aqui cabe uma distinção, que talvez eu já tenha feito, já que lhes falo há tantos e tantos anos. Eu gosto de distinguir poder de autoridade. Pelo poder eu faço valer a minha vontade, seja ela justa ou arbitrária. O professor chega na sala e diz para os alunos se calarem, e todos se calam; diz para eles se assentarem, e todos se assentam. Isso é fazer valer a vontade. O guarda apita, e todos param o carro, porque ele tem o poder. Mesmo xingando, todos obedecem. Quando alguém veste uma farda, passa a ter todo o poder sobre nós. Pode nos dizer “*teje preso!*”, com todos os erros da gramática, que prevalecerá o poder.

Não é isso que o evangelho fala de Jesus. Por isso eu não gosto de expressões como Deus dominador, e mesmo Deus Todo Poderoso. Autoridade

vem do verbo latino *augére* – *auctum* – *auctoritas*, que significa fazer crescer. Portanto, autoridade é fazer o outro crescer. Um pai pode dizer ao filho: você não pode sair! Isso é poder. Pela autoridade, ele vai se aproximar do filho e explicar-lhe os motivos de não poder sair. Assim estará ajudando-o a ser ele mesmo, não apenas exigindo obediência. O poder faz o outro obedecer, porque eu quero. A autoridade faz com que o outro assuma o que ele mesmo é. Inverte-se o movimento. Era isso que Jesus fazia e, por isso, fascinava. Ele nunca impôs leis, regras, costumes aos outros. Quando os apóstolos pegam trigo, contra todos os costumes da época, apertam-no nas mãos e o comem num dia de sábado (***), os fariseus – esses sim, tinham poder – criticam, e Jesus nem se deixa tocar. Que mal poderia haver em apanhar e comer trigo num dia de sábado, se eles estavam com fome? Jesus se importa em como as pessoas crescem. Autoridade vai nessa linha.

Termino com uma distinção entre profissão e vocação. Vocação vai do lado da autoridade. Profissão vai do lado do poder. Se tivermos uma profissão, teremos poder. Se tivermos vocação, teremos autoridade. Amém. (29.01.06/4º. domingo comum)

(*) líder religioso budista, nascido no Tibete

(**) líder do movimento camponês de Canudos, iniciado no interior da Bahia, em fins do século XIX

(***) Mt 12, 1-8

NO MEIO DO POVO E DIANTE DE DEUS

(1 Cor 9, 16-19.22.23/Mc 1, 29-39)

Esse evangelho tem uma beleza única, singular. Descreve o drama de um dia de Jesus em três atos, aliás, bem clássico. Os dramas são sempre apresentados em três atos, para mostrar uma certa plenitude.

Primeiro ato: Jesus se compadece com o sofrimento das pessoas. Nesse momento de compaixão, de proximidade do Senhor com as nossas misérias, com as nossas fraquezas, Ele toma um *banho* de povo, de sofrimento humano. Deixa que as dores, as mortes, as solidões, as faltas, as carências de toda aquela multidão venham bater na rocha de seu coração, como se fossem ondas que se quebrassem. Ele recolhe, guarda, olha, capta o que as pessoas sofrem. É a experiência que cada um de nós faz, uns mais, outros menos. Há profissões – como os psicólogos, médicos, nós, sacerdotes, talvez alguns advogados – que se aproximam muito do sofrimento humano. Quando eu atendo às pessoas, quando tantos batem à nossa casa, elas vêm quebradas, sofridas, machucadas, desfeitas. É isso que Jesus quis experimentar. Ele, que era eternidade, que era pureza, o Filho Unigênito do Pai, não deveria saber que coisa é sofrimento. Quis despojar-se dessa divindade, dessa infinitude divina para ficar bem perto de nós. Imaginem Ele, em pé na praça diante daquela multidão. Naquela época as doenças eram horrorosas. Não havia hospitais, curativos. As feridas se expunham, e as pessoas viam o sofrimento muito mais fortemente. Se, passando nas portas de hospitais, hoje com tantos cuidados, já vemos tanto sofrimento, imaginem naquela época, quando esses cuidados, essa medicina não existiam. Jesus *bebe* do sofrimento humano!

Segundo ato, mais bonito ainda: depois que as pessoas se vão, Ele se arranca, guarda no seu silêncio aquele mistério de dor e sabe que não pode ficar sozinho com tudo aquilo. Nem mesmo Jesus aguentou ver sozinho tanto sofrimento. Parece que precisamos encontrar alguém, falar, fazer sair. Também Jesus viveu isso. Mas não saiu gritando nas praças, como um enlouquecido, não foi às televisões, às rádios proclamar a dor humana, como vimos aquela criancinha deixada nas águas da lagoa da Pampulha. Ele não fez isso, pois não era histérico, não era teatral. Recolheu-se no silêncio da montanha para abrir seu coração a seu Pai – Deus Pai Eterno. Passou a noite rezando. Esse mistério de Jesus rezando para entrar no sofrimento humano é de uma beleza enorme! Quando pensava esse evangelho, comecei a imaginar todos esses contemplativos. Ontem mesmo, recebi o convite de um juvenzinho que vai professar seus votos numa Trapa, perto de Curitiba – uma das ordens mais severas. Acordam às três da madrugada, quando estamos mergulhados no mais profundo sono, e ficam de braços erguidos, carregando o sofrimento da humanidade diante de Deus. Essa é a vida contemplativa da Igreja. Eles estão lá, calados, silenciosos, mas falantes

diante de Deus. Falam da nossa dor, nos substituem. Carregam tanta miséria, tanto silêncio de pessoas que nunca pensaram em Deus. Pensam pelos que não pensam, amam pelos que não amam, rezam pelos que não rezam, dirigem-se ao Pai pelos que não sabem que Deus é Pai. Esses contemplativos estão como Jesus, no alto da montanha, como Moisés, que carregava todo o pecado do seu povo, de cabeça dura, de cerviz rígida, que era o povo judeu. Imagino Moisés no alto do Sinai, do Horeb; Jesus no alto da montanha e os contemplativos. Eu acho que cada um de nós poderia ter uma pitadinha de vida contemplativa. Façam essa experiência! De repente, no silêncio da noite, abram os braços e digam ao Pai que estão ali, agora, carregando as dores, os sofrimentos de tantas pessoas que não conseguem dormir, estão rolando na cama, têm que tomar remédios para conciliar o sono, estão navegando nessas vidas de pecado. Estão ali rezando por elas, carregando os crimes, os assassinatos. Tudo isso carregam diante da face de Deus. Que vocação bonita! O cristão é aquele que se ergue diante do Pai para carregar as dores do mundo. Mas Jesus não parou aí.

Terceiro ato: depois que Ele se embebeu de seu Pai, depois de se encher de experiência divina, os apóstolos vão sacudi-lo, e Ele vai convidá-los a evangelizar. Agora sim, estava novamente com força, com energia, com coragem para andar de cidade em cidade, caminhar, tomar o barco, deixar Cafarnaum, onde estava, e ir para outras cidades anunciar o evangelho. É o que Paulo diz: “Ai de mim, se eu não evangelizar!” Mas antes se embebeu de povo, antes se embebeu de Deus.

A evangelização e a pastoral ficam vazias quando não tomamos essas duas medidas anteriores. Sem povo e sem Deus a nossa evangelização é, como diz Paulo, um sino que bate e o som se perde no vazio. Precisamos experimentar a dor das pessoas e a presença de Deus para termos coragem de evangelizar. Em cada eucaristia é isso que celebramos. É para isto que convido vocês: que carreguem hoje um pouco de tanta miséria, de tanta corrupção, de tanto vazio. Tragam para o altar, apresentem ao Senhor e saiam alegres, felizes, anunciando a salvação e esse Jesus de que vocês se alimentaram. Amém. (05.02.06/5º. domingo comum)

ENCONTROS DE INTERIORIDADES

(Lv 13, 1-2.44-46/Mc 1, 40-45)

Ouvindo esta narração, parece-nos uma coisa óbvia, direta, imediata. Mas é um jogo muito bonito que Marcos nos faz ver. São duas exterioridades que se encontram e duas interioridades que se interpelam.

Nós temos uma exterioridade que a natureza nos deu: a pele. Reconhecemo-nos pela pele, e, se a retirássemos, ninguém nos reconheceria. Ela é a nossa exterioridade natural que, ao longo dos anos, vamos ver desenvolver, crescer, enrugar. Enfim, a pele mostra como somos. Mas, como seres estéticos, humanos, envolvemos essa pele com outras exterioridades, que são as nossas roupas, maquilagens, toques e retoques sobre nosso corpo. Essa é a nossa exterioridade. É assim que encontramos as pessoas: vestidos pela natureza, ornados pela arte, pela cultura.

Dois exterioridades se encontram nesta liturgia. A primeira nós encontramos na leitura do Levítico: aquele homem com o cabelo desgrenhado, roupas rasgadas, estava longe, só podia falar gritando, tocando os sinos para que a sua exterioridade repelisse, afastasse de si qualquer outra exterioridade. É a solidão do leproso!

Quanto hoje, na nossa cultura, vivem essa exterioridade que rejeita, afasta?! Outros vivem tão deprimidos, que ninguém quer aproximar-se deles. Outros, tão miseráveis, cheiram tão mal, que ninguém quer chegar perto. Vivem trocando pés e mãos pelos caminhos, se arrastando pelas ruas, e ninguém os quer encontrar. A exterioridade afasta, isola. Jesus se aproxima, pois Ele não teme nenhuma exterioridade, nem desse homem que a lei mandava afastar-se do mundo humano. Jesus se aproxima e o toca. A mão divina do Senhor toca um homem que cheira mal, um doente. Duas peles se encontram.

Nós, do Ocidente, por razões culturais, temos muita dificuldade no toque. Afastamo-nos ou temos toques que não querem dizer nada. Não conseguimos ter um toque bonito, da pureza de corpos que se tocam em espiritualidade. Imediatamente, passamos, afastando os corpos para uma decadência imoral que os levarão à prostituição vergonhosa. Como seria bom se conseguíssemos nos tocar puramente como Jesus tocou aquele homem! Ele não temia tocar as pessoas, não temeu uma prostituta. Deixou que ela o tocasse, que lavasse seus pés e os enxugasse com seus cabelos. É comovente aquela mulher perdida debruçada sobre os seus pés, beijando-o carinhosamente (*). Nós perdemos muito com isso. Os antigos, os índios, as primeiras culturas eram assim. O Ocidente, a partir dos séculos XVI, XVII, introduziu a perdição, a pornografia nas nossas relações. Os nossos olhos já não conseguem ver os corpos com pureza. Os índios andavam nus, e isso não os afetava. Temos vergonha, porque tornamos os nossos olhos, os nossos corpos impuros. Como seria bonito se recuperássemos a pureza do toque!

Se vocês namorados, noivos, esposos agissem como dois seres de Deus que se tocam. Quando Jesus toca, é com pureza, e o seu toque limpa, não suja. Que lição para vocês, jovens, terem toques mais limpos e não sujos!

Nesse toque de Jesus, duas exterioridades se encontram, mas também duas interioridades vão se tocar também. Não vemos a interioridade, mas intuímos, descobrimos, percebemos, através de indícios. Quando aquele leproso se aproxima da interioridade de Jesus, percebe e interpela: “Se Tu quiseres, podes me curar?”. Olhem que coisa bonita! Já não era exterioridade, mas interioridade. Jesus quer e o cura. A interioridade de Jesus olha para a do leproso e o cura. De um lado, um pedido, um desejo, uma busca; do outro, a resposta, a entrega, o encontro.

Quando nos encontramos nesse nível, em que os desejos profundos encontram no outro respostas profundas, as interioridades resgatam os deprimidos, os separados, os marginalizados, os perdidos, para a interioridade e o convívio. É disso que precisamos hoje, porque há muitas exterioridades impedindo que as interioridades se encontrem. São as exterioridades midiáticas. Gostaria que vocês pensassem muito mais nisto: como a midiática, isto é, a eletrônica, está afastando as pessoas, substituindo encontros pessoais por virtuais. Gera um grande vazio, porque confundimos dois substantivos: formação com informação. Como confundimos essas duas coisas! Informar é importantíssimo, mas é superficial, é horizontal. Eu posso me informar e preciso estar informado, mas a informação não forma ninguém, apenas enche a minha cabeça de dados, mas não me forma. Eu me formo quando começo a pensar, e pensar é ser capaz de voltar às informações e julgá-las, criticá-las, analisá-las, situá-las, estruturá-las, organizá-las dentro de um sistema maior. Isso é pensar, isso é formar!

Quantas horas passamos bebendo informações nas *internets* da vida, nos *videogames*, nas revistas e televisões?! É só informação! A Globo (**) não forma ninguém, ela até deforma, quando nos passa uma quantidade de horas *big-brothermente* informadas. Vocês ficam sabendo da intimidade daqueles que se beijam, se esfregam. Tudo isso vocês ficam sabendo, mas não forma a consciência de ninguém. O nosso sentido crítico não consegue perceber a história: de onde viemos, para onde vamos, onde estamos? Alguém consegue perceber o momento que estamos vivendo, a crise fantástica que estamos vivendo, esse fim de civilização, esse término de ciclo dos pré-socráticos até hoje? Alguém percebe isso? Já ouviram falar disso? Nunca! A televisão nunca vai nos dizer que estamos fechando um grande ciclo no Ocidente, que estamos caminhando num grande ciclo que não vemos, mas que poderíamos perceber.

Essas duas interioridades – de Jesus e do leproso – nos ensinam a redescobrir um encontro mais que de corpos, mas de espíritos. Amém. (12.02.06/6º.domingo comum)

(*) Lc 7,36-8,3

(**) referência à Rede Globo de Televisão

SOMOS CARREGADOS PELOS BRAÇOS DA FÉ

(Mc 2, 1-12)

Nós pensamos que só os homens da modernidade escrevem bonito, como os *shakespeares* (*) da vida. Também os antigos, e, sobretudo eles, escreviam muito bem, com muita sutileza. Vou tentar mostrar-lhes onde estão as sutilezas e como Marcos mostra algo original.

Uma primeira coisa que me impressiona nesse evangelho: Jesus frequentou pelo menos duas grandes escolas, não a Escola Estadual “Machado de Assis”, porque Ele não pôde vir a Vespasiano. Durante trinta anos, Ele frequentou a escola da família e aí aprendeu a conviver. Como diríamos em sociologia, Ele passou pela socialização primária e secundária. A primeira é essa que as crianças fazem através de gestos, olhares, abraços, carinhos, de perceber e observar. Essa socialização primária é a mais importante de todas, muito mais que a secundária. A secundária é letrada, é na escola. É aprender a ler, a escrever. Começa-se a soletrar, aprende-se um pouquinho de aritmética, história. Jesus aprende a ler nas escrituras. Hoje nós esquecemos essa lição da vida. Quanto mais vocês, pais, investirem na socialização primária das crianças, mais humanas elas serão, mais serão gente, integradas, mais conviverão com as pessoas, serão amigas, abertas, acolhedoras. Quando uma criança é muito rebelde, ela afasta as pessoas. Desconfiem que alguma coisa falhou na socialização.

Foi nesse momento que Jesus também aprendeu a conviver. Provavelmente, como podemos perceber pela escritura, Ele não viveu numa família bonitinha. Naquela época, dificilmente alguém morava sozinho. As pessoas eram pobres, e o evangelho fala em irmãs e irmãos de Jesus. Não eram irmãos no sentido sanguíneo, mas, provavelmente, primos e primas que moravam na mesma casa. Terá convivido com seis, sete irmãos na mesma casa, com todos os problemas de uma convivência de muitas pessoas. É isso que o preparou para uma segunda escola: essa de que fala o Evangelho.

Diante da porta de sua casa estava uma multidão. Jesus aprende com o povo. Nós estamos perdendo esta dimensão, que tínhamos muito: de acolhida, de convivência, de abertura para as pessoas. Estamos cada vez mais isolados, mais fechados, não olhamos para ninguém. Guardem uma frase que eu li, de Leonardo Boff, e que muito me impressionou. Ele diz que o não olhar uma pessoa é o ato mais forte de desprezo. É dizer que ela não existe, que é nada. É mais que morte. Aquele para o qual eu não olho, é como se não existisse. É terrível isso!

Cada dia mais a nossa sociedade olha menos para as pessoas. Estava agora voltando de Porto Alegre, onde aconteceu um bonito congresso, com mais de trezentas igrejas cristãs do mundo inteiro, pela primeira vez na América Latina. No aeroporto, encontrei duas juvenzinhas comprometidas com a causa dos aidéticos, vendendo adesivos. Abordavam as pessoas, e muitos nem as olhavam,

enquanto elas, num ato de generosidade, gastavam o seu tempo, a sua energia, a sua juventude, a sua beleza para tentar ajudar os aidéticos. Passavam por elas executivos cheios de dinheiro, com as suas pastinhas e nem as olhavam. Eu pensava na grandeza dessas meninas e na baixaza desses homens. Tão carregados de dinheiro, de *lap-tops*, de celulares, enquanto essas *meninazinhas* traziam apenas simples adesivos nas mãos. Que diferença! Que grandeza elas mostravam diante da baixaza daqueles homens! Nós achamos bonito: ternos, gravatas, sapatos! Isso não vale nada diante do Senhor, enquanto aquelas duas meninas carregavam o mundo, o carinho, o amor. Elas entenderam o que aqueles homens nunca entenderam. Eles correrão atrás de seus dólares pelo resto da vida e continuarão terrivelmente infelizes. Serão mais infelizes naquele último lance, quando esbarrarem com o fim da caminhada. Quando abrirem a janela da eternidade, encontrarão a vacuidade da sua existência. Que terrível! E aquelas *meninazinhas*, pelo amor e dedicação, terão o coração carregado de esperança.

Segunda coisa: olhem que Marcos diz que Jesus ficou tocado com a fé dos quatro homens que carregavam o paralítico e lançou o olhar sobre eles. É interessante isso!

Fico pensando em nós, adultos. Será que carregamos as crianças, os jovens, os adolescentes, com os braços da fé? Será que somos como esses quatro homens, que carregam os paralíticos, os que estão entrevados, que não andam, não amam, os que não conhecem, os que não desejam o bem? Será que os carregamos na oração, no desejo, na busca de ajudá-los? Se o fizermos, o Senhor olhará para nós, para a nossa fé. Pela fé daqueles quatro homens, Jesus olhou para o paralítico e lhe disse: “Homem, os teus pecados estão perdoados!” Ele não pedira perdão nenhum, queria apenas ser curado. E aqui uma sutileza genial de Marcos: a cura é externa, e Jesus não fazia uma cura externa. Ele tocava as pessoas por dentro. Hoje Ele quer nos dizer que primeiro mostraria que aquele homem se transformara interiormente. Quando esbarrou com a pureza, com o brilho do olhar de Jesus, ele se arrependeu e, depois de ter se transformado interiormente, teve condições de se levantar, tomar sua cama e andar.

Quantas vezes poderemos fazer isso para as pessoas?! No dia em que carregarmos essas crianças no nosso carinho, na nossa fé poderemos dizer: Crianças, levantem, caminhem! Nunca seremos suficientemente grandes para sermos carregados pela fé dos outros. Até o fim de nossas vidas precisaremos de braços que nos carreguem até o Senhor. Levante, ande e vá fazer a sua história! Amém. (18.02.06/7º.domingo comum)

(* referênciã ao escritor inglês William Shakespeare

O ESPÍRITO NOS ABRE AO AMOR (Mc 2, 18-22)

Nesse trecho, Marcos recolheu, *teceu e costurou* alguns textos independentes. O primeiro é bonito, muito simbólico e se refere aos discípulos de João Batista. Claro que Jesus não era contra o jejum. Sem dúvida, terá jejuado muito ao longo da vida. É bom perguntarmos qual o sentido profundo do jejum, que não é só uma prática cristã, é bem anterior, já do Antigo Testamento. Outras religiões, como o budismo, até mesmo tribos africanas e também religiões tradicionais conhecem o jejum. Se tantas religiões, tantas culturas conhecem o jejum, alguma coisa profundamente humana deve estar aí dentro. Isso os antropólogos sempre pesquisam. Quando encontram uma realidade que se manifesta em muitas culturas, concluem que não pode ser simples transmissão, porque são práticas permanentes. Deve ser algo que provém do ser humano, que foi gerando, criando essa forma religiosa em muitas e diversas culturas. Por que jejuar?

Daqui a alguns dias vem a quaresma, e muitos farão penitência. Não creio ser essa a origem. Os povos antigos não conheciam as penitências da quaresma. No budismo, não há quaresma. Então, por que jejuar? Olhem e pensem: o que nós somos? Uma unidade profunda, radical, mas em tensão – espírito/corpo, espírito/matéria. É isso que nós somos: uma unidade. Não podemos separar corpo e alma. Somos unidade radical. Somos, numa primeira dimensão, corpo, matéria. Percebemos também que, quando o nosso corpo pesa muito, parece que o espírito encurta. Qual de vocês, depois de uma feijoada e várias garrafas de cerveja, é capaz de fazer uma reflexão matemática? Não sai matemática nenhuma. Se o engenheiro calcular, a casa pode cair. Se o médico operar, pode matar. A matéria, na sua densidade, é um peso.

Os antigos costumavam iniciar momentos importantes da vida com um jejum. Não é o caso das dietas para ficar bonitinho, magrinho. É uma outra dimensão. Será que não vale a pena, de vez em quando, fazermos uma experiência em que o nosso corpo, de certa maneira, diminua, para que o nosso espírito irradie, para que percebamos as coisas mais tranqüilas, mais transparentes, mais bonitas? Este é o sentido do jejum: para que a minha alma, o meu coração, os meus desejos mais puros acordem, despertem, porque, nesse momento, a matéria fica mais serena, mais tranqüila, menos pesada. Todas as religiões valorizam momentos em que podemos sentir a beleza mais de perto.

O meu primo Frei Betto (*), que jejuou mais de trinta dias seguidos, disse que nunca teve experiências espirituais tão profundas como naquela época, principalmente depois do décimo dia de jejum. Ele sentiu a vida, o espírito, a Trindade, uma tal transparência, ficou tão perto do divino, que se sentiu maravilhado. Eu não conheço essa experiência, mas ouvi dos seus lábios e percebi que houve uma relação profunda com a transcendência.

No outro trecho do Evangelho, vemos que Jesus começa a olhar e perceber as pessoas. Nós também somos velhos odres de vinho, somos pano e remendo.

O que o Senhor quer nos questionar é se não conseguiremos criar um vinho tão novo, a exigir que os nossos odres velhos se renovem e se transformem! Que vinho é este? Quando é que o vinho obriga-nos a cuidarmo-nos e transformarmos-nos em odres novos para suportá-lo, fermentá-lo até torná-lo um vinho gostoso? Qual é o sentido do vinho? Em latim e em outras línguas, até saxônicas, a palavra *spirit* significa bebida alcoólica. Não é à toa que as pessoas criam as palavras. Em latim, o mesmo espírito, essa força vital, significa a sensação que as bebidas alcoólicas provocam. O vinho é uma bebida alcoólica e tem uma força interna. É uma metáfora, uma comparação.

Assim como o vinho nos dá uma força interna, uma alegria, uma festa, quando encontrarmos em nós essa mesma força interna, nos transformaremos. Como e onde conseguiremos essa força nova? Quem a fará nascer? Que força é essa? Só a conheceremos, quando em nós brotar o amor. O amor que faz sair de si, o amor da entrega, o amor que Bento XVI define, não como *eros*, como torpor, como sexo, mas como *ágape* (**). Aquele amor que toma toda a nossa corporeidade e eleva-a, sublima-a, para que se abra. É como se a corola de uma flor se abrisse. O espírito faz com que nosso corpo se abra como uma linda rosa. Assim o espírito está a acordar e abrir os nossos corpos. O perfume da rosa não sai, enquanto ela não se abre. Os nossos perfumes interiores estão trancados nos nossos corpos. Só o espírito é capaz de abri-los para que esse perfume saia, inunde e agrade as pessoas. Tantos são tristes, porque sempre encontram muitos botões fechados e poucas rosas abertas” Amém. (25.02.06/8º.domingo comum)

(*) referência a Carlos Alberto Libânio Christo

(**) referência à primeira encíclica do Papa Bento XVI, “Deus é amor”,

TEMPO DE SILÊNCIO E INTERIORIDADE

(Mt 6, 1-6.16-18)

Iniciamos hoje a quaresma, quadragésima, quarenta dias – número simbólico. Quarenta anos levou o povo de Israel para atravessar o deserto, quarenta dias Jesus ficou na montanha rezando e jejuando. Quarenta é um número que parece indicar uma certa prolongação. Um dia, dois dias são períodos curtos. Quarenta é para mostrar que nós precisamos da lentidão do tempo. A quaresma é uma pedagogia, porque, diante de Deus, nós somos crianças. *Pais*, em grego, significa criança, rapazinho. Diante de Deus somos como crianças, precisamos de um *agogein* – alguém que nos conduza, precisamos de pedagogia.

A quaresma alia a esse projeto pedagógico da Igreja, que se considera uma mãe. Ela olha para cada um de nós e percebe que estamos precisando de um tempo mais calmo. Trabalhamos demais, não temos um minuto tranquilo. Acordamos cedo, tomamos o ônibus, voltamos tarde da noite, cansados, sonolentos. Estamos precisando de alguma coisa diferente, de um pouco mais de calma, de serenidade. A quaresma nos convida a um pouco mais de silêncio. Podemos economizar eletricidade em casa, desligando as televisões. Podemos economizar ainda mais eletricidade, desligando os rádios. Vamos poupar as gargantas se ficarmos mais em silêncio, gritando menos, falando mais baixo. Se plantarmos em torno de nós um pouco mais de silêncio, iremos ganhar psicológica, humana e espiritualmente. Até psicólogos poderemos economizar, porque o nosso eu se tornará um pouco mais próximo de si mesmo.

Às vezes, a vida nos arranca de nós mesmos. Somos capazes de passar meses sem nos encontrar. Encontramos com outras pessoas, mas não com nós mesmos, a não ser no espelho, com nossa imagem externa. Uma psicóloga, em São Paulo – Maria Rita – escreveu um artigo dizendo que antigamente as pessoas perguntavam com que roupa iriam a uma festa. Hoje elas perguntam com que corpo irão. Estamos gastando muito tempo com o corpo e muito pouco tempo com a nossa interioridade, com o nosso mistério. A quaresma é um convite também para os jovens. São tantos barulhos nos carros que passam com aqueles autofalantes ensurdecadores! A quaresma é um convite à serenidade, à interioridade.

Quando Jesus diz para fecharmos a porta, é simbólico, mas um simbólico real. A primeira porta que precisamos fechar, não totalmente, é a dos olhos, dos ouvidos, dos sentidos. Se começarmos a fechar as portas dos sentidos, deixando uma pequena veneziana que dê para enxergar um *lusco-fusco*, garanto que a grande janela – da qual tantas vezes já lhes falei: aquela lá do alto, da beleza, da verdade, do bem, do sentido – poderá se abrir muito mais. Mais beleza, mais verdade, mais bem, mais sentido.

Quaresma não é momento de penitência, de sacrifício, de ficar triste. É

momento de paz, de serenidade, de gozo. Temos que aprender a gozar da interioridade. Ainda outro dia, uma jovem veio falar comigo, e eu até estranhei. Ela me disse que gostava tanto de ficar sozinha para pensar, para rezar, para curtir o silêncio de si mesma, para acalmar aquele mar revolto que bate em nosso coração. São tantas preocupações! A nossa cabeça se transformou numa grande televisão – Globo, Record, Bandeirantes, todas juntas, simultaneamente.

Começamos a perceber que estamos perdendo a nossa interioridade. Experimentem o silêncio, a quietude! Experimentem perguntar: quem sou eu? Qual o meu mistério? Quais os meus grandes desejos, os meus grandes sonhos? Qual é a minha grande utopia? Qual o grande projeto da minha vida? O que pretendo construir com a minha existência, para as pessoas que eu amo? Como é que as pessoas existem para mim? Quem é minha mãe, meu pai, meu filho? Parem! Perguntem para a interioridade de vocês! O que é o sorriso? O que é a flor, o passarinho, o que é uma tarde bonita, o que é essa penumbra que já nos envolve, o que é essa chuva que se *esfarinha* do céu? O que significam todas essas coisas lindas que o Senhor colocou aos nossos olhos? Agora as quaresmeiras se fantasiam de roxo para agradar aos nossos olhos, e nós passamos fulminantemente sem perceber uma flor sequer. Atravessamos um jardim bonito todo verde, e só percebemos cimento, asfalto, automóveis, barulhos, fumaça.

O primeiro cuidado que precisamos ter é com a nossa interioridade. Se fizéssemos isso, imaginem o que poderia acontecer nesta cidade. Poderíamos dormir com portas e janelas abertas. Não haveria assaltos, bebedeiras, automóveis passando em alta velocidade, buzinando, fazendo *cavalos-de-pau*. Viveríamos o silêncio, a serenidade.

Este é o desejo que eu tenho nesta quaresma para todos nós, sem exceção: um momento em que vamos descobrir um pouquinho da nossa interioridade. Será o grande jejum, a grande esmola. Jejum para o mundo, esmola para nós mesmos e a oração que o coração fará à nossa interioridade. Como Agostinho disse, o mais interior de mim mesmo é Deus! Amém. (01.03.06/4ª.feira de cinzas)

JESUS TOCA O NOSSO TEMPO E O TRANSFORMA (Mc 1, 12-15)

Marcos, genialmente, nesse pequenino evangelho, muito concisamente, coloca três atos. Um drama como os gregos, para os quais, mais tarde, Sófocles precisaria de versos e versos para exprimir.

Primeiro ato: todo o drama tem um cenário, e, nesse caso, é a montanha. Escolhe um cenário bonito. Quem for hoje à Palestina poderá ver o Monte das Tentações, como é chamada. Esse é o cenário! Os personagens: Jesus, as feras, as bestas, os animais, os anjos e um personagem escondido – Deus Pai, que ninguém vê. É como aquele personagem que, num drama, percorre todos os atos, mas ninguém o vê. Só vemos Jesus, as feras e o anjo. Segundo ato: João Batista é preso. Terceiro ato: Jesus inaugura sua pregação. Passemos um por um, começando pelo cenário.

Montanha, lagos, mares, rios são realidades que, praticamente, todas as religiões do mundo conheceram e valorizaram. Se percorrermos as religiões, veremos que, de um lado há sempre rios, lagos, mares, e do outro, montanhas, altitudes. São os dois extremos. Quando entramos na água, ela nos envolve, e nos sentimos dentro da realidade. Quando queremos sair do bulício de uma cidade grande, procuramos montanhas, rios, cachoeiras, lugares altos. As alturas nos fascinam e também fascinavam Jesus. Ele busca um lugar alto. Não escolheu a praça, a estrada, a planície, os lugares banais. Sai, sobe e aí trava a luta de dois lados – que símbolo bonito! É claro que os animais ferozes devoram, mas é simbólico, assim como os anjos. É ou não é como a nossa vida: um drama onde os animais selvagens nos cercam?

O que são as concorrências, quando estamos disputando um cargo? Quando os jovens vão prestar vestibular, têm ao lado tantos outros que podem ocupar o seu lugar. Sem dúvida, vivemos num mundo selvagem. A cultura moderna é da competição, da concorrência, terrivelmente selvagem. As casas comerciais abrem as portas e disputam vendas. Nos últimos tempos, quantas e quantas abriram e fecharam num mesmo lugar, porque a concorrência as matou. São as feras que estão aí. Mas também existem os anjos. E quantos há em nossa vida! Diz o evangelho que os anjos serviam a Jesus. Que é anjo? *Angellos*, em grego, é enviado. São pessoas que esbarram em nossa vida e a iluminam. São pessoas com quem nos encontramos e saímos melhores, com quem conversamos, e o nosso coração arde. Parece que saímos mais felizes. Há conversas, há encontros, há jantares que, quando terminam, damo-nos conta de que vivemos momentos gostosos, que gostaríamos de prolongar ao infinito. Se não houvesse os anjos, não agüentariamos a existência. São eles que tocam de luz a nossa vida, tornam suave essa luta selvagem. Quando vocês vão trabalhar, vão para a refrega, para o *coliseu*, encontram os leões. Depois, quando escapam dos dentes dessas feras,

voltam para casa com o corpo cansado, mas na certeza de encontrar uma esposa agradável, alegre, sorridente; um filho carinhoso, que vem contar para o pai o que foi o primeiro da aula, que tirou notas boas, que sabe todo o alfabeto de cor. Só esqueceu o w. Todos esses pormenores são os toques de anjo na nossa existência. Jesus também viveu essa realidade.

Segundo ato: vou falar pouco, porque o pobrezinho do João Batista foi preso. Mas é importante chamar a atenção: Marcos *prende* João Batista para Jesus aparecer! Enquanto ele está em cena, Jesus está escondido. Marcos *prende* o Antigo Testamento, prende o passado, aquele que clamava, gritava e ameaçava, o homem que empunhava o machado para cortar as árvores, que trazia pedras para jogar no trigo e queimar a palha. Era um homem bravo, sério, e Marcos prende o *dito cujo*.

Terceiro ato: agora Jesus está livre e vai anunciar: “O tempo completou-se!” Hoje na aula de Teologia, expliquei um pouquinho sobre isso. E peço licença para recorrer ao grego, pois sem isso, não teremos condições de entender essa frase. O termo **completou-se**, em português é tão banal! Serve para completar o número de alunos numa sala de aula, completar a dúzia de ovos numa cesta. Tempo, o tempo do relógio é *cronos*. É o tempo que achamos que demora a passar: o padre está falando demais, o ônibus está demorando. Mas o Evangelho não fala desse tempo, mas de *kairós*. O grego sabia distinguir. Quando falava *kairós*, não se referia ao tempo do relógio, de pessoas impacientes, querendo ir embora, achando tudo aborrecido. Isso é *cronos*! Mas quando se vive uma experiência que enche o coração, quando estamos felizes, esquecemos o relógio. Quando estamos numa grande festa, quando conversamos com alguém que amamos, o tempo passa rapidamente, porque não é *cronos*, é *kairós*. Não é aquele momento que circula como o movimento dos astros, na sua lentidão infinita. *Kairós* é tempo da gratuidade, do amor, da beleza, da plenitude.

Novamente voltamos ao grego. Completou-se o tempo em grego é *peplorotai*, que tem dentro a palavra *pleroma*, que é plenitude. É uma realidade cheia, que nos preenche totalmente, que nos faz plenos e completos. Isso é plenitude!

E Jesus diz: “Agora eu cheguei! O tempo se faz plenitude!”. Amém.
(04.03.06/1º. domingo da quaresma)

A TRANSFIGURAÇÃO TRANSFORMA AS REALIDADES (Mc 9, 2-10)

É uma cena muito conhecida. Tantas vezes lida, muitas vezes pintada: aqueles três personagens no alto, os apóstolos caídos pelo solo. Essa passagem se insere no projeto que Marcos trazia consigo. Portanto, o lugar de plantar foi escolhido. Vocês devem se lembrar de várias homilias em que já lhes falei desse Jesus no meio do povo, cercado de povo, de tal maneira que tiveram que fazer descer aquele paraplégico pelo telhado, porque não puderam entrar na casa (*). Agora, Marcos deixa o povo de lado. Começa a segunda etapa da vida de Jesus: Ele com apenas três apóstolos. É o Jesus da intimidade, se contrapondo ao Jesus das multidões. O Jesus das multidões fazia milagres, grandes pregações. O Jesus da intimidade começa a lembrar quem Ele é. É diferente! Esse **quem Ele é** vai aparecer agora a esses três apóstolos através da voz do Pai. É a mesma voz que Jesus ouviu no batismo, mas, naquela ocasião, apenas Jesus ouviu a voz que dizia: “esse é o meu Filho bem amado!”. Agora, Ele julga ser o tempo de repetir essa frase para três dos apóstolos.

Segundo ponto: Jesus está cercado de Elias e Moisés – a Lei e o Profeta.

Nós estamos acostumados a falar que a lei sempre esteve ao lado de Jesus e que Ele veio realizar todas as profecias. Hoje eu gostaria de tomar outro aspecto. Ele está transfigurado e transfigura a lei e a profecia. Ao invés de transfigurar a si mesmo, aquelas duas realidades que estão ao seu lado recebem a mesma luminosidade. Portanto, já não é mais a mesma lei dura de Moisés. Uma lei severa que mandava apedrejar a mulher surpreendida em adultério, que não deixava o povo comer sem antes lavar as mãos, não permitia fazer nada em dia de sábado. Tudo isso era proibido, mas a transfiguração de Jesus modifica essa realidade. A lei passará a ser compreendida através desta relação: “esse é o meu Filho bem amado!”. Agora é Pai e Filho. A lei é uma forma de o Pai e o Filho nos comunicarem seu amor. Não há mais severidade, não é mais para nos punir e, de certa maneira, nos colocar num caminho mais estreito. É para revelar que Deus quer que, ao cumprir a lei, nós procuremos o amor.

Mais tarde, Paulo será suficientemente inteligente para fazer essa ligação. Ele sabia que os cristãos queriam uma lei severa, e Jesus falava de liberdade. Reparem bem as pessoas aleijadas. Elas precisam de muletas. Pois bem, quanto mais uma pessoa é *aleijada*, mais ela precisa de leis. Quando não se é capaz de andar, quando não se tem autonomia, quando não se tem liberdade, precisa-se de lei. Os animais precisam de lei, os cachorros vivem amarrados, porque podem morder. As leis pressupõem que somos pessoas incapazes na nossa autonomia, na nossa liberdade.

Por isso, Moisés criou tantas leis. O povo tinha uma cabeça dura e precisava de muitas leis. Se somos muito animais, precisaremos de leis. Quando chegamos

à liberdade, quando descobrimos nossa autonomia, quando descobrimos que dentro de nós existe um mistério, que somos capazes de amar e ser amados, a lei vai lentamente diminuindo e dando lugar ao amor.

Em outra imagem, Paulo diz que a lei é pedagoga. Vamos buscar a etimologia. *Pais* em grego é criança; *agogein* é conduzir. A criança precisa ser conduzida pela lei dos pais: “filhinho, não atravesse a rua”; “não coma doce antes do almoço, porque perde o apetite”. É criança, é adolescente. A mãe precisa continuamente orientar. Quando já não somos mais crianças e ainda assim precisamos de leis, é porque somos infantis. Os adultos infantis precisam de leis, porque toda criança precisa de lei. Se não tivermos descoberto a nossa autonomia, a nossa liberdade – como tantos que chegam aos vinte, trinta, quarenta anos e não sabem usar a sua autonomia, a sua liberdade – precisaremos de leis. Tantos que passam altas horas da noite fazendo barulho com seus automóveis são crianças e precisam de leis, porque não sabem usar sua liberdade, sua autonomia. Não têm maturidade. Essa lei que Jesus transforma na transfiguração supõe que estamos maduros por dentro e sabemos usar a nossa autonomia e a nossa liberdade.

E a Profecia? Elias era um profeta bravo, mandou degolar todos os sacerdotes adversários, que não eram de Israel. Jesus transforma o profeta. Ele agora olhará a realidade e verá o amor de Deus presente. Essa presença que pervade e atravessa tudo.

Uma última palavrinha sobre os três, sobretudo Pedro. Vocês repararam que, de repente, Pedro diz: “Senhor, é bom estarmos aqui!”? O evangelista comenta: “Ele não sabia o que estava dizendo”. Será que ficar perto do Senhor é não saber o que se está dizendo? É o evangelista que diz, não eu. Pedro queria ver Jesus só glorioso, transfigurado, naquele *bem bom* espiritual. Agora sim, valia a pena ficar contemplando o Senhor, fazer uma tenda, gozar toda a alegria da glória de Jesus. Aí o evangelista adverte que não é bom que fiquemos sempre assim. Temos que sair, anunciar, enfrentar o mundo, as dificuldades. É bom que saíamos como uma luz para fazer a entrega de nós mesmos, para a luta, para o lugar da acolhida e do amor.

Pedro experimenta a luz e mais tarde estará junto ao Senhor, preso e humilhado. Na vida, é preciso que tenhamos algumas experiências bonitas para enfrentarmos o feio. Precisamos ter experiências de bondade para enfrentarmos as pessoas más. Precisamos ter experiências de verdade, para enfrentarmos tantas mentiras. Parece que o Senhor quis que Pedro tivesse essa experiência de glória e de luz, porque depois ele teria muita necessidade de recordá-la, quando passasse por situações difíceis, inclusive quando foi crucificado. Nós também precisamos dessas experiências. Que as guardemos em nossos corações, porque às vezes a vida é muito dura e pesada. Amém. (11.03.06/2º.domingo da quaresma)

(*) Mc 2, 1-12

TEMPLOS VIVOS (Ex 20, 1-17/Jo 2, 13-25)

A primeira leitura merece um breve comentário. Por que os mandamentos regem o Ocidente, há mais de três mil anos? Essas dez palavras – *deca logos* – regem a cultura ocidental. São normas que nasceram na tradição mosaica, e, muitas vezes, nós as vemos como leis, que até chamamos de mandamentos. Mas, na verdade, não são mandamentos. Esse é o problema. E como poderemos entendê-las?

Vou tomar uma experiência da nossa vida. Quando fazemos uma experiência muito profunda de amizade com alguém de quem recebemos muito, de certa maneira, nos sentimos “obrigados” a fazer alguma coisa para retribuir, a dizer muito obrigado, a trazer uma lembrança, ainda que seja uma garrafinha de vinho lá de longe, para, de alguma forma, mostrar que estamos gratos. Chega o aniversário da pessoa, levamos presentes. Haverá um mandamento: darás um presente no aniversário? Não é mandamento. Nasce do amor, da amizade.

Pois bem, Israel foi um povo escravo, dependente, explorado pelos egípcios. Faziam tijolos, amassavam barro o dia todo, ficavam tuberculosos sem saber. As crianças eram assassinadas. Assim viviam e, de repente, surge Moisés e começa a organizar o povo. Ele sente uma presença forte de Deus, que lhe diz para ir em frente, que ele conseguirá libertar o povo. Moisés liberta o povo, arranca-o do Egito e diz que é a mão de Javé que os protegerá e os conduzirá. Houve, então, essa profunda gratidão, porque foram arrancados da escravidão, de uma situação difícil. Pensam no que farão para agradecer esse dom maravilhoso da libertação e da liberdade. Um povo precisa se achar importante, amado, liberto. Se se sentir pequenino, tornar-se-á escravo novamente, no seu *cotidianinho*. É preciso entender que o Senhor os libertou e, agora sim, valerá a pena se entregar a um Deus que é libertador, que lhes dá a felicidade, a existência – “Amarás o Senhor, teu Deus, com todas as suas forças, com toda a sua inteligência!”. O povo reconhece e se propõe a adorá-lo eternamente. Nesse reconhecimento estão os três primeiros mandamentos. É uma explosão de amor, de gratidão.

Não poderemos mais passar a semana inteira trabalhando, esquecidos de Deus. Um dia – sábado – vamos ficar livres para pensar, recordar a nossa história, recordar que existimos. Se trabalharmos de segunda a domingo, nós tornaremos escravos, máquinas. Somos seres humanos. Precisamos pensar, sonhar, amar, cultivar, cuidar das pessoas. Esse é o sentido de guardar o sábado, e, depois da ressurreição, o domingo. Não é pela obrigação de vir à missa. É ter calma, ter silêncio, poder cuidar, cuidar, cuidar.

Mas um povo não vive sozinho. Vivemos juntos. Não podemos nos matar – “não matarás!” Não podemos furtar as coisas uns dos outros – “não furtarás!” Vamos ser felizes partilhando, não ambicionando, comungando as nossas coisas, cuidando. Vamos também olhar as mulheres, os homens, com olhares diferentes. Não mais cheios de ganância, querendo agarrar e pegar. Os nossos olhos devem ser limpos. Lidados assim, e assim vividos, os mandamentos são um grande presente e não obrigação.

Essa cena, narrada no evangelho, é muito bonita e, para entendê-la, precisamos comparar. Os três evangelhos sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas – colocam essa

passagem no final da vida de Jesus. Hoje os historiadores dizem que esse foi o fato decisivo para a sua morte. Quando Ele expulsou os vendilhões, a tropa de Jerusalém ficou com tanta raiva dele, que decidiu eliminá-lo, selando definitivamente a sua sorte. Foi um último ato, a gota d'água da vida de Jesus que, praticamente, foi a causa imediata de sua morte.

Se tomarmos o evangelho de João, veremos que esse fato é colocado no início e não no fim. Historicamente, é bem provável que tenha sido no final. Por que então João coloca no começo? É que ele ama demais os símbolos. Não quer contar história de acontecimentos do cotidiano. É como um bolo que se preparou para o aniversário de alguém. João é capaz de vislumbrar nesse bolo a festa, uma pureza que não conseguimos ver. Os olhos de um jovem puro conseguem ver os sinais. E como vamos entender esse fato de Jesus expulsar os vendilhões de uma maneira grotesca?

Achamos muito bonita essa igreja construída, e João diz que não. Essa construção não é importante. O mais importante é o que vai acontecer sobre o altar: o corpo glorioso do Senhor. O mais importante somos nós aqui reunidos. Nós seremos templos onde quer que estivermos celebrando o corpo glorioso do Senhor. A construção é para ajudar, e ela até pode cair, pode vir um terremoto e destruí-la. Um terremoto jamais destruirá a nossa liberdade. Pode ser numa cabaninha miserável numa tribo da África, cheia de aids. Ali estará o celebrante, com a eucaristia, em todo o seu esplendor, mais do que no templo de Jerusalém. Todos os templos podem ruir, até aquela maravilhosa Basílica de São Pedro, em Roma. Mas o nosso corpo é mais bonito. Nós aqui celebrando somos mais bonitos. Pode ser a Basílica de São Pedro, de São Paulo *extramuros*, de Nossa Senhora ou qualquer basílica do mundo. Todas são de pedra, e a nossa não. Quando sairmos daqui, carregaremos o templo dentro de nós. Carregaremos três templos: o templo material, o templo do Senhor Jesus glorioso e esse templo que cada um de nós é. Uma criancinha é mais importante que todas as construções do mundo. Todas as sete maravilhas que o turista gasta milhões para visitar não valem a beleza de uma criança. E nenhum turista paga uma fortuna para ver uma menininha. Que desastre! Ela vale muito mais do que todas as sete maravilhas do mundo.

É isso que o Senhor está dizendo. Um corpo, mesmo envelhecido, já carcomido, com os neurônios quase trocando os lugares, para o Senhor é o único templo que tem importância, que tem beleza. Expulsemos os vendilhões, as vacas e bois. Ponhamos tudo para fora, porque somos os templos vivos, e é isso que celebramos. Amém. (18.03.06/3º. domingo da quaresma)

O PERDÃO QUE NOS LIBERTA (2Cr 36, 14-16.19-23/Jo 3, 14-21)

A primeira leitura fez um pequeno esquema, bem sumário, da história do templo de Jerusalém, descrevendo três momentos. No primeiro, Deus cuida desse templo, porque ama o povo que nele se recolhe. Num segundo momento, o povo se afasta de Deus, vêm os assírios, depois os babilônios e destroem-no, fazendo desaparecer esse símbolo. Num terceiro ato, Deus olha novamente para o povo, desperta Ciro, o Persa, e esse homem liberta o povo de Israel, para construir outro Templo. Levaram quarenta e nove anos para terminá-lo sob o poder de Herodes, o Grande – aquele do nascimento de Jesus –, até que, no ano setenta, os romanos vão destruí-lo, e destruído está até hoje.

Há um quarto ato que o autor das Crônicas não conhecia. Nós somos um templo material, e creio que, ao longo da história de cada um de nós, da história da comunidade e de um povo, passamos continuamente por essas etapas. Há momentos de cuidado, de ternura, momentos em que a família vai bem, está tudo *legal*, tudo ótimo. Há momentos em que parece que os *babilônios* chegam, com seus carros de assalto, e destroem tudo. Recolhemo-nos e lamentamos tanta destruição. Toda a beleza que tínhamos, toda a infância sorridente, toda a saúde, de um momento para outro, ficam destruídas. Mas a ruína nunca é a última palavra sobre o templo que somos nós. Daí vem o grande Ciro, que é Jesus, e de novo nos ressuscita. Mas virão romanos e romanos, apenas com uma diferença. Os romanos destruíram o templo de Israel, que destruído está até hoje, mas nunca poderão destruir totalmente o nosso templo. Poderão vir todos os romanos, todos os americanos, todos os povos do mundo, mas não conseguirão destruir o nosso templo, o nosso corpo, a nossa realidade, a nossa comunidade, porque haverá aquele que, em três dias, irá reerguê-lo: Jesus!

O evangelho parece tão simples, mas supõe que conheçamos um fato do Antigo Testamento. Jesus usou a imagem de se levantar, e aí precisamos nos lembrar de como Moisés levantou a serpente. Israel está no deserto, mais uma vez vivendo uma contradição: Deus fiel/ Israel infiel. Mais uma vez, Israel foi infiel, e aí vem a serpente, que está sempre escondida nas areias do deserto, pronta para picar e envenenar o povo. Morrerão muitas pessoas, e o povo novamente grita. Toda vez que uma peste, uma doença nos atinge, gritamos para Deus. Moisés tem pena do povo. O Antigo Testamento diz que ele mandou fazer uma serpente de bronze para que, olhando para ela, o veneno esvasse de seus corpos. Parece um passe de mágica. Como é que, simplesmente olhando para uma serpente, o veneno que está em nosso corpo pode ir embora? Será isso possível? É a interrogação que ficou do Antigo Testamento.

Do evangelho nos vem a resposta. Foi preciso mil anos para que respondêssemos a essa pergunta. Há um homem que está numa cruz como uma

grande serpente levantada. Olhando para Ele, sairá de nós o veneno do ódio. A primeira reação que temos, quando odiamos, quando somos ofendidos, é explodir. Queremos que o veneno saia de nós, através da explosão de raiva. Há tanta gente que diz que é bom que a gente desabafe. Aí xingamos e ficamos na ilusão de que o veneno foi embora, mas ele apenas mudou de lugar. Se antes estava na superfície – de onde de fato saiu – o verdadeiro veneno foi para o coração da pessoa, e ela se sentirá pequena, porque odiou. Odiar é destruir a nós mesmos, é ter o veneno no mais íntimo de nós. É o sentimento que mais nos acaba, mais nos destrói em profundidade. É a pior coisa que existe. No momento em que somos capazes de odiar uma pessoa, somos também capazes de nos transformar no maior assassino. Odiar é querer a morte do outro. Por isso esse veneno é terrível!

Pensamos que, olhando para a serpente, seremos curados. Mas a *serpente erguida* na cruz disse: “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!” E o Pai perdoou-lhes. É perdoadando que nos livramos do veneno. Por isso, como a *serpente*, temos que aprender a perdoar. Eu já conheci matrimônios que terminaram num ódio terrível. Para o ódio não há solução, a não ser olharmos para a *serpente* e ouvir esta frase: “Perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!”. Ele foi o primeiro a perdoar, deu-nos o exemplo, para que nenhum veneno restasse no seu corpo. O ódio dos fariseus, dos romanos, de Pilatos, de Herodes, todos os ódios jogados em cima dele poderiam envenená-lo totalmente. Mas Ele entrega ao Pai o seu espírito, pedindo que o Pai lhes perdoe e o livre desse veneno.

Finalizando, peço licença a João para inverter o seu pensamento. Ele diz que os maus têm medo da luz, porque não querem que suas obras sejam vistas. São João era muito inocente! Ele ainda não conhecia as televisões, não conhecia o *Big Brother*, nunca tinha assistido a esse programa. São João, coitadinho, inocente, acreditava que os bons queriam que suas obras fossem vistas, enquanto os maus as escondiam. Não! Hoje os maus as exibem nas televisões, nas propagandas, nas revistas pornográficas. Está tudo exposto! João, como você é inocente! Ele não sabia que, quanto mais as pessoas fazem coisas erradas, mais querem ser vistas, mais querem aparecer, mais se mostram. Hoje o mal não se esconde, mas se mostra, manifesta-se, propaga-se através de ondas midiáticas. Na *internet* há *sites* só para isso. Há programadores que só pensam nisso. São programas perversos que são jogados sobre as crianças, as famílias. Os adolescentes ficam catando toda a perversidade, que se manifesta clara, transparente, diáfana, luminosa. Enquanto isso, nas escuridões, os contemplativos rezam. No silêncio, meditamos. No silêncio, os mais lindos atos são realizados. É no silêncio, na escuridão, na noite, que se gestam as grandes idéias. João, eu lhe peço licença. Os bons se manifestam na escuridão, no silêncio. Os maus querem a visibilidade. Houve uma grande inversão desde o seu tempo. Amém. (25.03.06/4º.domingo da quaresma)

JESUS É O SACRAMENTO DO AMOR INFINITO DE DEUS PAI (Jo 12, 20-33)

Já estamos no quinto domingo da quaresma, e a liturgia nos prepara para o encontro com Jesus na sexta-feira da paixão. O texto de João é de uma beleza tão grande, que faz com que os nossos corações levitem. Ele passou longos anos meditando sobre as palavras que Jesus dissera ao longo de sua vida. A primeira grande ideia contida neste texto é sobre a chegada dos gregos, um povo de fora, os turistas daquela época, totalmente alheios à realidade de Israel, e é para eles que os judeus mostrarão quem era Jesus. Será que nós seríamos capazes de mostrar Jesus para alguém que não o conhecesse? Charles de Foucauld foi um jovem francês que viveu uma vida totalmente mundana, proporcionada por uma cidade cheia de atrativos, que ainda hoje é Paris. Um dia, ele se saturou dessa vida, viajou para a África, indo viver no deserto. Ao deparar com os árabes rezando, aquele jovem, que um dia fora religioso, acordou e se converteu. Decidiu não falar de Jesus àquele povo, mas simplesmente viver conforme os seus ensinamentos, de modo que se questionassem sobre os motivos que o levaram a deixar os prazeres da grande cidade para viver as carências da África. Só então ele se viu encorajado a falar de Jesus. O ideal seria que alguém, observando vocês – jovens psicólogos, engenheiros, pedagogos, mães –, notassem que eram diferentes, mesmo fazendo as coisas que todos fazem, mas fazendo de uma maneira diferente que transparecesse no olhar.

A imagem da semente é linda demais! Apesar de Jesus ser chamado de artesão, Ele era muito mais camponês e certamente terá lidado com essa realidade na infância e juventude. Deve ter visto, por muitas vezes, os grãos serem jogados na terra e florescerem, dando árvores e frutos, enquanto outros não vingavam. Pôde observar que, se aqueles grãos não morressem ao serem jogados na terra, não haveria mais trigo nem pão. Mas como a natureza é generosa, os grãos jogados na terra voltam multiplicados. Se um grão de trigo era capaz de morrer e entregar-se, a vida sempre renasceria. Há muita morte em nossa sociedade porque há grãos estéreis, que não morrem, não se abrem, ficam fechados neles mesmos, incapazes de romperem a casca e rasgarem-se em benefício dos outros. Morrer é ter coragem de enfrentar a vida, é dizer a todos que o cercam que vale a pena conhecer Jesus. Quem realmente encontrou o Senhor, quem o conhece em profundidade não é capaz de reter somente para si esse conhecimento. Cada vez mais caminhamos para uma sociedade banal, cheia de *big brothers*, porque faltam grãos de trigo bonitos, fortes, jovens. É tão triste ouvir meus colegas que trabalham em bairros mais afastados contarem todos os dias que mais um coroinha foi morto, que um outro foi seduzido pelo traficante, deixando as famílias rasgadas, machucadas, sempre ameaçadas por perspectivas cinzentas. É a sociedade se corrompendo, se estragando, porque não há grãos de trigo que

morram. É Jesus quem diz que aqueles que se preservam, perdem. Interessante, pois sempre achamos que devemos nos preservar, e justamente os que pensaram ter preservado toda a sua fortuna, é que perderam tudo o que acumularam em anos. A cultura dos executivos de hoje quer tudo para si. Parece até que Jesus entendia de economia. Todos os que apostaram, guardaram, perderam bilhões de dólares podres nesse cassino financeiro em que se transformou a nossa sociedade. Jesus vai nos dizer que para segui-lo, precisamos abrir nossas mãos e nosso coração para acolher. Ouvimos isso milhões de vezes, mas continuamos com uma dificuldade enorme de sair de nós.

Jesus nos deixa ainda uma última mensagem nesse mesmo sentido, quando diz como irá nos atrair. Eu pensei que Ele nos atrairia quando andasse sobre as águas. Realmente, seria uma cena que atrairia toda a imprensa e poderia até ser atração no Fantástico. Mas, é Ele quem diz que é na cruz que nos atrairá, justamente, quando estiver despojado, nu, sem mexer sequer as mãos, esvaindo-se em sangue. Será que seremos atraídos pelo sangue, como naquele filme do Gibson? (*) Acho que não. Seremos atraídos é pelo dom de sua entrega; não pelo sangue, mas pelo amor. Na cruz, Jesus se faz sacramento, sinal visível de algo invisível, que é a paixão infinita que Deus Pai tem por nós. (29.03.09/5º. domingo da quaresma)

(*) referência ao filme “Paixão de Cristo”, do cineasta norte-americano Mel Gibson

A CERTEZA DA MÃO DO PAI (Mc 14, 1-15,47)

Depois dessa longa leitura, as nossas palavras são pequenas e frágeis. Nada melhor do que fazer ressoar em nosso coração essa memória que, todos os anos, a Igreja renova: essa noite escura de Jesus. Ele entra em Jerusalém! Mas a liturgia é interessante. Hoje, Domingo de Ramos, ela coloca de um lado essa cor bonita, real, vermelho, cor da púrpura, cor dos nobres e, por outro lado, faz-nos ouvir a leitura da caminhada dolorosa de Jesus para a morte. Qual a razão desse jogo que a liturgia faz?

A entrada de Jesus em Jerusalém, de maneira triunfal, talvez pudesse ter-nos dado a idéia de que Ele entrara como um rei qualquer, que entra em seu reinado sendo acolhido pelos seus súditos, pela sua corte. Mas a liturgia quer dizer que não devemos ficar com a falsa idéia de que Ele simplesmente entrou para a glória, para ser louvado pelas crianças agitando ramos e dizendo: “Hosana ao Filho de Davi!”, relembrando sua origem real. Para que não ficássemos com essa idéia, a liturgia nos mostra até onde chegará essa entrada em Jerusalém.

Se voltarmos em alguns trechos do Evangelho, poderemos perceber que, por várias vezes, Jesus hesitou em ir a Jerusalém. Não queria ir e chegou a dizer que não iria. Ficaria na Galileia, atravessaria o lago de Genesaré, poderia ir para o estrangeiro. Ele sabia que lá, em Jerusalém, alguma coisa trágica iria acontecer com Ele e, como todo ser humano, toda pessoa plantada na história, temia os destinos pesados. Mas terá havido um momento, de um mistério enorme, que não conhecemos, em que Ele voltou para si, recordou sua vocação e decidiu que era chegada a hora de ir a Jerusalém, onde anunciaria o Reino de Deus, acontecesse o que acontecesse. Lá, na capital, na cidade da paz, na cidade de Davi, onde existia o único Templo de Israel e, onde, na época da páscoa, mais de mil pessoas, vindas de muitos lugares, estariam participando dessa grande festa. Jesus decide que lá era o seu lugar!

Muitas vezes nós teremos a nossa Jerusalém. Muitas vezes vai acontecer da nossa Jerusalém nos esperar. Poderemos fugir dela ou temê-la, até mesmo nos esconder, mas haverá momentos inexoráveis na nossa vida, em que caminharemos para essa Jerusalém da dor, do sofrimento, da morte, da perda. Os psicólogos falam tanto que nós, seres humanos, temos pavor de perder. Hoje mesmo uma *meninazinha* chorava porque perdera seu *celularzinho*. Perder o celular destrói o coração de uma jovem! Qualquer coisa que perdemos nos deixa abatidos. E quando perdemos o que mais amamos, quando perdemos a nós mesmos – a mais terrível das perdas – talvez seja nessa hora em que precisaremos ouvir essa leitura.

Hoje nós a lemos tranquilos, muitos até insensíveis, conversando, quando o mistério da morte do Senhor deveria nos sensibilizar, tocar o nosso coração. Ficamos gélidos como pedras, mas haverá um momento em que precisaremos dessa palavra, porque a dor baterá forte e o desespero chegará. Mas será a hora

de olharmos para o Senhor, tranqüilo e sereno, que deu um grande grito na cruz e que conheceu uma única realidade: perdão e o Pai. Duas experiências lindas! Poder chamar a Deus de Pai e, mais que isso: *Abbá* – paizinho, papai querido – diante dos judeus que não tinham coragem de chamar Javé de Pai e Jesus o faz. Naquele momento de solidão, de silêncio, de morte, Ele sabe que é acolhido pelos braços abertos do Pai. São esses braços que irão nos consolar em nossa noite dolorosa, porque os braços humanos são fracos, frágeis. O braço do esposo pode largar a esposa, assim como o braço da esposa pode largar o esposo; o braço de um filho pode largar um pai num asilo, o braço de uma mãe pode deixar uma criança na lagoa da Pampulha (*), mas os braços de Deus jamais deixarão que caiamos no vazio.

Nesses momentos, nas horas duras e tristes da vida, é dos braços de Deus que necessitamos. E Ele sabia disso! Por isso percorreu passo a passo, para que não faltasse nada em seu sofrimento. Não por masoquismo, não porque quisesse a dor, pois Ele mesmo pediu que ela não viesse, mas porque sabia que o dom de si é a maior dádiva que temos. Ele entregou a nós a totalidade de sua vida! Amém. (09.04.06/Domingo de Ramos)

(*) referência a um fato ocorrido em Belo Horizonte no início desse ano.

JESUS TAMBÉM EXPERIMENTOU A TRAIÇÃO

(Mt 26, 14-25)

Já se aproximando a comemoração da morte do Senhor, a liturgia começa a tecer os personagens que viverão este grande drama, que é a caminhada de Jesus até a morte. Infelizmente, é um drama que começa com um de seus discípulos, e eram apenas doze. Desse pequeno grupo sairá o traidor. É bom lembrar que, quando eles foram escolhidos, não o foram para que fossem traidores, mas amigos, discípulos, confidentes, apóstolos, missionários. Quem sabe Judas poderia ter sido um grande apóstolo, como foram os outros? Mas ele desviou-se do caminho e, por trinta moedas de prata, que ele acabou jogando fora, entregou o seu Mestre.

O que se passa no coração humano é um grande mistério que nunca chegaremos a entender. Penso que a traição é uma das coisas mais tristes, e quanto mais íntima é a pessoa com quem convivemos e que nos trai, mais dolorosa é. São pessoas ligadas, atadas e, de repente, uma delas sai por caminhos desviados, trai família, esposos, amigos, pessoas a quem um dia estiveram vinculadas pelo amor.

Judas amou a Jesus. O próprio evangelho nos diz que Jesus passou a noite rezando antes de escolher os doze. Podemos imaginar que Ele terá passado nome por nome, pessoa por pessoa. Jesus terá imaginado Judas como um jovem corajoso, audaz, animado, empreendedor. Certamente terá julgado que ele seria um grande missionário, sonhando, como nós tantas vezes sonhamos com tantos amores aqui na Terra. Acho que todos nós, de certa maneira, experimentamos um pouquinho a traição, uns mais, outros menos, mas nenhum de nós escapa. Sempre haverá alguém em quem um dia confiamos e, de repente, nos decepciona. Tantos professores investem tanto em seus alunos e, de repente, um deles se vai, não mais o saúda, sequer o cumprimenta. O mesmo acontece entre pais e filhos. É possível, e acontece na vida de todos nós, pequenos ou grandes momentos de saída, de fuga, e é justamente nesses momentos que precisamos nos lembrar dessa experiência de Jesus. Virão horas em que nos defrontaremos com o silêncio, o vazio, a tristeza, a decepção. É para essas horas que valerá a pena termos vivido, rezado e pensado nesse mistério. Essa lembrança não é para os momentos em que estivermos bem, mas é semente jogada para que um dia brote cheia de esperança. Para que isso aconteça, a liturgia nos vai educando para diferentes experiências. Guardemos hoje, em nossos corações, a dor da traição, mas também a possibilidade concreta de superá-la. Lembremo-nos de que, quando Jesus encontra Judas, o acolhe, chamando-o de amigo – “Amigo, a que viestes?”. Jesus não era nenhum político em busca de votos. Se o chamou de amigo, era porque verdadeiramente o era. Foi a sua última interpelação ao coração de Judas para tentar demovê-lo daquele projeto terrível. Mas Judas o beija, entrega-o, sai e se enforca. Triste destino de um traidor! Amém. (08.04.09/ quarta-feira santa)

DOR E CONSOLAÇÃO NO CAMINHO DO CALVÁRIO

Na realidade, vivemos apenas uma única vez, nascemos uma única vez, vivemos cada momento uma única vez. Assim também foi com Jesus. Enquanto estava na nossa história, viveu apenas uma única vez. Apenas uma vez carregou a cruz, uma única vez caminhou para o Calvário, apenas uma vez encontrou com a sua mãe. Mas nós, seres humanos, temos uma ideia original: conseguimos recordar, isto é, colocar para dentro do coração de uma outra maneira, os acontecimentos passados. Assim, a cada ano celebramos o nascimento, que chamamos de aniversário. Os casais celebram aniversários de casamento, bodas e assim por diante. A liturgia aprendeu com a pedagogia humana, e a cada ano recordamos, retiramos de dentro de nosso coração e de nossa memória o que os nossos sentidos precisam ver e perceber. Por isso, estamos aqui diante de duas imagens: uma do Senhor dos Passos e a outra da Virgem Dolorosa, para que, olhando para elas, aquele fato único, já acontecido há quase dois mil anos, se torne presente e nos ajude a sorver o mistério desse encontro, que é infinito, por ser do próprio Filho de Deus. A cada ano repetimos, visualmente, a mesma procissão, mas a nossa experiência interior é diferente.

Os adultos podem se recordar de quando eram crianças e perceber que essa procissão tem hoje outro sentido. Terá se tornado cada vez mais profunda, mais interior e, por isso, recordamos, isto é, colocamos dentro do coração. Olhando para a vida deste Senhor, cuja imagem temos diante de nós, sabemos que Ele sempre foi profunda e eternamente amado por Deus Pai. Só que, ao assumir a condição humana, Ele cobriu com um véu essa experiência divina e, como diz São Paulo, quis caminhar como nós, seres humanos, se esvaziou de toda a experiência divina para viver na obscuridade, na dúvida. Também com sua mãe Maria viveu a mesma experiência de ser amado, protegido, como toda criança que se sente coberta por uma confiança radical. Jesus pôde experimentar duas grandes confianças, tanto em Deus Pai, como na Virgem Maria. Mas Ele quis viver uma experiência difícil, rompendo com essas duas proteções a ponto de chegar na cruz, clamando: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Aquele Deus que Ele sentia tão próximo, de repente, parece tão distante, como que o abandonando. Também em relação à Maria irá acontecer a mesma coisa. Até quase trinta anos Ele vivia com ela, possivelmente até com José, mas, de qualquer forma, coberto por essa proteção. Como adulto, rompe com esse laço e sai como andarilho, peregrino, missionário pela Palestina. Ficará desarmado e, de repente, quando se encontra face a face com a morte, sua mãe coloca-se no seu caminho.

Quando estamos em qualquer situação limite, serão as experiências mais profundas, mais antigas que nos darão forças. Novamente Jesus irá precisar destas duas proteções: de Deus Pai e de sua mãe. No Horto das Oliveiras, clamará a Deus Pai e, no momento mais extremo na cruz, dará o grande grito: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!”. Ele precisou do aconchego, da acolhida do Pai para suportar a dor terrível, tanto física quanto psíquica, de ser crucificado, desprezado, humilhado. Diz o evangelho que as pessoas que passavam diante da cruz zombavam dele. Diante de tantas zombarias, em silêncio, Ele pôde sentir que a presença do Pai o protegia.

Mas Ele precisou também de Maria e buscou aquela proteção primeira de quando era criancinha e recebia da mãe todo o carinho. A caminho do Calvário vai encontrá-la e receber aquele olhar materno para preencher os últimos espaços de sua visão. A maioria de nós dará esses últimos passos sem o olhar de nossas mães, pois geralmente elas morrem antes de nós. Jesus foi privilegiado e pôde encontrar-se com Maria e receber, naquele olhar, toda a força interior, recordar todos os momentos em que experimentou o carinho maternal de quando era criança, adolescente e jovem. Hora dolorosa, mas também de muita consolação. Dor e consolação se somam.

Crianças que aqui estão, quando estiverem em momentos de aflição, olhem para o olhar de suas mães, e nele encontrarão arrimo e apoio. Adolescentes e jovens, quando precisarem de alguém para lhes dar força na caminhada, em qualquer crise ou dificuldade, nos desafios que a vida lhes apresentar, recordem do olhar de suas mães. Lembrem que Jesus precisou recordar-se do olhar de sua mãe. Assim também somos nós, adultos, precisamos do olhar materno. E se as mães da Terra falharem, estejam certos de que a mãe do céu estará sempre presente pelo mistério da assunção. Quando dizemos que Maria subiu aos céus, não estamos dizendo que ela escapou-se de nós, mas que se faz cada vez mais presente, cobrindo-nos com o seu olhar em todo e qualquer momento difícil.

Guardemos essa experiência, não apenas para este momento, mas para aquelas horas e aqueles momentos, talvez até longínquos, em que a dor nos cortar o coração. Nessas horas precisaremos desse duplo olhar: o olhar machucado do Senhor dos Passos e a consolação do olhar da Virgem Dolorosa. Que esse duplo olhar seja o nosso arrimo.

Encerremos essa hora de dor e de esperança. De dor, porque recordamos o sofrimento do Senhor e da Virgem quando presentes na história. São eles que nos dão forças para a caminhada cotidiana, porque nós ainda estamos do lado de cá, do lado frágil de nossa existência, como eles um dia estiveram. Nesse último minuto de silêncio, que cada um de nós volte seu olhar para o Filho e para a mãe, pedindo-lhes que nos acompanhem na caminhada de nossa história. Amém. (08.04.09/Sermão do Encontro)

A EUCARISTIA NOS FALA DE ETERNIDADE ***(Ex 12, 1-8.11-14/1Cor 11, 23-26/Jo 13, 1-15)***

A liturgia de hoje tornou-se para nós uma verdadeira escola com seus símbolos, leituras e todo o conjunto desta celebração. Olha para o passado, para o presente e lança-se para o futuro. Olhando para o passado, nos faz recordar o momento em que o povo de Israel viveu a grande experiência da libertação do Egito. E eles continuam a celebrar, ao longo dos séculos até os dias de hoje, a memória desse fato com o sacrifício do cordeiro. Há uma cena bonita conservada pelos judeus, que serve para nós, cristãos e católicos, como uma lição: diante de toda a família reunida, o filho caçula pergunta ao pai ou ao rabino, com suas barbas *talmúdic*as, sobre o significado daquela ceia, do cordeiro, das ervas amargas. Daí, o presidente da celebração rememora quando o Senhor libertou o seu povo da escravidão do Egito, depois de todos aqueles anos de sofrimento, simbolizados pelas ervas amargas. Pela urgência da situação, não puderam esperar que os pães fossem assados, daí a presença dos pães ázimos. Assim, todos os sinais vão sendo explicados aos menores, de modo que a tradição vai-se perpetuando de geração em geração.

Num segundo passo, Jesus dará um novo sentido, *ressignificando* o mesmo fato. Não é mais do Egito que os judeus seriam libertados, mas de todo o pecado, de todo o sinal de morte. Também não é apenas o pequeno povo de Israel que seria libertado, mas toda a humanidade. Jesus amplia o significado do êxodo, da passagem do Mar Vermelho até chegarem à Terra Prometida, que não é mais apenas um território. A nova terra prometida é esta Igreja, esta comunidade. Para sermos libertados de todo o pecado, temos muitas celebrações penitenciais em que o sangue do Cordeiro nos purifica, nos lava, nos perdoa, nos faz aptos. Assim, sempre que tomarmos este pão sem gosto e sem fermento, devemos nos lembrar da novidade da vida cristã que estamos vivendo, interiorizando, através de toda a história da salvação, o mistério maior da morte e ressurreição de Jesus. Qualquer gotícula deste vinho é o sinal daquele sangue que foi derramado abundantemente por nós. Este é o presente que iremos celebrar até o último dia de nossas vidas. Se descobríssemos o valor de cada celebração, teríamos os nossos olhos abertos para este mistério e procuraríamos estar cada vez mais próximos dele, ao invés de nos manter afastados, absortos, frios, desinteressados desta maravilha que o Senhor realiza a cada dia, a cada momento em que nos dispusermos a acolhê-lo.

A celebração também aponta para o futuro. Paulo nos fala que todas as vezes que comermos deste pão e bebermos deste cálice, estaremos anunciando a vinda gloriosa do Senhor. Cada eucaristia nos aproxima da eternidade, nos joga para dentro do mistério infinito de Deus. Nós nos alimentamos de eternidade em cada eucaristia. Este corpo mortal que irá se desfazer na terra é apenas sacramento de uma realidade muito maior, que é a nossa pessoa humana inteira

que será glorificada por tantas eucaristias que a alimentou.

No evangelho, Jesus mostrou aos apóstolos um gesto concreto, quando lavou-lhes os pés. Ele tirou o manto para depois tornar a colocá-lo. Tirar o manto significa que Ele quis se fazer pequeno, como um servo, um escravo. Vejam que significado bonito: despe-se do manto para beijar os pés dos discípulos depois de lavá-los! Ele se fez escravo, esvaziou-se de sua dignidade, de sua maneira divina de andar entre nós, assumindo a posição do escravo. Depois, retoma a solenidade e volta ao seu lugar. Recoloca o manto, e os apóstolos levam um susto, pois agora Ele fala como mestre. Vem aí o mandato. Não é mais o escravo que lavou-lhes os pés, mas o Senhor que lhes dará uma ordem que atravessará séculos e gerações: “isso que eu vos fiz, fazei-o também uns aos outros” – fazer-se pequeno diante do outro. Temos tantos exemplos diante de nós, pessoas que se despem de seus mantos para cuidar dos velhinhos do asilo, das crianças de rua, dos enfermos nos hospitais, das mulheres desprezadas. Somos chamados a realizar esse mandato a cada dia.

Do passado, ficou o êxodo; no presente, a eucaristia; para o futuro, o anúncio, a caridade e a eternidade. Amém. (09.04.09/5ª. feira-santa)

ESCÂNDALO E LOUCURA (Jo 18, 1-19.42)

Imaginemos que cada um de nós é Saulo, aquele judeu muito fervoroso que conhecia as escrituras, tinha sido discípulo de Gamaliel, também conhecia a cultura grega, havia encontrado um grupo de cristãos e estava horrorizado com eles a ponto de persegui-los violentamente. Ia de cidade em cidade, arrastando-os aos tribunais para que fossem condenados, a ponto de segurar as vestes de Estevão enquanto ele era apedrejado até a morte por ter anunciado Jesus. Esse era Saulo, e é um pouco de cada um de nós. Diante do mistério de Cristo, muitas vezes ficamos tão chocados que queremos abolir, acabar com essa fé. Mas Saulo teve uma grande experiência que também nós desejamos ter. Ele caminhava em busca de cristãos para persegui-los; de repente, seus olhos e seu coração se iluminam de uma luz fulgurante – ele próprio é quem diz que foi alcançado por Cristo. Ele faz uma experiência espantosa do Cristo ressuscitado, e seu coração se transfigura, se transforma. Agora já não é mais Saulo, mas Paulo, o apóstolo.

Mais tarde, refletindo sobre isso, ele entenderá e dirá duas expressões: que essa paixão de Cristo era um escândalo para o judeu e uma loucura para o grego. Ele era judeu e ficou escandalizado. Conhecia a cultura grega e achou que também era loucura. Como judeu, conhecia a lei, imaginava um Javé poderosíssimo, que fazia tremer as montanhas, jogava raios sobre o Sinai, arrancou os hebreus do poder do faraó, fazendo-os atravessar o mar e o deserto. De repente, esse mesmo Deus torna-se impotente diante do Filho, que é preso, flagelado, condenado e levado à morte na cruz. Alguma coisa estava errada: ou esse Homem não era Filho de Deus ou aquele Deus imaginado não existia. Realmente, para os judeus e para nós foi um escândalo e continuará sendo um grande mistério. Tanto é verdade que, quando algum sofrimento terrível nos alcança, ficamos bravos com Deus por Ele ter permitido aquilo. Esquecemos dessa paixão! Deus irá nos escandalizar até o último momento de nossa vida, porque Ele quis ser fraco em Jesus, quis atar-se em seus braços presos à cruz, quis silenciar-se na sua boca. Seria muito mais fácil ter mandado uma legião de anjos para destruir todos aqueles judeus e arrancarem Jesus da cruz. As próprias zombarias lançadas contra Jesus demonstram como o fato de Ele se dizer Filho de Deus era tão escandaloso, que até hoje muitos não conseguem acreditar. Até mesmo muitos de nós chegamos a duvidar quando nuvens sombrias passam pela nossa vida. Vivemos num mundo de tanta maldade e, sem talvez, a paixão de Jesus foi a pior maldade humana. Como já disse tantas vezes, repetindo um grande teólogo, quando nos deparamos com o amor na sua forma mais completa, não demos conta e o matamos. Nós não resistimos à grandeza do amor! O Senhor está na cruz – um grande escândalo!

Para o grego, a paixão foi uma loucura. Temos a nossa sensatez, a nossa maneira prática de ser, e nunca poderemos entender a impotência de Deus ao ver o próprio Filho sendo levado à morte. Imaginem vocês, mães, vendo um filho ser espancado. No mesmo instante, enfrentariam os algozes e resgatariam

seu filho de volta. Realmente, é uma loucura que Deus não tenha feito nada! Paulo tem razão, é difícil acreditar! Mas é o próprio Paulo que irá acrescentar que só conheceu aquele Cristo, que se entregou e morreu por nós, e só nele acreditaria e seguiria incondicionalmente. Que conversão violenta! O que para ele era escândalo e loucura se transformou em meta de vida. Será que hoje nos passa alguma ideia como essa pela cabeça? Será que Jesus ainda é um escândalo para nós, ou será uma loucura? Ou será que podemos dizer, como Paulo, que Ele é uma veste que nos acolhe e com a qual queremos nos vestir, a ponto de nos sentir um com Ele, vivendo nele para que Ele viva em nós. (10.04.09/Celebração da Paixão)

OS BRAÇOS EM QUE PODEMOS NOS ABANDONAR

Todo corpo morto tem nele escrito que teve vida. Contemplando agora o corpo morto do Senhor, que apareceu apenas uma vez na história, sabemos que ele está representado, isto é, tornado presente para nós. O que vemos é um simples homem, nada mais. Mas a fé vai mais longe e nos mostra aquele que Deus Pai enviou aqui na Terra. Cada milímetro deste corpo carrega uma história, desde o momento em que foi concebido pelo Espírito Santo no seio de uma jovem chamada Maria. Cada um de nós pode imaginar agora um corpo morto de algum ente querido que tenhamos visto e que nos marcou. No dia da morte de Jesus, pouca gente se deu conta do que acontecia. E mesmo no mundo de hoje, com mais de seis bilhões de pessoas, quantos estão à margem de tudo o que aconteceu? Continuam conversando, brincando. Foi assim também com a vida de Jesus. As pessoas passavam ao seu lado sem se darem conta, mas pouco a pouco a História foi revelando a história daquele Homem. Convido todos vocês a olharem este corpo com olhar de contemplação, começando pela cabeça.

A cabeça é a nossa sede principal. Nela estão os pensamentos, os desejos, os projetos. O grande projeto de Jesus chamou-se reino de Deus que Ele veio anunciar. Não era um reino de bens, mas da ação de Deus salvador e misericordioso na história. Ele só pensou em como podia anunciar para nós – homens tão pouco inteligentes, com os corações tão fechados – como era o agir de Deus na história. E a maioria dos seus contemporâneos não entendeu. Os romanos e os gregos, tão pretensiosos, não puderam entender. E por isso Ele morreu sozinho, ao lado de dois ladrões, de dois subversivos que teriam lutado contra o império romano. Ele viera lutar contra o império da morte, da maldade e da injustiça.

Retiremos agora o seu braço direito, o mesmo que abençoou e continua abençoando tantas pessoas. Retiremos também o braço esquerdo, mesmo que nos pareça não servir para muita coisa, em Jesus não tinha nenhum sentido negativo. Todo Ele era só bondade.

Desprendamos os seus pés, aqueles mesmos que andaram muito, certamente muito mais do que nós. Poucas vezes Ele terá andado sobre o lombo de algum animal. Palmilhou toda a Palestina, vezes sem conta, e sempre a pé, como todo andarilho de sua época.

Voltemos agora o nosso olhar para Maria, sua mãe, que recebeu em seus braços o corpo morto do Filho. Naquela época, ela era bastante jovem, e certamente não terá entendido a vida misteriosa daquele Filho. Para Maria, a cada dia a vida de Jesus trazia uma surpresa, por mais que ela conhecesse as escrituras ou tivesse conversado com Ele. Até para a própria mãe, Ele se revelaria bem lentamente. Eu convidaria todas as mães para fazerem uma viagem interior até o momento em que se tornaram mães. Relembrem seus filhos pequenos, quando cresciam,

até se tornarem adultos. Provavelmente, muitas ainda têm filhos pequenos. Certamente, quando teve o corpo morto de seu Filho nos braços, Maria terá feito esse percurso, pois isso é comum a todas as mães. Ela terá feito esse itinerário de quem acompanhou um filho até a morte. É uma inversão, pois sempre esperamos que sejam os filhos que acompanhem os pais. Maria acompanhou a morte de seu Filho, como acontece com tantos pais e tantas mães que sofrem essa dor terrível.

Diante desta cena, que mensagem podemos levar para casa? Sabemos que um teatro é representação, mas precisamos descobrir nestes sinais visíveis o mistério maior de Jesus. Ele quis nos ensinar uma única coisa, quis nos acompanhar ao longo de nossa vida, em todos os momentos, até e principalmente nos mais dolorosos. Muitas vezes já lhes falei disto: quando estamos bem, a paixão de Cristo nos diz muito pouco, a sua dor nos escapa. Mas quando a dor nos atinge com toda a violência, o mistério da paixão se faz importante, para que a nossa fé não fraqueje, para que não percamos a confiança fundamental que vamos adquirindo ao longo da vida. Os braços de Deus são os únicos que nunca falham. Os braços de Jesus, que foram desprendidos da cruz e que agora jazem inertes nos braços de Maria, são os mesmos que irão nos abraçar ao longo de toda a nossa vida. Que tenhamos a coragem de nos abandonar nestes braços do Senhor, pois só eles salvam. Amém. (10.04.09/Sermão do descendimento da cruz)

SEM GALILEIA, NÃO HÁ JERUSALÉM

(Mc 16, 1-7)

Esta é a grande noite, a maior da liturgia cristã, quando comemoramos a ressurreição do Senhor. O evangelho escolhido é o de Marcos, e nele três coisas me chamam a atenção. A primeira coisa fundamental é que o túmulo não é lugar para encontrarmos Jesus. Não o encontraremos no túmulo. As mulheres foram e não o encontraram. Qual o símbolo desse túmulo como não-lugar de Jesus? O túmulo é símbolo da morte, da decomposição, da partida definitiva, sem vida, e o Senhor não está lá. Guardemos bem esta lição: não procuremos o Senhor na morte, na decomposição, no vazio, pois Ele não estará lá. Ele está vivo e ressuscitado!

A segunda lição é para as mulheres. A primeira anunciadora da ressurreição de Jesus foi Maria Madalena. Não foi nenhum apóstolo, nem Pedro, nem João, nem qualquer outro apóstolo dos mais queridos de Jesus. A primeira pessoa que testemunhará que Jesus está vivo e comunicará a Pedro é uma mulher, para mostrar que no início da nossa fé está Maria para a encarnação e outra Maria para o anúncio da ressurreição. Duas mulheres no início da nossa fé! Isso para que as mulheres tomem consciência de sua importância na transmissão da fé nas nossas comunidades. Se na Igreja Católica os ministros ordenados são somente homens, isso não quer dizer que a fé passa por eles. A fé passará muito mais e muito mais profundamente através de tantas e tantas mães e tantas e tantas mulheres.

Talvez a coisa mais importante do evangelho de hoje é um pormenorzinho que passa despercebido, porque Marcos é diferente de Lucas. Precisamos entender porque Lucas coloca todas as aparições de Jesus em Jerusalém e não fora. Para Lucas, o Cristo glorioso é percebido, vivido, experimentado em Jerusalém, ao contrário de Marcos. Ele diz que os apóstolos deveriam voltar para a Galileia, pois lá Jesus irá se manifestar. Por que Lucas coloca em Jerusalém, e Marcos coloca todas as aparições na Galileia? Claro que só pode ser simbólico, porque para Lucas tudo termina em Jerusalém, e é lá que tudo também começa. Jerusalém é a meta da única viagem que Jesus fez em sua vida. Todo o evangelho de Lucas é uma grande viagem de Jesus para Jerusalém. Ele vai dando suas lições, transmitindo suas doutrinas, caminhando para Jerusalém. Ele caminha para o centro da fé judaica e nessa caminhada anuncia o seu evangelho. Lá se realizará a sua missão principal, lá Ele morre e ressuscita, lá se manifesta, de lá sai a Igreja para o mundo inteiro.

Marcos inverte a história, lembrando-nos que não podemos nos prender ao Cristo glorioso. É preciso voltar a aprender com o Jesus histórico, aquele que viveu na Galileia. Lá Ele passou a infância, a adolescência. Lá, naquele lago maravilhoso, Ele frequentemente navegou, pregou, curou, fez praticamente tudo em sua vida terrena. O Jesus que queremos seguir, humilde, terrestre, é da

Galileia. Antes de vermos o Cristo glorioso, precisamos compreender e imitar aquele da Galileia. Temos que voltar frequentemente ao Jesus da Galileia para entender o Jesus glorioso. Se nos perdermos na glória, na euforia da ressurreição, correremos o risco de esquecer que, para chegar lá, Ele trabalhou toda uma vida. Ele provou, sofreu, encarnou-se, participou de nossa vida, viveu em nosso meio, alegrou-se, chorou, tudo isso na Galileia.

Páscoa é o momento em que o Cristo chega a sua glória, mas o que chega à glória é o mesmo que viveu a história. Assim também é a nossa vida. Quantas vezes queremos a Jerusalém dos momentos bonitos, festivos, como esse agora. Mas, para vivermos esta *Jerusalém*, passaremos por tantas *galileias*: celebrações menores, às vezes com poucas pessoas; vendo pessoas que nos deixam, abandonam a Igreja. São as nossas *galileias*. Mas para não desanimarmos na Galileia, olhemos para a páscoa, para a ressurreição. Para que não nos alienemos na páscoa e na ressurreição, devemos nos lembrar da Galileia. O Cristo glorioso é o mesmo da história, assim como o Cristo morto na história é o mesmo que é glorioso. É um só Senhor! Amém. (15.04.06 – Vigília Pascal)

PARA O SALTO DA FÉ, PRECISAMOS DE SINAIS (Jo 20, 1-9)

Ontem líamos a narração de Marcos, hoje lemos a de João. Cada uma carrega uma experiência espiritual diferente da comunidade que gerou esse texto. Não se trata, portanto, de uma descrição pormenorizada, mas de uma percepção profunda desse mistério, sobretudo em João, que é muito simbólico. Gostaria de fixar-me em duas ideias somente. A primeira é Maria Madalena.

Lembrem-se que já lhes disse que no início está uma mulher: Maria, a Virgem, a Mãe. Nela Jesus foi concebido, dela Jesus nasceu. No início e no fim, duas mulheres. No fim, uma pecadora convertida. Deus insere em seu grande projeto de salvação as mulheres, em situações mais diversas. Madalena vai buscar o Senhor vivo no lugar dos mortos. Ela se equivocou, errou de lugar. Jesus não estava morto, não podia estar no túmulo, mas ela não havia percebido esse mistério maior. Quantas marias ainda procuram Jesus no lugar errado?! Procuram Jesus onde está a morte, tristeza, desânimo, depressão, vazio. Jesus está onde está a vida, onde está aquele jovem luminoso junto ao túmulo. Ele está onde há esperança, onde criamos e construímos um mundo novo. Não devemos procurar o Senhor no lugar errado, porque não o encontraremos. Devemos buscá-lo onde Ele está. O acharemos perto de nós, junto de nós, consolando-nos, animando-nos. Maria volta para avisar, e avisar a quem? A dois apóstolos, também simbólicos: um mais velho e um jovem. Por que escolheu assim? Poderiam ser dois velhos que a seguiriam de bengala. Mas não! Vão Pedro e João.

Quanta coisa Pedro significa! Um homem corajoso, destemido, mas também traidor, mesmo que depois tenha chorado a traição. Coisa bonita! Promete, falha, converte. Como Pedro é parecido conosco! Como nós somos Pedro, e por isso corremos em busca do Senhor! Também Pedro vai ao lugar errado. Ele busca Jesus entre os mortos e não encontra. Corre João, o jovem, iluminado, tem intuição, carrega o futuro. Ele corre, e é claro que o jovem corre mais depressa. Na sociedade é sempre assim: os jovens caminham à nossa frente. Já lhes disse que o jovem é como uma febre que anuncia as doenças que a sociedade ainda não descobriu. Anunciam alguma coisa que está acontecendo, até que os médicos cheguem e descubram onde está o tumor que o jovem já denunciou pela febre. João corre. A juventude busca o Senhor, também no lugar errado.

Quantos pedros, homens maduros; quantos joões, jovens, buscam o Senhor no lugar errado?! Triste lição! Quantos saem de nossa comunidade, onde o Senhor está vivo na eucaristia, e vão buscá-lo em outros lugares, quem sabe, em lugares errados?! Muitos jovens buscam a felicidade, o prazer, buscam amar, mas onde? No vazio, na perda de sentido, naqueles lugares onde o amor não está. João diz que, quando chegou ao túmulo, viu e acreditou. Prestem atenção nestes dois verbos: **viu** e deu um salto, **acreditou!** Não acreditou porque viu. O que viu

foi o túmulo vazio, alguns panos enrolados, um lençol. Isso foi o que ele viu, mas acreditou. Acreditou no Senhor vivo e ressuscitado! O que isso quer nos dizer?

A nossa fé precisa de sinais. Sem sinais, nós não cremos. Precisamos ver alguma coisa para crer em outra maior. Crer porque vemos é pouco. Não é fé, mas sentido. Precisamos ver, e a nossa Igreja é esse visível, é isso que mostramos ao mundo. Não somos a totalidade, a Trindade, a Transcendência. Somos sinais visíveis, corpos perceptíveis para que, vendo-nos, as pessoas possam dar o salto maior na fé. Se um dia todos os sinais se apagassem, houvesse um imenso silêncio, uma noite escuríssima, sem nenhuma estrela sequer, sem um risco de luz, também a fé desapareceria. A fé necessita de sinais visíveis. É por isso que estamos aqui. A fé necessita que a comunidade se reúna para sustentar nossas fraquezas, porque, se não nos reunirmos, a nossa fé não continuará. Se não encontrarmos nenhum sentido nessa Igreja, se não percebermos nenhum sentido na celebração, nos sacramentos, se não percebermos nenhum sentido nos cristãos, como poderemos crer? Não poderemos crer porque necessitamos dessa visibilidade da Igreja, dos sacramentos, das nossas profissões de fé, das estátuas. Não para parar aí, mas para dar o salto da fé – “**Viu e acreditou!**” Não acreditamos em estátuas, acreditamos na Virgem gloriosa que não vemos, mas este sinal está aqui para acordar a nossa fé. Não vemos Jesus na eucaristia, pois Ele não está na hóstia. É um sinal! Temos que olhar o sinal e dar o salto.

Muitos têm dificuldades de dar esse salto *olímpico*, que às vezes é difícil. Mas, como comunidade, temos que criar sinais e ajudar nossos irmãos a dar o salto da fé. Amém. (16.04.06/domingo de Páscoa)

ABRINDO PORTAS PARA DAR E ACOLHER O PERDÃO (Jo 20, 19-31)

Aí está um texto simbólico de João. Vocês perceberam que eu li chamando a atenção para os pormenores. É claro que, quando João insiste duas vezes que as portas estavam fechadas e que, mesmo assim, Jesus entrou e saudou os discípulos, não é para dizer que Ele atravessou as paredes. João vai muito mais longe. O discurso narrativo, a linguagem descritiva diz como as coisas são: vocês estão sentados nos bancos. Pronto, estão sentados. Essa é uma linguagem narrativa, descritiva. A linguagem simbólica quer mostrar uma coisa que vai além. Quando eu digo que uma pessoa está sentada no trono, eu não quero dizer que ela apenas está sentada, mas que tem poder, que é grande. Não é o estar sentado que interessa, mas o grande, poderoso. Isso é o simbólico, que vai além daquilo que percebemos.

João diz que Jesus entra “estando fechadas as portas”. Que portas são essas? São as portas do nosso coração, as portas do coração dos discípulos, as portas do coração de todas as pessoas que se fecham nelas mesmas. Alguém que não está aberto a nada nem a ninguém ouve, não vê, não sente nada, não percebe o outro, só existe ele. É claro que essas portas estão fechadas, uma vez que ninguém pode se aproximar. Parece porco-espinho que espeta quem chega perto.

O mais paradoxal é que hoje uma maneira de fechar as portas é abrir, escancarar o nosso coração para as futilidades, as vaidades, as bobagens, essas notícias vazias, esses programas de domingo que só trazem coisas inúteis e superficiais. Um coração aberto para acolher tudo isso é um coração fechado para o Senhor, para a graça, a profundidade, a intimidade, a presença do Espírito.

“Estando fechadas as portas” – duas vezes! Nós somos muito fechados. Fechados porque nos encerramos e fechados porque nos amontoamos de coisas. Quanto mais alguém se enche de coisas vazias, mais fechado estará. Não pode ouvir, captar outras coisas. Conversem com um jovem vazio, digam-lhe alguma coisa séria. Vai ouvir e não vai entender. Digam-lhe uma profundidade, e ele não vai captar, porque está com a porta fechada pelas bobagens que encheram sua cabeça. É isso que está atrapalhando e impedindo que os jovens cresçam. Não por viverem num mundinho pequeno do interior, da roça, mas porque abrem todas as *internets*, televisões, sons e querem captar tudo isso, e nisso se fecham. “Estando fechadas as portas”...

Mas o bonito é que Jesus não se deixa dobrar por isso. Ele vem e entra, mesmo as portas estando fechadas. Quando é que eu sei que Ele entrou? João diz: “A paz esteja com vocês!” Vocês acham que Agostinho, aquele jovem africano, quente, que se entregava a todos os prazeres e filosofias erradas do seu tempo, enquanto sua mãe ao lado rezava, tinha as portas abertas? Estavam todas fechadas. Mas o Senhor entrou e, um belo dia, ele sentiu uma imensa

paz o dominando. O seu coração se abre. Falamos tanto de Francisco de Assis. Também ele, jovem como muitos de vocês, gostava de festas e farras, de cantar, fazer poesias. Fazia poesias em francês, apesar de ser italiano. Gostava da corte, de roupas bonitas. Era vazio, mas as suas portas se abriram quando beijou um leproso. Sentiu um nojo terrível, pois os leprosos daquela época não eram como os de hoje, bem cuidados, medicados. Carregavam pústulas por todo o corpo. Vem esse jovem rico, bonito e beija o leproso. Nesse momento, sentiu a *doçura mais doce* de sua vida. As portas se abriram, a paz encheu o seu coração.

A segunda ideia de João é que Jesus sopra sobre os apóstolos, sopra sobre a Igreja. Qualquer judeu, com uma cultura mínima, sabia que as palavras sopra e espírito em hebraico são iguais – *ruah*. Embora o evangelho tenha sido escrito em grego, João conhecia o hebraico, o aramaico, onde sopra e espírito têm a mesma origem etimológica, a mesma semântica, o mesmo significado. O espírito parece um sopra, assim como o sopra parece um espírito. Reparem como o nosso corpo se arrepia de prazer e gozo numa tarde quente, quando sopra uma brisa bem suave. É como se o Espírito nos tocasse.

Jesus, para dizer dessa brisa suave que penetra os corações, sopra sobre os apóstolos, assim como sopra sempre sobre nós. Nesse sopra passa a coisa mais linda que se pode imaginar, e também difícil. Ele sopra-nos a capacidade de perdoar. É difícil perdoar, muito difícil! Somos muito infelizes, porque carregamos mágoa, ódios, tristezas, depressões, aborrecimentos. Nosso interior está cheio de tudo isso. Andamos, passeamos, vamos para todos os lados, paramos em frente às televisões e sempre com as caras fechadas, tristes, nervosas. Brigamos, xingamos uns aos outros, porque vivemos azedos, e, quem está azedo, azeda tudo. Quem tem mágoa, magoa – é só tirar o acento e fica certinho. O perdão purifica, limpa, liberta, joga todo o veneno para fora. Jesus diz: “aqueles a quem perdoardes, serão perdoados; aqueles a quem retiverdes, serão retidos”. Retemos o mal quando não perdoamos e, quando perdoamos, o colocamos de nós. Este poder o Senhor deu a toda a Igreja: todos nós podemos perdoar e sermos perdoados. A Igreja colocou um sacramento para o momento mais solene do perdão – a reconciliação. Mas, para esse alto, esse píncaro, esse cume, vamos subindo lentamente através de pequenos perdões que vamos dando. É lindo demais este evangelho!

Terceiro pormenor de João: Jesus aparece para os apóstolos, mais especialmente para Tomé. Ele poderia ter feito Tomé vê-lo andando sobre as águas, ressuscitando o filho da viúva de Naim, transfigurado, como no Tabor. Não mostrou nenhum desses sinais, mas mostrou as chagas das mãos e do lado. Ele não tinha chagas quando andou sobre as águas, mas sim quando o assassinaram, quando estava despido, desprezado, sendo blasfemado por todas as pessoas, no momento em que foi crucificado. A chaga é o símbolo da humilhação, do momento mais baixo da vida de Jesus. Diz a Tomé para crer, porque Ele era também o ressuscitado. É muito difícil aceitarmos as pessoas em suas limitações.

Vocês podem ver nas televisões que, quando alguém é condecorado, promovido a um cargo importante, fica cercado de repórteres, de familiares, de amigos. Nada contra! Mas o que mais me toca, onde eu vejo mais grandeza não é nessa hora, e sim quando aparecem aquelas cenas nos presídios. Os presos lá dentro e, do lado de fora, as esposas e mães olhando para seus maridos, seus filhos, amando-os. Não na hora da glória, mas na hora da prisão, da humilhação. Quando os repórteres mostram as rebeliões dos presos, lá estão as mães, as esposas, os filhos, ansiosos pelo desenlace da situação. São as chagas de Jesus. Esses são as *tomés*, porque são capazes de amar na hora da humilhação. Quando Tomé conseguiu reconhecer Jesus nas chagas, foi capaz de dizer: “Meu Senhor e meu Deus!” E Jesus conclui dizendo que ele acreditara por ter visto as chagas. Nós seremos felizes no dia em que virmos as chagas de nossos irmãos e amá-los e no dia em que, vendo as chagas do Senhor nas chagas de toda a humanidade, amá-la e crer. Amém. (22.04.06/2º.domingo da Páscoa)

TESTEMUNHAS DA TRANSFORMAÇÃO

(Lc 24, 35-48)

Esse texto é uma espécie de toalha bem bordada que o evangelista, com muito cuidado, foi tecendo em pormenores. Algumas vezes, durante a leitura, eu salientei palavras e expressões para que vocês percebessem isso. O primeiro pormenor é que esse evangelho se liga ao trecho anterior que trata dos discípulos de Emaús. Eles encontraram Jesus e o reconheceram ao partir o pão.

O evangelho de hoje começa quando eles voltam a Jerusalém, à comunidade. Entram na sala onde estão os apóstolos e contam o que o Senhor tinha feito com eles. Nesse exato momento aparece Jesus. Vocês acham que pode ser uma coincidência qualquer? Por que o Senhor aparece exatamente na hora da narração? Por que não apareceu antes ou depois?

Eu queria chamar a atenção para uma coisa importante. O povo de Israel sempre viveu da memória. Todos os anos, quando celebram a páscoa, acontece uma cena muito bonita. Numa grande ceia, num grande jantar, o pai venerando, geralmente de barbas longas, *abraâmicas*, senta-se à mesa, e o filho caçula pergunta-lhe sobre o que estão celebrando. O pai responde: “Meu filho, quando estávamos escravos no Egito, o Senhor chamou Moisés...” E conta toda a história. Todos os anos a mesma cena se repete, e a história de Israel se impregna no povo judeu. Por isso até hoje o povo judeu se mantém unido. Mesmo depois de tantas perseguições, exílios, holocausto, campos de concentração, eles continuam firmes, porque a memória os congrega. O narrar, o contar a história fez com que o povo crescesse e permanecesse unido. Nós, na liturgia, deveríamos contar muito mais.

Alerto os pais que contem, narrem histórias para seus filhos. Nada é mais forte para formar a consciência de uma criança, para plasmá-la, do que a história, a narração. Narração da escritura, da nossa fé, da vida da família, da história do Brasil. “Era uma vez Tiradentes...” Até JK de vez em quando precisa aparecer na história. “Era uma vez uma época tenebrosa, o regime militar, que matava, torturava...” Os jovens precisam saber disso. Precisamos narrar a história. Um povo sem memória é um povo perdido, superficial, banal, que vive de programas de televisão, apenas com o último acontecimento. Não tem raiz, e o primeiro vendaval derrubará a árvore. Um povo que tem história está plantado. Pode vir toda a americanização, que permaneceremos brasileiros, mineiros, porque temos uma tradição, séculos de história. Temos Ouro Preto, Inconfidência Mineira, temos heróis, pessoas que morreram pela nossa liberdade. Nada disso existe para os nossos jovens, e sim, o último jogador de futebol, o último Ronaldinho; aquela artista de televisão que muda a cara numa plástica ou através de cosméticos. E vão todas as *stars startizando* um mundo vazio. A cada semana, uma diferente, sem história, sem passado, sem memória, sem futuro. Apenas um corpinho

bonito, todo modelado em milímetros. A história não é isso. Ela carrega o peso de pessoas sofridas. Precisamos contar, narrar muitas histórias, a começar da história de vocês, pais.

Lembro-me de uma vez em que viajava pela Alemanha e ouvi um pai comentando que os seus filhos não sabiam o que haviam sofrido para reconstruir aquele país depois da guerra. Aqueles que viveram a guerra na Europa, que passaram dois ou três anos de fome, agora viam uma Europa rica e não poderiam esquecer que passaram fome. Betto (*), quando fala de Lula, diz que ele não foi apenas pobre, mas miserável. Passou fome, chegou a disputar um pedaço de pão com seus irmãos, porque não tinham alimento suficiente. Viajou para o sul num caminhão pau-de-arara, sujo, para tentar sobreviver. Precisamos conhecer essas histórias, saber o que as pessoas sofreram. Embora este país não se lembre de nada, ele foi construído com suor, com sacrifício, com luta. Quando narramos a história, o Senhor aparece. Ele está presente nela, nos acontecimentos.

Uma segunda coisa: como o Senhor se identificou? Como já falei na semana passada, volto a repetir: Ele mostrou as mãos e os pés. Claro que imediatamente pensamos nas chagas. Por que as mãos e por que os pés? Ele foi um grande andarilho. Não tinha nenhum BMW, nenhum Astra, nenhum Fox para andar pelas estradas. Ele ia a pé. Também não tinha um tênis Nike para caminhar. Tinha uma sandália rústica e, às vezes, descalço, palmilhou as estradas pedregosas, poeirentas, cheias de espinho, daquela Palestina pobre, miserável. Caminhou para que as suas mãos tocassem o cego e o fizesse ver; tocassem a pele machucada de um leproso e o curasse; tocasse o esquife de um jovem que ia ser enterrado, para que ele voltasse à vida; tocasse a cabeça de uma pecadora e fazer com que o perdão de Deus a purificasse. Para tocar, tocar, tocar.

Será que nós somos reconhecidos pelos nossos pés e pelas nossas mãos? O que manifestamos através deles? Será que nossos pés caminham em direção ao pobre, ao miserável, aos solitários, aos tristes, aos que estão em asilos e precisam de pés que cheguem perto deles? Será que as nossas mãos carregam as crianças pequenas, acalentam-nas com carinho e afeto, fazendo-as crescer no caminho do bem e da verdade? Os nossos braços falam, o nosso corpo fala. Será que o nosso corpo fala de Deus, de beleza, de pureza, de entrega de si? Ou os nossos corpos vedam a verdade, o bem; obscurecem a beleza; torna escura a nossa caminhada?

O Senhor soprou e abriu-lhes a inteligência. Precisamos ter a inteligência aberta. Já repararam que nos distinguimos dos animais exatamente pela inteligência? O cachorro late, e o homem pode latir também. Só que o cachorro late por instinto, e o homem pode latir por inteligência, para assustar e espantar. A inteligência percebe a realidade, por ela lemos a escritura, podemos entender o projeto de Deus, como a história se constrói e, na história, percebemos o seu agir. O mais importante é ter a história na mão, como cantava Vandrê (**): “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Precisamos saber fazer a hora, e fazer a hora é transformar a realidade.

Ainda esta semana, uma senhora que mora no Caieiras (***) me dizia que um grupo de assaltantes foi preso. Cortou-me o coração, quando ela disse que entre eles havia uma menina de treze anos. Onde nós estamos? Uma pré-adolescente de treze anos, apenas despertando para o mundo, e já com um revólver na mão, disposta a matar, a assaltar. Como é possível que uma pessoa seja destruída na sua raiz mais profunda de humanidade? Ela foi criada pela Trindade, é filha do amor infinito de Deus. Onde está sua mãe, seu pai, sua vizinha, o professor? Onde estão os adultos que deixam essa menina se perder assim tão facilmente? Precisamos acordar e pensar nessas crianças de nossa cidade. Não é possível que fechemos os olhos, senão amanhã também elas estarão no caminho da maldade, da perversidade, porque os nossos olhos não veem, a nossa inteligência não percebe, a nossa sensibilidade não sente.

O Senhor nos abre a inteligência para vermos a realidade e caminharmos para a conversão e o perdão dos pecados. São duas expressões tradicionais, e eu gostaria de voltá-las para a atualidade. Que coisa é converter-se e que coisa é perdoar os pecados? É criar a fraternidade da reconciliação. Não é possível que brasileiro lute contra brasileiro, que brasileiro mate brasileiro. Os maiores criminosos não vêm de fora, são nossos patrícios, moram nas nossas cidades, nos nossos bairros e se voltam contra nós. Como isso é possível? Que numa guerra se mate, não se entende, mas argumenta-se que são inimigos, povos distantes. Mas que habitantes do mesmo bairro se matem, não podemos aceitar. É possível, porque está acontecendo; estamos dormindo e não percebemos a realidade. Não sabemos que coisa é conversão, não sabemos que precisamos transformar a realidade. O Senhor pede que sejamos testemunhas dessa mudança, dessa transformação. Amém. (29.04.06/3º.domingo da Páscoa)

(*) referência ao frade dominicano, Carlos Alberto Libanio Christo, o Frei Betto

(**) referência a Geraldo Vandré, cantor e compositor paraibano, autor do grande sucesso “Prá não dizer que não falei de flores” ou “Caminhando”

(***) referência a um bairro de Vespasiano.

A ÉTICA DO CUIDADO (Jo 10, 11-18)

Vivendo numa cultura urbana, do asfalto, dos ônibus e automóveis, estamos muito longe das metáforas rurais, pastoris. Mas creio que elas vão mais longe que a simples cultura. Jung, o psicólogo do inconsciente coletivo, diz que elas são um arquétipo – do grego, *achè*: princípio e *typos*: figura, imagem – isto é, são dessas imagens que vão ficar sempre no mais profundo do nosso inconsciente. Portanto, mesmo vivendo nas grandes cidades, mesmo sem nunca ter visto, quando ouvimos a palavra **pastor** parece que ela mexe com nosso inconsciente profundo. Acorda-nos e nos chama para alguma experiência diferente: o pastor e o mercenário.

É claro que, quando João escreve, fala de Jesus e dos seus adversários. Jesus mesmo se apresenta como pastor. Qualquer cristão, lendo o evangelho de João, logo percebe que se refere à entrega que Jesus faz de sua vida. Esse é o sentido primeiro, imediato, fácil, que qualquer um de nós entende. Mas podemos avançar.

Eu diria que cada um de nós é, simultaneamente, pastor e mercenário. Somos divididos interiormente – essa é a nossa dor. Não conseguimos ser totalmente integrados. Somos cortados pelas duas faces do nosso existir: a face de pastor e a face de mercenário. O que é um mercenário e o que é um pastor em cada um de nós? Eu diria que pastor é aquele que descobre em sua vida, em seu ser, em sua experiência, o que o grande Dalai Lama, budista que percorre o mundo todo fazendo palestras, chama de cuidado, misericórdia, compreensão; o que Leonardo Boff desenvolveu tão sabiamente num livro chamado “Saber cuidar – a ética do cuidado”.

Quero falar um pouco dessa ética, porque ela é nova. O cuidado é antigo, qualquer mãe sabe que coisa é cuidar, desde que tenha uma criança nos seus braços. Mas é diferente pensar que um gesto tão simples, comum, imediato, espontâneo e natural de uma mãe cuidar de um neném se transforme numa ética. Ética significa princípio universal que a razão percebe, não o instinto. A razão, ao tocar este ato de ver uma mãe, se pergunta, como fez Kant (*) “será que eu posso transformar esse gesto num gesto universal?”. Quando eu tomo o gesto de uma mãe que cuida de sua criança e digo que esse gesto não é dessa mãe, nem de todas as mães, mas de todos os seres humanos, eu universalizo. Cuidar é a nossa estrutura radical. Nascemos para cuidar. Somos estruturalmente pastores e, quando não o somos, negamos a nós mesmos, destruímos a nós mesmos, nos corromemos por dentro, porque não somos pastores.

E que coisa é cuidar? Cuidar é mudar o olhar. Nós temos dois olhares: o do objeto e o do sujeito. Eu olho esta estola e posso dizer que ela é bonita, que é branca. Eu olho e digo se funciona ou não. É o olhar do objeto, do interesse, o olhar técnico que vê as coisas como são. Não é o olhar do pastor, mas do mercenário,

que só vê as coisas de fora, objetivamente. O olhar do sujeito perguntaria: quem fez isso? Quanto amor se colocou nesta estola? Pensaria naquela pessoa que se debruçou sobre o pano, começou a pintar e em quanta vida colocou aqui dentro. Este olhar transfigura o objeto. Eu fixo-me no amor daquele que plasmou, forjou, esculpiu, trabalhou o objeto.

Vamos imaginar que estamos diante de uma grande estátua – a *Pietà*, de Michelangelo. O olhar mercenário verá a estética, perguntará se o estilo é barroco ou não. É objetivo. O outro olhar perguntará que paixão aquele homem tinha pela Virgem. Como soube colocar juventude no rosto daquela mulher adulta? Como ele fez Maria, aos quarenta ou cinquenta anos, com o rosto de uma adolescente? O que quis nos passar? Que coração, que beleza, que amor ele nos passou? É o olhar do pastor!

O olhar do mercenário vê se uma criança está crescida, se é travessa. O olhar do pastor vê a beleza que ela traz dentro de si, o que será amanhã, como o seu coração será forjado pela ternura da família, pela escola, pela catequese. Quem vai colaborar na formação dessa criança? Quem vai evitar que uma criança de treze anos no Caieiras (***) entre numa gangue e assalte com mão armada? Como fiquei chocado com isso! Uma menina de treze anos pega num revólver para assaltar! O pastor olha essa criança e pergunta: como forjaram o seu coração desse modo? O mercenário acha que o certo é prendê-la numa cadeia, numa FEBEM (***). Vê o simples fato. É o puritano, que pensa só na realidade objetiva, nos seus interesses. O pastor pensará na mãe daquela criança, entrará na sua dor, vendo uma família desestruturada que permite que uma criança se perca no meio de uma gangue de rapazes que fumam, se drogam. O pastor sofre, sente, geme, chora, enquanto o mercenário anota, coloca no jornal, chama a televisão, manda filmar. O pastor penetra na dor da pessoa.

O bom pastor nunca vai acreditar que aquela pessoa seja totalmente doente. Ele sabe que sempre existirá um resquício de luz e vai procurar a beleza que ainda existe naquele coração. Ele pastoreia, não é uma espécie de ouriço que espeta, mas um braço que se abre para oferecer e acolher o abraço. Amém. (07.05.06/4º. domingo da Páscoa)

(*) referência a Emmanuel Kant, filósofo alemão do século XVIII

(**) bairro de Vespasiano, onde acontecera o fato em questão

(***) Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

PALAVRAS QUE MOLDAM A VIDA (Jo 15, 1-8)

João é o evangelista das metáforas, das comparações, o discípulo mais próximo do carinho de Jesus, aquele que encostou a cabeça no peito do Mestre e sentiu o pulsar do seu coração. Ele quis encontrar uma metáfora, uma comparação que exprimisse sua intimidade com Jesus. Como vivia num país de muitas plantações, olhou para uma videira e viu que de seu tronco saíam galhos verdejantes. Então, perguntou-se por que os ramos estavam tão verdes, tão lindos. É que eles bebiam da seiva da vida! Assim somos nós, pensou João. Assim era ele, que bebera a seiva daquele Homem chamado Jesus e, por isso, estava cheio de vida, mesmo já velhinho. Com mais de noventa anos, ainda sentia o palpitar forte da seiva de vida que o invadia. Esse é o evangelho de João, mas eu vou pedir-lhe licença para usar a sua metáfora para vocês, mães.

Eu as vejo como esse tronco que sobe, carregado de força, de energia, de vida. A vida, não cabendo no tronco, se esgalha, se estende nos filhos que, ao longo do tempo, vão crescendo. A metáfora de João é forte, porque, em dois momentos, fala de corte. Há dois cortes na vida: o corte de amor e por amor e o corte sem amor. O corte com amor faz com que o galho podado, ferido pela mão da mãe, se torne ainda mais forte. É toda vez que a mãe tem coragem de podar alguma coisa em seu filho. Talvez muitos jovens não saibam que, muitas vezes, eles se perdem, porque falta alguém para podá-los, para colocar-lhes limites. Não o limite imposto por quem não ama, que não se interessa, que apenas quer cobrar, mas o limite do amor. Esse faz crescer, é uma poda que faz com que a vida seja mais vida. Se não soubermos até onde podemos chegar, se não tivermos limite, seremos pessoas perigosas. Seremos capazes de nos pensar como deuses, e aí poderemos cometer as maiores barbaridades, porque não somos deuses.

Há outra poda e esta é terrível: é aquela que corta, e o que cai morre. É toda poda feita sem amor. Todas as vezes que cortamos qualquer pessoa – e isso pode acontecer entre mãe e filho –, é como o galho que seca e cai. Diz o evangelho, de maneira muito forte, que o galho seco termina no fogo das paixões, do ódio, da vingança, do rancor, da mágoa, e se transforma em cinza – perdoem o pleonasma – na *cinza cinzenta* da existência. Perde-se. A primeira água faz com que essa cinza penetre na terra e desapareça.

Somos podados pela palavra, nos diz o evangelho. Que coisa linda! Mas será que as mães falam? Será que os filhos ouvem? Será que circulam palavras entre eles, ou ficam os dois estatelados diante daquela *telazinha* luminosa, silenciosos, tontamente silenciosos, porque aquela *luzinha* lhes fecha a boca? Não sabem falar. Veem imagens, mas a palavra desaparece. O Senhor diz que a palavra é o que corta, que dá vida, que penetra. Ela é a coisa mais linda que o ser humano criou para comunicar-se, muito mais que o gesto. Os gestos são ambíguos, nos confundem. A palavra é direta, e por ela passamos as ideias, como eu estou falando-lhes agora. Ela forja-nos, porque brota de nossa interioridade.

É a nossa grande criação. No princípio está o *logos*, no princípio está a palavra. Da palavra eterna do Senhor vieram todas as nossas pequenas palavras.

Será que as mães sabem encontrar palavras para falar aos seus filhos adolescentes? Palavras que podem podar, cortar, que muitas vezes deixam o adolescente com a cara fechada, mas são palavras ditas com empatia, isto é, com um carinho envolvente, com cuidado, como tanto fala Leonardo Boff. Essas palavras, por mais que doam, são aquelas que, guardadas, frutificarão. Nós, adultos, sabemos como são belas as palavras que um dia ouvimos de nossas mães; como nas horas difíceis, de dúvida, de escuridão, a nossa memória se volta para elas. Quantas vezes eu, conversando com meu irmão, recordamos as palavras de nossa mãe! Ela partiu, mas suas palavras ficaram. As mães se vão, mas as palavras ficam e nos marcam. Às vezes, o filho adulto acha que já sabe tudo, mas, no fundo, ainda depende daquelas pequenas palavras que um dia a mãe colocou como sementes em seu coração.

Lembro-me dos meus jovens colegas, quando eu ainda estudava na Alemanha. Eles haviam feito a guerra, portanto conheceram a pior violência que jamais imaginamos, e diziam-me que, muitas vezes, viam rolar um colega soldado, e a última palavra que ele dizia, num grito juvenil, era *mutti* – mamãe, e morriam. Eram nazistas duros, fardados, mas quando a morte encostava-se neles, o coração se enchia, e a palavra que saía era mãe. Essa é a maior experiência que o ser humano tem na vida. Amém. (14.05.06/5º. domingo da Páscoa)

O AMOR QUE ELEVA NOSSOS AMORES ***(Jo 15, 9-17)***

Ouvimos tantas vezes esse evangelho, mas ainda não sabemos muitas coisas que estão por trás. A primeira coisa está muito além da religião, mas muito presente em toda a história da humanidade, desde que nos separamos do macaco, uns quatro milhões de anos atrás. Nunca ninguém chegou a dizer isto: que Deus é amor e que Ele amava as pessoas. Pedro, que era judeu e conhecia a religião judaica, depois que conheceu Jesus, fez o seu sermão para os pagãos dizendo que eles não mais precisavam seguir as pesadas leis judaicas. São mais de seiscentos mandamentos, quase impossíveis de suportar. Isso dizia Pedro que, mesmo sendo um rapaz sério e cumpridor de seus deveres, achava pesado demais. Diz aos pagãos que eles estavam livres de todos, deixando apenas três bem simples, que para nós não têm mais sentido e pouco a pouco desapareceram. Isso quer dizer que o cristão está livre de obrigações. Uma única lei nos rege: “amai-vos uns aos outros, como eu – Jesus – vos amei!”

O amor de Jesus foi tão original, que, quando os evangelistas escrevem, na cultura daquela época, num grego chamado *coine* – uma espécie de inglês de computador – , não acharam uma palavra que definisse amor. O grego não conhecia, mesmo tendo grandes filósofos, como Platão e Aristóteles, uma palavra para definir o que o cristão chamava de amor. Para eles existia apenas *eros* – o amor sensível entre um homem e uma mulher, que é bonito, belíssimo, mas está preso à visibilidade, ao olhar, ao tato, ao estar junto, agarradinho. Os gregos conheciam esse amor, mas o cristão quis trazer algo mais e criou a palavra *agape*, que, em português, apareceu diferente: ágape, significando refeição. Mas para o grego é *agape*. É esse amor sensível que todos nós temos, quando vemos Deus nas pessoas e gostamos de ver – acho bonito o olhar das pessoas –, e eleva o *eros* bem alto, sem deixar a raiz. É como uma árvore que cresce, mas não deixa a raiz. Devemos continuar amando sensivelmente, pois não somos anjos. É bonito, é belíssimo, mas é pouco para o cristão. Não é ruim, é pouco, pois o cristão deve querer mais.

Jesus diz que existe o *agape*: aquele que dá a sua vida pelo outro. Sempre demonstramos os nossos amores dando presentes, coisas. Quem não gosta de receber um *presentezinho*? Mas são coisas, não vida. Pode ser um carro novinho, uma televisão, um DVD, até essa *doença* nova que os médicos descobriram – *celularite* aguda. As crianças já nascem falando aos celulares, que nem cabem nas suas orelhas. São presentes, são coisas que elas recebem, às vezes, de pais separados, o que as faz divididas. Até as pesquisas mostram que os pais separados são os que dão mais presentes. Interessante! Se não podem dar amor continuado, têm que dar presentes, entulhar os filhos de presentes, para dizer que amam. Mas a única coisa que importa é que amar é dar a vida. Vida que é

o nosso tempo, o nosso carinho, a nossa escuta, o nosso ficar calado ouvindo o outro, percebendo o sofrimento do outro. É incluir, ir ao encontro da necessidade do outro e perceber o que ele gosta, o que sente. É preciso ter os olhos abertos para a face do outro, e nele ver o transcendente. É conversar com o negro, é se aproximar de uma pessoa drogada e procurar ajudar, acolher, estender as mãos a uma pessoa suja, malcheirosa e olhá-la com carinho. Isso é amar, é *agape*. Eu dou minha vida, o meu tempo, a minha energia, a minha força, e me esgoto nisso. Enquanto eu dou coisas, eu me poupo. Fico bonitinho, novinho, enchendo o outro de coisas. Olhemos para Teresa de Calcutá, que viajava para todos os lados, carregava crianças, lavava-as, dava roupas limpas aos velhos, chamava-os pelo nome, olhava as suas necessidades.

Que coisa mais linda Deus nos deu nesse mandamento! Vir aqui nesta igreja só tem sentido se amamos. Fazemos porque queremos, queremos porque amamos! Não estamos aqui por obrigação imposta de fora. O menor gesto há de ser por amor. Sem uma dose de amor, os nossos gestos não valem nada, e nada é nada. Mas, se colocamos uma pitadinha de amor, a realidade começa a se construir. Este é o mandamento: Jesus ficará conosco, nós ficaremos com Ele – Jesus, Maria, a Trindade toda. Mas, se não amarmos, todas as novenas, peregrinações, promessas não valem nada, absolutamente nada – N A D A.

Termino contando um fato acontecido com Maximiliano Kolbe (*). Estava ele num campo de concentração. Vocês, jovens, não têm ideia do que seja isto: uma das coisas mais terríveis, desumanas e loucas que a satânica inteligência humana criou – campos para matar. Mataram mais de doze milhões de pessoas. Ali havia uma regra terrível: se fugisse um prisioneiro, dez seriam executados aleatoriamente. Quem teria coragem de fugir, sabendo que seu ato acarretaria a morte de dez companheiros? Uma maneira horrível de pressionar, para que ninguém fugisse. Mas o desejo da vida é maior, e um dia, contando os prisioneiros, dão pela falta de um. Reuniram todos e, após um dia inteiro de pé, ao sol, não aparecendo o que fugira, o oficial alemão escolhe dez que morreriam. Um dos escolhidos, jovem ainda, em lágrimas, pede clemência. Era pai, esposo e deixaria sua mulher sozinha com seus filhos. Maximiliano Kolbe, um sacerdote honesto, sem mulher nem filhos, se oferece para morrer no lugar do escolhido. É aceito e passa vinte e um dias sem comer. É condenado à morte pela fome. É loucura satânica! Passa três semanas sem comer e todos os outros nove já haviam morrido. Por *compaixão*, os alemães decidem dar a ele uma injeção letal, e ele morre. Ele deu a vida pelo outro. Isso é *agape*! Amém! (21.05.06/6º.domingo da Páscoa)

(*) Padre franciscano, nascido na Polônia no século XIX, canonizado pelo papa João Paulo II, em 1982.

ALÉM DE TODAS AS CERTEZAS VISÍVEIS

(At 1, 1-11/Mc 16, 15-20)

Esta festa da ascensão vem carregada de ensinamentos. Vocês ouviram duas descrições – a dos Atos dos Apóstolos e a do Evangelho, mas o jogo é o mesmo: o Senhor esteve presente fisicamente entre nós. Portanto, pudemos tocá-lo, vê-lo, ouvi-lo, senti-lo, sentar ao seu lado, sentir o calor de seu corpo. Esse foi o Jesus da presença física entre nós. Quantas pessoas estavam ausentes a Ele? É a terrível experiência de tornar-se ausente diante de alguém presente. Quando estava pregando na Palestina, quantos estavam ausentes ali, mesmo vendo-o, tocando-o, porque suas mentes andavam por outros caminhos que não conduziam ao Senhor? Existe uma terrível ausência na presença, e acho que todos nós já experimentamos isso. Quantos casais existem, estando os dois bem presentes na mesma cama e ausentes um do outro, numa distância gigantesca, no afeto, no amor, na liberdade?! Terrível presença ausente! Essa é a mais dolorosa. Namorados que eu vejo, coladinhos, sussurrando palavrinhas de amor, muitas vezes pensam que estão presentes um ao outro, mas os seus corações estão perdidos por aí fora. Presenças ausentes! Filhos que estão presentes em casa, porque comem da mesma mesa, vivem do trabalho dos pais, mas para eles os pais não existem. Interessam-se por outros amores, outras jogadas. Os pais olham tristes para os filhos, porque são presentes ausentes. Esta é a pior presença que existe: a presente física daqueles que estão longe de nós afetivamente.

Jesus inverte o processo: fez-se ausente para ter outra presença. A presença de quem nos ama e a quem também amamos, esteja a pessoa onde estiver. É a presença mais importante. O mundo moderno está cada vez mais afastando as pessoas. Não sei se vocês seguem as estatísticas, mas há centenas de milhões de pessoas que estão fora de sua pátria. Pessoas da Ásia, da África e também do Brasil vão trabalhar em outros países. São ausentes das famílias que ficam, das esposas, dos pais, dos filhos, dos irmãos, mas continuam sendo pessoas amadas. As partidas não são definitivas, porque fica a presença, a lembrança, o amor, o carinho. Essa ausência não é terrível, porque há presenças que a cobrem.

Como diz a passagem dos Atos, “uma nuvem cobriu o Senhor”. Existe uma nuvem, essa sim, escura, que cobre nossos entes queridos. Ela se chama morte. A pessoa querida está ao nosso lado e, de repente, a nuvem da morte a cobre e a leva. Essa ausência é terrível, mas a fé nos diz que não é definitiva, pois a pessoa continua presente. É uma ausência presença em outra dimensão. Se a presença ausente é terrível, essa ausência não é, porque se faz presente. É uma ausência que nos enche, mesmo que não vejamos. Por isso, a ascensão nos leva a outro passo difícil, que eu chamaria a superação das certezas.

Por causa das ciências modernas, empíricas, cognitivas, sobretudo a biologia e a medicina, nos acostumamos a pensar que só existe aquilo que

verificamos, que constatamos, aquilo que nosso bisturi corta. Só existem as certezas físicas, visíveis. São com elas que convivemos: o salário que recebemos no final do mês, as compras feitas nos supermercados. As coisas são as certezas visíveis, olfativas, tácteis.

A ascensão não leva a pensar que existem outras certezas que não podemos verificar nem tocar. Estamos juntos e, de repente, alguma coisa nos separa, mas podemos ter certeza de que aquela realidade continua. É a certeza da fé, do amor, da esperança. É de outra natureza, de outra qualidade que muitos nunca atingirão. Alguns ficarão rastejando nas certezas sensíveis, como aquele famoso Círculo de Viena: um grupo de filósofos reunidos em Viena, a grande cidade da música, da beleza dos teatros. Para eles não existiam problemas que não pudessem resolver; não existia profundidade, só a superfície constatável. Ledo engano! Todas as vezes que celebramos, o que vemos são pessoas, vozes, mas o que está aqui é muito mais: a eucaristia, a presença do Senhor, a sua entrega, para que vejamos o que ninguém vê. É a certeza da fé, da esperança, do amor.

Qual de vocês viu o amor andando por aí? É bonito ou feio, gordo ou magro, alto ou baixo, como se veste? Alguém já cheirou, já tocou o amor? Como é que ele é? É quente, frio, gélido? Não sabemos, porque não pertence ao mundo dos sentidos, mas ao mundo do sentido. É um jogo lindo de palavras: os sentidos estão no plural, o verdadeiro está no singular. Não podemos tocar o sentido singular. E tocar é fácil. Nunca mais poderemos tocar o corpo físico do Senhor, como ninguém pode tocar o corpo da Virgem Maria, porque eles pertencem a outra realidade, a outra dimensão que escapa aos nossos sentidos, porque os seus corpos têm outro sentido, que é sacramental.

Há um livrinho que recomendo que leiam. É antigo, de Leonardo Boff, em que ele fala dos pequenos sacramentos da vida. Penso que já citei este fato. Ele era estudante, em Munique, e, de repente, recebe uma carta. Quando abre o envelope, encontra um toco de charuto. Ele olha e entende que era o toco do último charuto que seu pai fumara aqui na Terra. Olhando para aquele objeto, que qualquer um jogaria no lixo, entendeu-o como um símbolo, um grande sacramento de seu pai que morrera. Quantas pessoas guardam uma cadeira, sabendo que ali se sentou o seu pai? São sacramentos que enchem o nosso mundo. É o que tem valor nessa cultura do descartável, que não guarda memória. A memória é cheia de sacramentos. Eu conheço uma família em que todas as crianças são batizadas com a mesma roupa da bisavó. Para essa família, aquele traje não tem valor comercial, mas sacramental, e cada criança que o veste para o batismo recorda toda a família, toda a tradição.

Precisamos de muitos sacramentos que guardem os nossos amores, as nossas vidas, as nossas experiências. Não joguem fora coisas que carreguem saudades, palavras e vida. Amém. (28.05.06/9º.domingo comum – Festa da Ascensão)

PENTECOSTES NOS FAZ SER PARA O OUTRO

(At 1,1-11)

Hoje é pentecostes, e quando entramos na igreja, notamos que ela está diferente. As faixas com os sete dons, este grande mural, com esta frase bonita: “Descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força!”. Alguma coisa de original, de novo, está acontecendo nesta celebração.

A liturgia tem dois grandes braços: páscoa e pentecostes. A nossa fé tem grandes mistérios. Cada um é como se fosse uma grandeza: Deus Trino, o mistério da encarnação, o mistério pascal, o mistério da eucaristia, a escatologia. São grandes mistérios, que parecem estar muito distantes de nós. Pentecostes faz com que cada um deles desça para o nosso interior.

Quando falamos de Trindade, estamos falando que “no princípio estava a comunhão dos três e não a solidão do um”, como diz tão lindamente Leonardo Boff, e tantas vezes já repeti para vocês. Olhamos para o mistério de Deus e o vemos em comunhão. Pentecostes traz esse mistério para dentro de cada um de nós. Quando vocês, sozinhos, solitários, desejam uma presença, uma companhia, querem comunicar-se e serem comunicados, isso é pentecostes. É a Trindade que está morando, habitando, provocando esses desejos. Quantas vezes sentimos saudades, queremos construir comunidade, celebrar juntos?! É pentecostes! Quantas vezes, caminhando sozinhos pela rua, num anonimato terrível, de repente, encontramos alguém que conhecemos, com quem podemos conversar, partilhar?! É pentecostes! Essa Trindade nos criou para sermos comunidade, não solidão nem individualismo, que é a não-Trindade, é o não-pentecostes, e é a coisa mais terrível que existe. Pentecostes nos faz ser para o outro.

Vemos o mistério da encarnação. O Verbo divino e eterno encarnou-se longe de nós, lá na Palestina, há dois mil anos atrás, perdido no tempo e no espaço. De repente, percebemos uma realidade humana, descobrimos alguma coisa divina nessa realidade. É pentecostes! Percebemos que todas as realidades são atravessadas por alguma coisa densa, algum sentido maior. Quando percebemos isso, é pentecostes, que faz com que nossa inteligência, o nosso olhar capte o divino encarnado no humano. O mistério da encarnação se faz presente a cada um de nós.

O mistério pascal tão bonito: a morte, o sofrimento, a dor, a tragédia! Imaginem Bento XVI em Auschwitz, dizendo: “Deus, onde estavas quando tantos crimes se cometiam?” De repente, toda essa noite encontra a manhã da ressurreição. Quando descobrimos na dor, no sofrimento, na tragédia um pouco de luz, de coragem, é pentecostes! A páscoa atravessa todas as realidades, mas pode ser que não atravesse a minha interioridade, pode ser que eu não a perceba. E o perceber páscoa é pentecostes!

Pentecostes é esse dom do Senhor que faz o cristão nunca ficar abatido, nunca ficar acomodado, nunca achar que sua vida está perdida, cheia de mortes, desemprego, tristeza, fome, doença. De repente, percebe que de tudo isso brota vida. Quando percebemos isso, é pentecostes!

Há um fato que já lhes contei várias vezes e que me tocou tanto, por isso repito. Aquela mulher simples, lá no norte de Minas, que tinha um filho que era todo o seu amor. O jovem morre, e ela, que tinha um filho recém-nascido, diante do filho morto, diz para Deus: “me tiraste um filho, mas me deste outro. Deus, eu te agradeço!” É pentecostes! Essa mulher atinou que, na morte do filho, havia uma vida que começava. Reconheceu que Deus levava o que de melhor ela tinha, que era o filho maior, e lhe dera aquele filhinho pequeno para começar de novo. Perceber isso é pentecostes. Só o Espírito de Deus nos faz capazes de captar isso.

Ontem mesmo, um jovem, cuja família é orientada pelos nossos padres, voltando da cidade à noite, bate seu carro contra um poste e morre. É a noite da família, quando a mãe vê o filho jovem, morto num acidente. Para ela tudo parece acabar. Mas não acaba, porque há um pouco de vida, há esperança. Isso é pentecostes! Quando não houver nenhuma esperança, não haverá nem páscoa nem pentecostes. Enquanto houver, o Senhor estará se revelando na eucaristia. Quando no já de agora, no já de nossa história, de nosso viver, percebermos que há uma dimensão que transcende, que é maior que o presente, é pentecostes. É a dimensão escatológica: já e ainda não. Estamos caminhando numa história que vai para além da história, para além de toda essa vida. Quando temos esta visão de que a vida não termina no horizonte fechado deste mundo, mas ultrapassa as fronteiras escuras da morte, nesse momento fazemos a experiência de pentecostes.

Quando recebemos o Senhor Jesus na eucaristia como aquele que se dá a nós, para que nós nos demos aos outros é pentecostes. Quando fazemos essa experiência é pentecostes eucarístico. É o Senhor que só existe na eucaristia para se entregar a nós. Ele só existe aqui, nesta celebração, para dizer que Ele é para nós, para que nós sejamos para os outros. Quando descobrimos isso e saímos dessa igreja corajosos, animados a dar um pouco mais aos outros; quando somos capazes de olhar para um bêbado, um drogado, com um olhar de amor, de compaixão, e não de zombaria, tudo isso é pentecostes. Amém (04.06.06/Pentecostes)

COMO SERIA VIVER SEM TRINDADE?

(Mt 28, 16-20)

Certa vez, lá na Alemanha, Karl Hanner, um grande teólogo, voltando do Concílio Vaticano II, interpelou uma comunidade como vocês que estão aqui e com uma certa ironia disse: “O Concílio Vaticano II decidiu que não existe mais Santíssima Trindade. Por acaso, isso modifica a vida de vocês?” E os levou a questionar. Já não existia um Deus em três ou uma pessoa. tanto fazia. Será que, se não houvesse Trindade, a nossa vida seria a mesma?

Se não houvesse Trindade haveria, é claro, o Pai. Mas não seria mais pai, pois não teria filho. Deus não seria Pai, mas apenas Deus: o Absoluto, o Abismo, o Grande, Poderoso, Transcendente, como os muçulmanos pensam – Aquele cujo nome nem podemos pronunciar. Ele, na sua infinitude e nós, criaturinhas pequenas, formiguinhas caminhando na história. Que vida terrível! Viveríamos sob a espada de Dâmocles (*) desse Deus Todo-Poderoso, Soberano. Nós, fragezinhos, pequeninos como essas figurinhas liliputianas (**).

Mas se há Trindade, Ele é Pai e aí é diferente. Já não nos olha como figurinhas inúteis, perdidos na história, como pequenos grãos de areia, que o mar leva, mistura com as águas e traz de volta. Cada um de nós recebe a dignidade de filho. E quando alguém fala a palavra **filho**, o coração do pai se enternece. Tantos pais e mães estão aqui e sabem disso. E se a palavra **filho** mexe com o coração de vocês – frágil, pequeno, tão da terra, que pode até ser transplantado –, imaginem o coração infinito de Deus, quando ouve a palavra **filho**?! E filho não é só o Verbo Eterno, mas todos nós que estamos aqui. Isso muda a nossa vida! O nosso olhar fica diferente, não é mais um olhar de medo, de temor, esperando um raio cair sobre nós, mas é um olhar que pode esperar o rocio amoroso de Deus, como as plantas esperam a água que as faz florescer. Sem água elas não vivem, sem amor também nós fenecemos. O amor de Deus faz com que cada *plantazinha* pequena como o nosso coração possa desabrochar e mostrar a sua corola bonita, porque Deus é Pai.

E se Jesus não fosse Deus? Que complicação seria! Imediatamente tudo isso aqui não existiria, seria uma pura brincadeira: um pouco de vinho, um punhado de pão, um toque de sininho – tudo isso seria ridículo como os grandes banquetes pagãos, onde se comia e se bebia adorando-se o Deus Baco. Todos se embebedariam diante de deuses ciumentos, embriagados, como Dionísio, chamado o deus bêbado; ou como Afrodite, a deusa perdida sexualmente. Se Jesus não existisse, tudo isso desapareceria. E o mais trágico é que, se Jesus não fosse o Filho de Deus, tudo o que Ele ensinou equivaleria às teorias de Hegel, Nietzsche, Buda ou de qualquer dos gurus ou videntes que existem por aí. Jesus não passaria de um vidente um pouquinho mais esclarecido, mais inteligente, talvez como Sócrates ou Platão. Mas sendo Filho de Deus muda tudo. Que

beleza a parábola do Filho Pródigo – a figura do Pai que acolhe um filho em tão triste situação! Que beleza quando querem apedrejar a mulher adúltera e Ele diz que atirasse a primeira pedra quem não tivesse pecado! E quem acolheu aquela mulher não foi um homem apaixonado por ela, mas o Filho de Deus. É diferente! Quando Ele diz que são bem-aventurados os pobres, podem se regozijar os milhões de miseráveis, sem nenhuma chance histórica da vida, os crucificados, a imensa África cheia de *aids*, os que não recebem milhões como *ronaldos* e *ronaldinhos*, nem como Bill Gates. O Filho de Deus diz que esses são os bem-aventurados, porque deles é o Reino dos Céus.

Os pobres podem olhar para Jesus e encontrar forças para lutar, porque o próprio Deus quis experimentar a pobreza, assumir um corpo como o nosso, morrendo nu numa cruz. O Filho de Deus não teve onde repousar sua cabeça, viveu tão pobremente no meio dos pobres, dos ignorantes! Não viveu nas academias de Atenas, de Roma ou de Alexandria – as grandes cidades da época, mas numa cidadezinha chamada Nazaré, ao lado de um lago, fazendo todas as coisas cotidianas, trabalhando, quem sabe como oleiro ou talvez reconstruindo a cidade de Séforis. Se o próprio Deus se submeteu ao trabalho, as nossas mãos de operário têm importância infinita. Quanta diferença se Jesus não fosse Deus ou se a Trindade não existisse!

Ainda outro dia recebi um *e-mail* de um amigo de Uberlândia, contando-me um fato que muito me tocou. Dizia de um jovem pai que perdeu a esposa e a filha num acidente. Imaginem a cena do velório com os dois caixões diante daquele homem dilacerado, com o olhar infinito de dor. Seus dois amores se foram. Não teria mais sentido existir, continuar a viver. Ele olha para o Senhor na cruz e reconhece que o próprio Deus, um dia, esteve numa cruz, sofrera o abandono total até do próprio Pai, não podendo a própria mãe fazer nada, e ali encontra sentido para a sua dor. Vale a pena que Jesus seja Deus!

Se não houvesse Trindade não haveria Espírito Santo. Ele seria uma pomba a mais voando por aí afora. Se não houvesse Espírito Santo, não estaríamos aqui, nem vocês jovens, encostados nas paredes, estariam aqui. Estariam atrás das paredes. Terem ultrapassado as paredes já é um grande avanço do Espírito Santo. Você, jovem, que sorri para a sua menina ao lado, não estaria feliz. Porque se você tem um raiozinho de ternura, por mínimo que seja, é porque o Espírito está lhe soprando, porque Ele é a fonte de todo o amor ainda que humano, sensível e frágil. Você, mãe, com a sua criancinha nos braços, o seu olhar de ternura tem a fonte no Espírito. Por que você ama alguém que dá tanto trabalho? A mãe, o pai têm carinho, têm amor pelo filho, porque o Espírito vai semeando em cada coração, mesmo nos mais endurecidos. Ele rompe as pedras e faz entrar um fiozinho de água para que germine pelo menos uma florzinha.

Certa vez, num congresso do qual participei, uma professora de biologia projetou um *slide*, mostrando uma parede de cimento onde se quebrara uma beiradinha. Num pouquinho de terra, um pássaro colocou uma *sementezinha*,

que fez florescer um ramo verde em plena parede de cimento, mostrando a força da vida brotando numa porção mínima de terra. Pois bem, há muito cimento em muitos corações, mas mesmo lá haverá sempre um pouquinho de terra, um pouquinho de umidade, ainda que seja um olhar de ternura, onde o Espírito Santo poderá jogar a sua sementinha e a flor da esperança poderá crescer. Se não houvesse Espírito Santo tudo seria cimento. Amém. (11.06.06/ 10º.domingo comum – Festa da Sma. Trindade)

(*) expressão que significa ameaça iminente, originada de um poderoso rei siciliano que viveu cinco séculos antes de Cristo.

(**) referência ao reino de Liliput, com habitantes que mediam não mais de 15 cm de altura, estória contada nas “Viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift.

O TEMPO PEDE PACIÊNCIA (Mc 4, 26-34)

Jesus começa a falar do reino de Deus, que é o tema central de sua pregação. Podemos dizer que Ele prega e fala do Deus-Reino.

Essa parábola parece óbvia, uma coisa que todos sabem: as plantas nascem e crescem. Mas não é tão óbvio assim, porque Deus não tem tempo, é eterno. Ele fala, e as coisas são criadas, sem que se precise esperar. Quando Jesus diz que para Deus há progresso, que lentamente as coisas começam a correr, a caminhar, levamos um susto. Pensávamos que Ele resolvia tudo em apenas um gesto, pois é Deus. Nós, sim, vamos devagarinho, caminhando. Jesus olhou para a humanidade e pensou que Deus Pai deve sofrer muito com a nossa lentidão, pois pode fazer tudo instantaneamente. Mandou o seu próprio Filho para experimentar um pouco a história e nos dizer quem era o Pai. Foi o que aconteceu.

Segundo uma teologia simplista, o Filho de Deus poderia surgir na Terra já conhecendo tudo. Não precisaria esperar para crescer no seio de Maria e só depois nascer. Poderia já pregar coisas maravilhosas, conhecer Aristóteles, Platão, falar coisas belíssimas num grego perfeito, falar todas as línguas do mundo, passear por todos os países, passar pelo Brasil e conviver com os nossos índios. Poderia fazer tudo isso sem precisar de tempo, pois é o infinito. Assim queríamos ver Deus: fazendo dez *gols* contra a Austrália (*). Que Deus maravilhoso nós queríamos! Mas Ele diz que não é assim. É preciso a sementinha cair, depois dormir e acordar muitas e muitas vezes. Só depois de muito tempo uma cabecinha verde começa a aparecer. Dependendo da árvore, pode demorar cem anos para subir, crescer e fazer com que a seiva chegue aos ramos. Tudo numa lentidão gigantesca.

Quando uma mulher concebe, quereria dar a luz no dia seguinte, e são necessários nove meses. Não se assustem, senhoras, mas os antropólogos acham que o parto normal, para um ser humano nascer um pouco mais maduro, deveria esperar mais ou menos dois anos ou até um pouco mais. Todos nós somos prematuros, nascemos antes do tempo. Depois de nascidos, demoramos para aprender a falar, um ano ou mais para começar a andar. Anos e anos de estudo. Assim é a história humana.

A cultura moderna está querendo acabar com isso, e é um desastre. Por isso, a parábola de hoje é importante. As criancinhas já vivem todas *enxuxadas* na televisão, querendo ficar mocinhas antes do tempo. Com cinco, seis anos, já dão beijinhos na boca do namoradinho, como se fossem adultas. Vão rasgando a história, saltando a infância. Adolescentes que já estão gestando, gerando, dando a luz. Aquela menina de treze anos, de arma em punho, assaltando como num *bang-bang* americano. Com treze anos já se sente adulta, já se sente mulher para entrar nas cadeias criminosas. A parábola nos diz da necessidade de uma lentidão imensa.

Nós não suportamos o tempo, e a nossa cultura mais e mais quer acelerar. Mas quando se chega à idade adulta, quando a infância se foi, a adolescência

escapou entre os dedos, os quarentões viram *adolescentões*. Entram num carrão e começam a roncar o motor, acordando toda a cidade. Saltaram a adolescência, saltaram a infância. O Verbo de Deus só começou a pregar depois de trinta anos. Precisou de trinta anos de trabalho, de contato com as pessoas para começar a anunciar. Depois de dois ou três anos se foi e nos deixou esta lição: nós precisamos de tempo!

Certa vez Santo Agostinho escreveu que todos sabiam que coisa era tempo e também ele sabia, mas, se o perguntassem, não saberia dizer. Se eu perguntasse, acho que poucos de vocês saberiam dizer que coisa é tempo. Aristóteles disse que tempo é o número do movimento. Pegamos o movimento, o numeramos e temos o tempo. Os astros se movem, colocamos esse movimento em partículas e chamamos de instantes, minutos, meses, dias, anos, e fazemos o tempo. O tempo supõe movimento, e podemos perceber que ele é gradual. Se for esse o movimento, temos algo que já veio e que, chegando um dado momento, anuncia o futuro. É isso que nos desespera! Não queremos o passado. Queremos cada instante, cada momento. Dói-nos perceber que somos marcados hereditariamente. Hoje falava para os pais das crianças que foram batizadas, com toda a seriedade freudiana, que, se aquelas crianças não receberem um imenso afeto agora, amanhã serão criminosas, violentas, terríveis. Nós somos história!

Betto (***) tem uma expressão muito interessante ao dizer que de certa maneira, somos uma loteria genética. Eu completaria: somos uma loteria biográfica bem longa. Trazemos uma imensa carga biológica que se constrói durante anos. Queríamos ser construídos *roboticamente* a cada instante. Por isso, o robô nos fascina, pois não tem história. Basta o cientista montar, e ele começa a funcionar, mas nós precisamos da lentidão e, pior ainda, nós temos futuro. Isso significa que cada ato livre que praticamos hoje permanecerá para sempre na história. É a liberdade que configura e faz o nosso **eu**, e esse **eu** se prolonga. Uma criancinha tem o seu **eu** hoje, da mesma forma que o terá daqui a quarenta anos. O **eu** dá continuidade e se constrói nos atos de liberdade. Cada ato de liberdade marca a estrutura desse **eu** e nunca mais se descola dele.

Jovens, não gastem sua liberdade em vacuidades, porque construirão um **eu** vazio! Encham sua liberdade sem esquecer que ela só se enche quando encontra outra liberdade, a quem se entrega, se doa, recebe, oferece. A nossa liberdade é mais liberdade, se constitui mais livremente, quando nos voltamos à transcendência, quando somos mais nós mesmos. Vocês são muito mais vocês mesmos no momento em que reconhecem a soberania de Deus e se colocam diante da sua transcendência e liberdade. Nesse momento vocês são muito mais **eu** do que quando estão trabalhando, torcendo, vendo televisão. Cresçam! Façam com que o **eu** de vocês se agigante. Na liberdade, vocês construirão horizontes infinitos. Amém. (18.06.06/11º.domingo comum)

(*) referência ao jogo do Brasil contra a Austrália pela Copa do Mundo, ocorrido naquele dia.

(**) referência a Carlos Alberto Libanio Christo, o Frei Betto.

JESUS NOS ACOMPANHA À OUTRA MARGEM

(Mc 4, 35-41)

Se Marcos tivesse simplesmente nos descrito uma tempestade, seria uma a mais em relação a tantas outras que acontecem nos mares, nos lagos, nos rios. Mas vocês perceberam que o Evangelho está cheio de pequenos pormenores. Cada um deles é um toque simbólico.

A leitura não começa com a tradicional expressão “naquele tempo”, mas “naquele dia”. Aquele dia, não qualquer dia. O ano tem trezentos e sessenta e cinco dias, mas aquele dia é diferente. Não é um dia anódino, insosso, inodoro, acromático; não é um dia vulgar, banal, como tantos que atravessamos no ano. Era aquele dia. E a que hora? Não no despertar do dia, não no fulgor do meio-dia, não na escuridão da noite, mas ao cair da tarde, no crepúsculo, no intermédio, num momento de silêncio. Há pinturas bonitas que podemos ver em museus de dois camponeses bretões, nesse horário do crepúsculo, diante de um rio bonito. Um deles com a cabeça inclinada, tirando um chapéu tosco. Eram seis horas, a hora do *angelus*, e eles rezavam. É nessa hora, nesse momento de um dia, que o Senhor disse esta frase: “vamos para a outra margem!” Essa é para mim a chave de leitura desse evangelho. Outros podem ver a tempestade, a canoa, eu prefiro ficar com esta frase: “vamos para a outra margem!” O que significa ir para a outra margem?

Os apóstolos estavam tranquilos, fixos, estagnados, como estamos agora aqui: sem exaltação, sem dificuldade. Nessa hora não há risco, mas segurança. Mas, num dado momento da vida, parece que uma voz insufla o nosso coração e diz: passe para a outra margem! Aqui em Vespasiano, alguns de vocês conheceram o Pe. Senabre (*), um jovem espanhol que vivia na sua terra e, de repente, ouviu aquela palavrinha: passe para a outra margem. E foi uma viagem longa, atravessou todo o oceano para chegar ao Brasil, a Vespasiano e aqui morrer. Há tantos missionários, como no Colégio Arnaldo, na igreja São José, em Belo Horizonte. São holandeses, alemães, poloneses que um dia ouviram esta palavra: vão para a outra margem! Deixaram as suas casas, suas famílias, suas línguas – é duro deixar o seu idioma –, a sua pátria e partiram para lugares onde sempre serão estrangeiros. Assumiram o risco de passar para a outra margem.

O evangelho coloca um pormenor importante: “levaram Jesus Cristo consigo, porque Ele estava na barca”. A barca é a nossa existência, a nossa história. Levaram Jesus, mas é possível, e tantas tragédias acontecem, que muitas pessoas passem para a outra margem e não levem o Senhor consigo. Imaginem um jovem bom, puro, vivendo com sua família e, de repente, passa para a margem da droga. O Senhor não foi naquela barca. Passa para a prostituição, o engodo, a corrupção, a mentira, e o Senhor não está lá. Sem Ele presente, imaginem o medo que provoca uma tempestade! O mar está violento, o vento sopra, a barca é agitada e olhando não se vê ninguém. O Senhor não está na barca, porque não

o levamos, não porque Ele não quisesse estar. Diz o evangelho que havia muitas barcas nas quais Ele não estava.

Quando entramos na barca do risco, da vida, do trabalho voluntário, sabemos que o Senhor está na barca, mesmo nas horas difíceis de dor, de sofrimento, da morte de um ente querido. Somos como Pedro que diz: “Senhor, não te importa que estejamos em perigo?”. Sim, Ele se importa! Desperta e diz ao mar e ao vento que se calem. Voltam o silêncio e a paz. Essa é a grande história que Marcos nos conta.

O Evangelho é bellissimo, pois está descrevendo o nosso cotidiano, a nossa luta. Muitas vezes, queiramos ou não, somos empurrados para outras margens: a margem do desemprego, da separação matrimonial, de uma vida difícil, de um trabalho no estrangeiro – tantas margens diferentes e diversas. Mas o que importa não é ir para uma outra margem, mas levar ou não levar o Senhor na barca. Essa é a grande decisão! Para qualquer margem que formos, se o Senhor estiver na barca, não haverá perigo. Podem vir as tempestades, os tufões que quiserem, os *tsunamis* que vierem, que a nossa barca poderá ser agitada, mas o Senhor estará lá. Ainda que durma, poderá despertar e, despertando, tranquilizará o mar.

Jovens, quando vocês entrarem na barca da existência, na barca das aventuras, das motos nas quais vocês andam desvairadamente por aí, se o Senhor não estiver com vocês poderá ser terrível. Quando vier a tempestade, para quem poderão gritar? Não poderão acordar o Senhor, porque Ele não estará lá. Por isso, nunca saiam numa barca sem levar o Senhor consigo. Amém. (25.06.06/12º domingo comum)

(*) antigo pároco de Vespasiano, Pe. José Senabre Sanroman, falecido em 1966.

A IGREJA CONTINUA SENDO CONSTRUÍDA ***(At 12, 1-11/2Tm 4, 6-8.17-18/Mt 16, 13-19)***

Em várias oportunidades já lhes falei que, quando entrei na Basílica de São Pedro, em Roma, olhei para o teto e deparei com esta belíssima frase escrita em mosaicos dourados, circundando toda aquela imensa igreja, um dos grandes ícones da cultura antiga: *tu es petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam mean et portae inferi non praevalerunt adversus eam* – tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Qualquer cristão, entrando naquela imensa basílica, a maior igreja católica do mundo, encontrará marcado em pedra esse momento da vida de Pedro e também de Jesus.

As leituras de hoje são muito bonitas, e eu gostaria de tomá-las como metáforas para interiorizarmos em nossas vidas. Talvez estejamos habituados às fórmulas e elementos que a matemática, a física, a química nos colocam sem que ao menos façamos ideia do que se trata. Usando a teologia narrativa, o evangelho faz exatamente o oposto: conta-nos uma história que pretende ir muito além dela mesma. Essa é a grande cultura antiga. Por isso, em todas as missas das crianças eu conto a elas uma história que penetra sempre muito mais profundo do que os acontecimentos, ou a simples fala ou ideia. A liturgia hoje nos propõe três parábolas sobre Pedro e Paulo, mas eles já morreram e estão no céu, por isso, é importante que elas falem para nós que estamos vivos, aqui nesta igreja.

A primeira leitura nos traz a metáfora do anjo. Pedro estava na prisão e bem amarrado com correntes, além de vigiado por quatro soldados, sem a mínima possibilidade de escapar. Ele já estava resignado, mas é justamente aí que aparece o anjo. Quantas vezes estamos na prisão de nossos corações e aparece o anjo?! Quantas vezes estamos emaranhados com os nossos problemas, presos em fios invisíveis, mas muito mais amarrados do que Pedro, e nos aparece um anjo? Não um anjo celeste, mas um anjo de mãos, pés, braços, voz, presença capaz de romper todas as correntes. Muitas vezes basta ouvir o nosso nome para que todas as amarras se rompam. Quantas vezes estamos tão solitários, silenciosos, perdidos, anônimos, que só desejamos ouvir alguém dizer o nosso nome. O nosso coração se abre, palpita, acorda-nos. Quando Pedro ouviu o anjo pronunciar seu nome, todas as suas amarras caíram. Ele cingiu-se com a força, vestiu-se com o manto da dignidade. Diante da palavra do anjo, Pedro cresce e vê abrir diante de si a imensa porta que o isolava da comunidade. Quantas portas também nos fecham?! Mas, como Pedro, precisamos tomar consciência de nossa dignidade. No momento em que isso acontece, o anjo pode ir embora, pois já poderemos caminhar com nossos próprios pés, já seremos nós mesmos. O que eu mais desejo a vocês é que encontrem um anjo em suas vidas, principalmente nos momentos de dor e de tristeza. É o toque do anjo que poderá salvar-lhes

quando estiverem doridos, alquebrados, desesperançosos. É ele que poderá fazer com que se reencontrem, se ergam e possam recomeçar. Pedro nos fala que os anjos existem, e não tocando harpa no céu, pois precisamos mesmo é dos anjos terrestres. Vejam tantos jovens que se perdem nas drogas, nas gangues, que saem pelas noites armados, que matam e morrem por qualquer banalidade já no começo da vida. Estamos carentes de anjos de corpo e alma, com braços e mãos para desatarem tantos nós. Será que, alguma vez na vida, fomos anjo para alguém? Alguma vez já quebramos os grilhões que atavam uma pessoa ao vício, à mediocridade, à banalidade? Uma professora que se aproxima de um jovem problemático é um anjo. Um aluno que ajuda o seu colega também é um anjo.

Betto (*) conta uma história muito bonita, sobre uma pessoa que foi um anjo em sua vida. Ele recebera a missão muito difícil de ajudar os perseguidos pelo governo militar brasileiro a saírem do país. Era um ato extremamente cristão, mas proibido por lei. Por isso, ele foi preso. Também podemos ser presos pelo bem, não apenas por atos criminosos. Com ele estavam tantos outros, inclusive sacerdotes, que também ajudavam os perseguidos. Como estavam presos em celas separadas e não tinham nem pão, nem vinho, não podiam celebrar a eucaristia. Mas, de onde menos se esperava, aparece o anjo, na figura de um carcereiro, que em horas furtivas abria as celas e ajudava a conseguir pão e vinho para que eles pudessem celebrar o mistério da eucaristia dentro de um presídio.

Paulo usa a metáfora do combate: “combati o bom combate, guardei a fé!”. Paulo, o apóstolo dos gentios, considerou sua vida um combate e ele o venceu. E como estão os nossos combates? Não o combate de atacar as pessoas, mas o combate interior da absoluta confiança em Deus, sabendo que a nossa fraqueza não serve para construir nada, mas Deus pode despertar em nós o anjo. Paulo também foi agraciado, interpelado por uma voz, deixou de ser perseguidor dos cristãos. Levou um susto tão grande, que nunca mais voltou atrás e deu sua vida ao Senhor. Será que alguma vez conseguimos interpelar alguém com a nossa voz?

A cena do evangelho se passa num lugar bonito, assim como a nossa Serra do Cipó. Jesus gostava de lugares bonitos, tinha sensibilidade. O lago de Tiberíades, onde Ele passou praticamente toda a sua vida pública, é lindo! Com os apóstolos reunidos, Ele para e olha-lhes nos olhos. Seu olhar devia ser verdadeiramente penetrante, de modo a entrar bem dentro das pessoas. É com esse olhar que questiona a cada um de seus discípulos o que estavam dizendo sobre Ele, mas, principalmente, sobre o que eles próprios pensavam dele. Diante da maravilhosa profissão de fé de Pedro, Jesus lhe diz que ele era pedra, não barro, areia ou terreno mole. Mas não era Pedro que era pedra. Ele era frágil, até traiu Jesus. O que verdadeiramente era firme como pedra era a fé que naquele momento ele demonstrou. E nós? Quando é que somos pedra para o outro? Não no sentido de dureza, de agressão, mas como firmeza, segurança, fé, capazes de sustentar o que for preciso sobre os nossos ombros. Cada um

de nós é pedra quando tem fé suficiente para que alguém possa nela se apoiar. Quantas vezes um adolescente precisa encontrar um arrimo em seu pai, em sua mãe, e só encontra uma pessoa sem consistência, sem valores, sem conteúdo? Pais e mães vazios são o maior dano para os filhos, que precisam de firmeza, de coragem, de referência. Pedro e Paulo são paradigmas para nós seguirmos, e nós, seguindo-os, seremos pedra para os outros. Gostaria que vocês, antes de dormir, fizessem estas três perguntas: para quem eu fui anjo? Com que fé eu combati? Para quem eu fui pedra? É possível que alguém passe toda a vida apenas levando as pessoas para o mal, a escorregarem. O que o Senhor nos pede hoje é que sejamos como o anjo que arrancou Pedro da prisão, combatamos como Paulo combateu e sejamos pedra sobre a qual Jesus possa continuar construindo a sua Igreja, pois ela continua sendo construída sobre a fé de cada um de nós. Sem a nossa fé, a hierarquia da Igreja é nada. Cada um de nós é uma pedra pela fé, pela coragem e pela absoluta confiança em Deus, aconteça o que acontecer. Amém. (28.06.09/13°. domingo comum)

A CULTURA DA APARÊNCIA (Mc 6, 1-6)

Na cultura de hoje, moderna, pós-moderna, esse evangelho é quase uma bofetada no rosto: o outro está errado, com as pessoas simples eu não aprendo nada, o profeta não agrada. São as três idéias centrais.

Vejamos a primeira: o outro está errado. Se alguém não pensa como eu, está errado. Eu estou sempre certo, eu sou o dono da verdade! O eu domina tudo. Eu não aceito que apareça uma pessoa qualquer e comece a discordar de mim, a dizer que estou errado. Como isso é possível, se estou firme, assentado na minha gerência, na minha consciência?

Vou explicar a segunda idéia, lembrando uma cena que assisti e que me doeu muito. Estava no aeroporto, e um *garçonzinho* simples servia às mesas e talvez não tenha percebido um senhor que aguardava. Então, de cima de sua petulância, esse senhor o interpela: “Eu sou cliente e estou esperando há muito tempo. Qual o seu nome, pois vou denunciá-lo a seu chefe”. É isso! Aquele menino se manteve calado, não disse uma palavra. Foi humilhado diante de todos nós.

É como Jesus. Os fariseus se espantam: Você, filho de José, aquele carpinteiro de segunda categoria; de Maria, aquela mulher que busca água no poço... Provavelmente, naquela época, na casa de Jesus moravam muitos parentes, as famílias eram grandes, numerosas. Todos conheciam a todos: José, Judas, Tiago, Miriam. Como Ele podia ter a pretensão de falar com sabedoria? Afinal, de baixo não vem verdade nenhuma. Nunca deu aula na *Sorbonne*, (*), como pode ser presidente do Brasil? Falta-lhe um dedo, falta-lhe curso superior, como pode governar uma nação? Claro que é incompetente, pois não se formou em *Harvard*,(*) em *Berkeley*,(*) não estudou nas grandes universidades, não ostenta nenhum título maravilhoso – *MBA*, *Masters*, *Business*. Debaixo do braço não tem nenhum grande cartucho, um diploma para caminhar arrogantemente na história.

Lá estava Jesus, simples, humilde, não fez escola. Não poderia saber nada, muito menos ensinar. No máximo poderia ser sensível, bem-educado. Mas não passaria disso. Lembro-me de um filósofo francês contemporâneo, que dizia exatamente isto: achava simpática a pessoa de Jesus, mas, como ele, um professor da Sorbonne, poderia aprender de um evangelho tão simples, com palavras tão chãs, um conhecimento que qualquer cozinheira poderia entender? Só os grandes diplomados poderiam entender os seus livros. Essa é a petulância ocidental, a petulância da Academia, a petulância dos títulos.

O Senhor Jesus é mestre, mas simples. Como é difícil entender isso! Como é difícil para nós, brasileiros, ter a capacidade de ouvir uma pessoa humilde, uma criança, um analfabeto, um bêbado, uma prostituta, e deles aprender lições de vida, de experiência, de amor, de liberdade, lições éticas! Como poderemos saber de onde eles aprenderam, se desconhecemos que, no fundo do coração dos

pobres e pequeninos, habita o infinito do Espírito Santo? As pessoas de Nazaré não sabiam que aquele Homem simples estava em união profunda com o Pai, que Ele trazia o infinito de Deus na pequenez de sua humanidade. Não sabiam e não podiam entender.

Nós vivemos na cultura da aparência, do *marketing*, das embalagens. Vemos embrulhos bonitos, presentes maravilhosos, cheios de folhas e laços coloridos – quanto mais bonita a aparência, mais os nossos olhos se deleitam –, mas o coração, o cerne nos escapa. O bonito nas pessoas não é essa beleza maquiada, cosmética, que foi trabalhada pelos bisturis dos *pitanguys*(**), mas sim a beleza enrugada de uma velha, adquirida no trabalho e no amor de anos.

Certa vez conversava com a nossa cozinheira, e ela me dizia que educara a sua filha lavando roupa. A filha concluiu a universidade, e a mãe lavou roupa para pagar os seus estudos. Quanta grandeza dessa mulher! Mas essa nunca vai aparecer nos jornais, nunca vai aparecer na revista “Caras”, porque não tem cara de importante, como as grandes estrelas, os grandes esportistas, os artistas, que aparecem no universo da vaidade humana.

O Senhor vem nos ensinar hoje que de baixo também vêm muitas coisas boas, talvez as mais bonitas! Nas periferias é que nascem os grandes projetos. É lá que se semeiam as idéias novas, lá surgem as belezas maiores. Nos centros de poder habitam as vaidades, as dominações, as explorações, esses grandes capitais que giram pelo mundo e sugam a riqueza dos países pobres. Como pode daí nascer a beleza, a ética? Elas nascem do trabalho diário de um simples operário.

Betto (***) me dizia que, visitando uma fábrica, ouviu de um operário que se fizessem uma modificação pequena numa máquina, a produção aumentaria muito. Mas qual o executivo, qual o gerente que o ouviria? Como poderiam acreditar que um simples operário fosse capaz de descobrir uma coisa que o técnico que planejou a máquina não percebera? Nunca aceitariam que um operário tivesse uma idéia brilhante. Continuariam perdendo dinheiro, porque nunca aceitariam alguma ideia que nascesse de baixo. É isso que Jesus está nos dizendo hoje.

E uma última idéia: o profeta não agrada. Há dois dias, eu conversava com um professor que trabalha num desses colégios onde os alunos chegam perfumados, com os cabelos *engelados*, trazidos em grandes carrões. Ele chega para um adolescente e lhe diz para fazer determinada tarefa. O aluno responde que não faria, porque não gostava daquilo. Ele o enfrenta com seriedade, dizendo-lhe que ele não vinha à escola para fazer o que gostava, mas sim o que devia. Aquele adolescente encontrou alguém que lhe colocou limite, delicadamente, mas com firmeza. É fácil dizer que não se gosta de uma coisa, e, porque não se gosta, não se faz.

O profeta, que é o pai, que é a mãe, que é o professor, muitas vezes, terá que dizer a seu filho pequeno, a seu filho adolescente, a seu aluno: “Isso não!” Um não sério, carinhoso, com ternura, não é zanga, não é repressão. A verdade

se impõe por ela mesma, o bem vale por ele. Os valores autônomos valem por si mesmos. Certa vez, um escritor contava, ironicamente, que havia encontrado o rascunho do sermão de um padre que dizia: “Eleve a voz, porque o argumento é fraco!”. Isso de nada adianta, pois não é o grito que faz a verdade.

Pais, mães, professores, vocês são chamados a ser profetas. Não só Ezequiel, Jeremias, Isaías. Esses já morreram. Sejam profetas de hoje! O melhor profeta é aquele que diz uma verdade que vale por ela mesma. O bem e a verdade são as melhores maneiras de educar um ser humano. Amém. (09.07.2006/14º. domingo comum)

(* referências a universidades americanas e européias)

(**) referência ao cirurgião plástico mineiro, Ivo Pitanguy

(***) referência ao religioso dominicano, Carlos Alberto Libânio Christo, o frei Betto

A METÁFORA DO ABRAÇO (Mc 6, 7-13)

Esse evangelho, à primeira vista, parece uma descrição de cenas que já vimos em filmes e também na história. Na Europa, muitos missionários saíam em barcos, em navios, e vinham para a América portuguesa ou espanhola evangelizar. Deixavam suas famílias, suas comunidades. Hoje mesmo, vocês devem ver, aí pelas ruas, juvenzinhos americanos de gravatas. São mórmons. Viviam nos Estados Unidos, numa vida folgada. Eles, que nem são cristãos, deixam o seu país e vão pregar o evangelho. Não sei se repararam, também eles andam de dois a dois, nos abordando, dando-nos livros, folhetos. Mesmo que não se concorde com o que ensinam, é bonito ver a coragem deles. Ao invés de se perderem nas *gandaias*, nas *zaragalhadas* da vida, estão aí, tentando passar a verdade, da qual estão convencidos.

Jesus fala de uma experiência que nem é só cristã, mas humana: pessoas que querem levar aos outros alguma coisa que têm dentro de si. Assim fizeram os marxistas, que atravessaram o mundo para anunciar a ideologia de Marx – o socialismo. Assim são os médicos sem fronteiras (*), grandes médicos que deixam a Europa, os Estados Unidos e vão cuidar dos miseráveis da África. Portanto, não é uma experiência do tempo de Jesus, mas uma experiência humana muito rica. E de onde vem isso?

Eu diria que por trás de tudo isso está a metáfora do abraço, e vocês vão entender por quê. Reparem que os braços que se abrem para dar o abraço são os mesmos braços que acolhem o abraço que é dado. O Senhor nos conta nesse evangelho que os apóstolos foram, abriram os braços e, quando eram recebidos, recebiam o abraço de volta. E o Senhor lhes diz que ficassem lá. Isto é a nossa experiência humana: quando abrimos os braços e encontramos outros braços abertos, nós ficamos. Não pensem que isso seja uma coisa extraordinária. Uma criança, quando encontra uma pessoa que lhe abre os braços, ela fica. Por que isso? A raiz profunda é o desejo inconsciente de partilhar e de receber. Esse jogo talvez seja o mais lindo, o que mais nos faz feliz. É o jogo da gratuidade de quem oferece e da gratuidade de quem recebe. Essa é a beleza! Quando abraçamos apenas para agarrar, trazer para nós, aí já não há gratuidade, amor e entrega. A beleza do amor está na gratuidade e na liberdade dos dois lados. Uma das coisas que estes meus ouvidos mais ouvem, quando converso com tantas pessoas que me pedem ajuda é sobre a dificuldade que as pessoas têm de serem gratuitas no amor. Sempre querem cobrar, e esse é um bom verbo para os comerciantes, mas péssimo para as relações humanas. A cobrança destrói os relacionamentos. Qualquer pessoa que vá à casa do outro para levar uma mensagem – de amizade, de consolo na dor e no sofrimento – tem que saber que essa ida deve ser absolutamente gratuita. Se não for, é comércio.

O Senhor pede que nós, cristãos, sejamos diferentes neste mundo em que tudo é mercantilizado. A coisa mais sagrada perde totalmente o seu valor, quando entra no jogo do paga ou não paga, do cobra ou não cobra, da proporção, da igualdade. Quantas vezes o marido cobra da esposa o que ela deixou de fazer, ou vice-versa?! São capazes de cobrar até a diferença nos preços dos presentes, para ver se estão equitativos, como se o amor pudesse ser medido em reais. Mede-se pelo real, no singular, e não no plural. Real no plural destrói, mas no singular é a realidade, o dom de si, e esse não tem plural, é dom. O amor é singular!

Jesus diz que, quando os apóstolos chegassem e fossem acolhidos, deveriam ficar, partilhando da refeição, da convivência. Para o judeu isso é muito. Não é como nós, nas nossas visitinhas rápidas, *de médico*. Comer e participar da mesa, a convivialidade é a grande graça que o judeu tinha e tem. A refeição é importantíssima para eles. Isso nós perdemos nos restaurantes, nos sanduíches de *Bob's* e *Mc Donalds*, que acabaram com o nosso conceito de convivialidade. Agarra-se um sanduíche e, *cachorramente*, se sai comendo pela rua. Não há convívio, não há entrega, não há acolhida.

Esse é o mundo moderno. Mas precisamos começar a reagir, precisamos gastar tempo com as pessoas na acolhida, nos encontros, nas refeições, na partilha, passando o que de melhor há em nós, que é a fé. A evangelização não é doutrinação, não é ensino de teorias. A fé se passa pelo testemunho, pela ternura, pela bondade, pela acolhida.

Por isso, o evangelho é bonito. Jesus solta aqueles homens adultos, pobres, desprovidos de coisas. Não levam presentes materiais, mas levam o seu **presente**. Talvez esse rigor de Jesus, de não levar dinheiro e túnica, seja para nos lembrar que o valor está na pessoa e não nas coisas que elas possam levar. Quantas vezes, para visitar alguém, precisamos encher-nos de presentes, talvez porque a nossa pessoa não valha nada?! Para uma criança, está certo, porque ela primeiro olha os embrulhos. Mas nós, adultos, não devemos olhar para mãos carregadas de embrulhos, mas para braços que possam nos tocar e acolher. Amém. (16.07.06/15º domingo comum)

(*) referência à entidade humanitária internacional “Médicos Sem Fronteiras”.

CONTANDO HISTÓRIAS SE FAZ HISTÓRIA

(Mc 6, 30-34)

Tão pequenino esse evangelho e tão carregado de sabedoria, de ensinamentos! Reparem bem: os apóstolos voltam da missão. Podiam encontrar Jesus e continuar trabalhando, como sempre acontece. Vocês voltam do trabalho, chegam em casa, jantam, ligam a televisão, veem o Jornal Nacional, depois novela, novela, novela... Essa é a vida! Com Jesus não. Ele pergunta sobre o que fizeram. Começa perguntando a Pedro, a Filipe, a Bartolomeu como havia sido a missão, e eles iam falando, narrando, contando o que tinham feito. Olhem que verbo bonito: narrar!

Somos um povo esquecido, sem consciência política e social, porque não contamos a nossa história. Esquecemo-nos daquilo que fizemos, do que fizeram os nossos maiores. Preferimos *historiazinhas*. Então nossas crianças pequenas preferem ver *Batman*, *He-Man*, *Halloween*, que são palavras bonitas em português. Elas não conhecem as grandes histórias.

Israel resistiu a esses três, quatro mil anos porque, na véspera da Páscoa, todos os anos, o filho pequeno pergunta ao pai a razão de estarem reunidos para aquela celebração. E o pai diz: “Meu filho, éramos escravos no Egito, até que apareceu um moço, chamado Moisés – homem importante, cheio de Deus –, que nos levou para o deserto. Caminhamos durante quarenta anos, atravessamos o Rio Jordão e chegamos a esta terra. Hoje podemos comemorar”. Nos anos seguintes, a mesma cena se repete, e aquelas crianças vão crescendo ouvindo os grandes acontecimentos, conhecendo os grandes homens de sua história.

E nós? Quais são os grandes acontecimentos, os grandes homens de nossa história? A chuteira dourada ou prateada do Ronaldinho, o outro Ronaldo, a meia do Roberto Carlos? Depois aparece uma nova geração de jogadores, como essa que sucedeu a Pelé, que já está aposentado. Vivemos de estrelas do esporte, da televisão. Caras, caras, caras... que passam e não deixam história nenhuma. Como é que podemos construir uma consciência histórica? Ninguém sabe o que aconteceu. Ninguém conhece a lenta luta operária nos momentos de dominação, os primeiros desafios de “O petróleo é nosso!”, quando todos acreditavam que o Brasil não tinha petróleo, que teria sempre que importar. Os operários continuavam afirmando: “O petróleo é nosso!”, e hoje somos autossuficientes em petróleo. É a história! Importávamos cem por cento do petróleo e não importamos mais. Mas quem conhece essa história? Andamos de carro, compramos gasolina e ninguém se dá conta de que, por trás daquela gasolina, há uma imensa Petrobras, que, agora, querem privatizar, transformá-la em fonte de renda para particulares, ao invés de continuar sendo sangue do nosso povo. Nós não temos história, não narramos a história e, portanto, não temos consciência. A consciência nasce do conhecimento da história. Assim também a nossa fé.

Ao invés de falar de *He-Man*, por que vocês não começam a contar histórias? Era uma vez um jovem muito bonito, muito rico, dedicava-se às festas, às bacanais de sua época. Tinha o coração dividido e, de repente, encontra um leproso, abraça-o, beija-o e se transforma – Francisco de Assis! Um outro rapaz, também vaidoso, gostava de dançar, desejava casar-se com a filha do imperador da Espanha. De repente, uma bala, a perna quebrada o coloca na cama por meses. Dão-lhe romances de cavalaria para animá-lo, que eram os *gibis* daquela época. A convalescença foi longa, e ele, meio enjoado, começou a ler para passar o tempo. Acabou lendo a vida de santos, a vida de Cristo. De repente, seus olhos se abrem e ele se pergunta: “Se Francisco fez isso, se Domingos fez isso, por que não poderei fazer?” – Inácio de Loyola! Havia um jovencinho tuberculoso, dezoito anos, fraco, condenado aos hospitais. Vivia na Espanha e ficou sabendo que o clima do Brasil era melhor. Lá vem ele, naqueles *barcozinhos*, enfrentando tempestades, calmarias. Meses e meses de viagem, frágil do pulmão, chega a esta terra, vai a pé de São Paulo a Salvador, atravessa florestas, entre feras e serpentes – José de Anchieta! E assim por diante.

Vocês podem pensar que isso é em outra época, em outros lugares, mas não é. Também aqui, bem perto de nós, há exemplos maravilhosos. Há alguns anos, havia um homem que morava em um palácio grande e bonito. Ele diz: “Não, o povo não mora assim!” Deixa o palácio e vai viver numa *sacristiazinha*, onde encosta a sua cama. A porta dava para a rua, e sempre havia alguém batendo. Certo dia, chega um teólogo para trabalhar com ele e se sente incomodado com tantas interrupções. Sugere que ele contrate uma empregada para atender à porta. Ele responde: “Eu pensei nisso, mas se chegar um pobre e eu não atender à porta, perderei a ocasião de recebê-lo e, para mim, receber um pobre é receber Cristo!” – Helder Câmara! Brasileiro, recente. E por que não contamos essas histórias? Preferimos o *Batman*, o *He-Man*, com todas as suas proezas inverossímeis.

Temos histórias tão lindas! Aqui mesmo em Belo Horizonte, quem já não ouviu falar do Tio Maurício? Um senhor casado, com filhos. Onde está uma criança drogada, lá está ele. Conhece todos os meninos de rua de Belo Horizonte. Dorme nas ruas, debaixo de viadutos. Não chega em casa à noite, a esposa fica preocupada, e lá está ele no meio dos pobres, dos meninos abandonados. Certa vez o pessoal do “Jornal de Opinião” quis dar-lhe de presente uma sandália – uma sandália, não um palácio, um carro luxuoso. Ele recebeu a sandália e achou-a bonita demais. Foi na loja e trocou-a por duas. Calçou uma e deu a outra para o pobre. Belo Horizonte, 2006! Isso nós não contamos. E foi o que Jesus e os apóstolos fizeram.

Quando as crianças chegam em casa, depois da escola, vocês, pais, ficam vendo televisão. Por que não perguntam como foi a escola, o que elas fizeram durante o dia? Se fizerem isso, elas teriam oportunidade de contar as pequenas aventuras, as pequenas travessuras, e vocês começariam a conversar. Nós não conversamos, mas Jesus conversava. Fantástico esse Homem! Quando Freud (*),

com tanta sabedoria, com tanta ciência – austríaco-alemão, frio cientista – quis descobrir como podemos nos libertar de nossos problemas, simplesmente disse que devemos falar, narrar, contar nossos problemas. E há pessoas que pagam caro para encontrar uma orelha que ouça os seus problemas, quando têm um pai, uma mãe, uma esposa, um esposo, que poderiam ouvi-las com muito mais amor.

Sabem por que vocês têm tantos problemas, sobretudo os homens? Porque não falam, são mudos! Ficam engolindo tudo, e quem engole veneno, fica envenenado. Vomitem-no! Mas não como uma coisa ruim. Com amor, para que o outro ouça. Uma esposa que sabe ouvir seu esposo, um pai que ouve seu filho é como Jesus ouvindo os apóstolos. É isso que precisamos fazer.

Jesus recomenda aos apóstolos que se afastem um pouco, que saiam do barulho, desse redemoinho de notícias. Há pessoas que não são capazes de ficar um minuto em silêncio. Já saem de casa com *duas bolinhas* enfiadas nas orelhas, ainda carregando um *caixotezinho* na cintura. Quando chegam em casa, acendem a luz e ligam a televisão. Se pudessem já ligavam do próprio trabalho, através de um controle remoto, para chegarem em casa já em meio à barulheira. Vão dormir com o rádio ligado, programado para desligar durante a noite e, se perdem o sono, ligam-no novamente. Não há silêncio, não há recolhimento, não há espaço para pensar.

Como alguém pode fazer a trajetória interna de sua fé, se não tem silêncio? Se realmente entrarmos e caminharmos dentro de nós, chegaremos às águas puras da fonte da sabedoria, que é onde Deus habita dentro de nós. Lá Ele estará nos falando, mas se houver muito barulho, como poderemos ouvi-lo? Ele fala, mas não o ouvimos. Qual de nós é capaz de ouvir a Nona Sinfonia de Beethoven em plena Praça Sete, às dezoito horas, com todos os carros buzinando ao mesmo tempo? Como poderemos ouvir, se não pararmos no nosso quarto, num momento de silêncio e tranqüilidade? Como poderemos ter ideias, como poderemos pensar, se durante todo o dia só vemos imagens? Somente imagens e nenhuma ideia, nenhum pensamento, nenhuma realidade interior. Somos um corpo que anda, mas não seres humanos vivos, livres, conscientes. Jesus diz para irmos a um lugar tranquilo, sereno, para conversar, falar das belezas de Deus que acontecem na vida de todos nós, na luta dos operários, no trabalho de um médico, de um construtor, de um jovem que busca emprego, de um recém-formado, na luta para entrar na universidade. Quantas histórias lindas temos para contar! Mas não temos tempo. Amém. (23.07.2006/16°.domingo comum)

(*) referência a Sigmund Freud, médico austríaco fundador da Psicanálise.

QUE PÃO NÓS ESTAMOS REPARTINDO?

(Jo 6, 1-15)

São João brinca com os símbolos e faz uma bonita teologia narrativa. Ele não é um rabino que conta por contar. Quando conta, faz teologia, isto é, cada pormenorzinho é uma alusão para quem sabe ler o que realmente ele quer dizer.

João começa dizendo que Jesus atravessou o lago. Na vida de vocês, já atravessaram um grande lago? Quando atravessamos um lago, deixamos a segurança, a estabilidade, a firmeza de uma margem. Deixamos o que já conhecemos e nos lançamos ao desconhecido. A água pode se agitar, podemos ser atingidos por uma tempestade. Jesus deixa a margem onde estão os judeus, seus velhos conhecidos, e vai ao encontro dos estrangeiros, dos diferentes, que não tinham a mesma religião, a mesma cultura, o mesmo modo de pensar. Algum dia vocês já atravessaram um grande lago da existência? Já saíram de suas casas e encontraram uma pessoa, uma realidade estranha? Já atravessaram o lago de Minas Gerais para encontrarem outra realidade? Isso é fundamental para a nossa experiência humana. Se permanecermos na nossa margem, ficaremos pobres, pequenos, fechados, acanhados. Quando atravessamos os oceanos, crescemos, percebemos outros mundos. Podemos fazer essa experiência através da leitura, quando podemos nos mergulhar no universo de um autor que vive outra realidade. A cada livro que lemos, deixamos nossa estreita margem e avançamos.

João continua dizendo que Jesus não apenas atravessou a margem, mas subiu a montanha, que é um dos símbolos mais antigos da cultura humana. É um arquétipo, uma categoria que fica bem no fundo de nossa cabeça e servirá para exprimir os sentimentos mais profundos. Subir é um desses arquétipos, pois sempre nos dará a ideia de que estamos mais próximos da transcendência. E vocês, já subiram alguma montanha em suas vidas? Se não conseguimos subir as montanhas físicas, não podemos deixar de subir as montanhas da afetividade, das nossas experiências, das nossas relações, pois, vindo de cima, poderemos ter uma visão muito maior. Toda a realidade diminui, porque nós estamos no alto, e só aí poderemos relativizar. Uma briguinha doméstica desaparecerá, porque estaremos no alto. Quantas montanhas precisamos subir para superar os túneis das nossas contingências?

O Mestre se senta, como quem vai ensinar. É a posição da cultura, da transmissão. Jesus tem diante de si os apóstolos, isto é, a Igreja e toda a multidão que procura a sua palavra. Será que já nos assentamos diante da vida? Já nos sentimos como alguém capaz de transmitir alguma coisa? Já conseguimos transmitir a alguém alguma verdade, alguma beleza, já abrimos o horizonte para alguém?

Jesus continua chamando uma criança, que traz os pães e os peixes. Uma criança é o início do grande milagre. Será que nós já demos origem a algum milagre?

Eu queria terminar fazendo uma inversão. Jesus nos convida a distribuir o

pão que nós somos. Imagino que cada um de nós é Jesus e que neste momento recebemos dele o poder de multiplicar os pães e com eles saciar as pessoas. Deixo para vocês três grandes perguntas: a quem daremos os pães? Que pães daremos? Como daremos esses pães? É bom que fiquemos com essas três perguntas na cabeça.

Será que distribuiríamos o pão material? Certamente, esse pão material acabaria logo, mas o que realmente nós temos para oferecer às pessoas? O que poderíamos dar como pão? O que adquirimos ao longo da vida em cultura, em experiência, que poderá servir para quem está ao nosso lado? Que pão uma mãe poderia distribuir aos seus filhos? Poderíamos dar exemplo, ensinamento, silêncios, palavras? Talvez muitos de nós não tenhamos nenhum pão para dar. Esta é a grande tristeza: ter os nossos cestos vazios, depois de trinta, cinquenta anos de vida, olhar para o nosso cesto e perceber que ele está vazio, que nada temos para distribuir, para partilhar com quem está ao nosso lado. É terrível perceber que uma vida inteira se passou na mais completa vacuidade. Trágica verdade quando percebemos o silêncio da inutilidade, de quem não viveu, de quem nada experimentou. Precisamos transmitir a nossa cultura, a nossa história, as nossas tradições, pois um povo sem memória certamente desaparecerá. Precisamos transmitir a nossa cultura mineira, pois daqui a pouco nossos jovens só saberão falar de *hamburger*, *hot-dogs*, *halloween*, *batman* e toda a nossa história, nossa tradição desaparecerá. Os jovens e as crianças esquecerão, porque não recebem. Mas só podemos comunicar aquilo que vivenciamos em profundidade, aquilo que nos tirou de dentro de nós numa revolução profunda, levando-nos a trabalhar, modificar a realidade e sermos capazes de transmitir. Como dizia o grande pedagogo Paulo Freire, precisamos tomar consciência da nossa dignidade, do nosso ser, da nossa existência, pois, só a partir daí, poderemos comunicar alguma coisa para as pessoas. Ao término desta celebração, caminhemos para as nossas casas nos perguntando sobre que pão temos para saciar quem caminha conosco.

A quem daremos o nosso pão? Pensando em pão material, só poderíamos dá-lo a quem estivesse com fome, assim como Jesus deu-o àquelas pessoas que o seguiam. Mas hoje, com tantos programas sociais, preocupando-se em alimentar o povo, não é desse pão que as pessoas estão necessitando. Será que já paramos para pensar que espécie de ajuda as pessoas estão buscando em nós? Quantas pessoas ao nosso lado estão precisando de um abraço, de um olhar de atenção, tanta coisa que podemos distribuir nos enriquecendo muito mais?

E como podemos distribuir esse pão? Será que sabemos nos colocar em disponibilidade para as pessoas, abrindo-lhes o coração, voltando-lhes o nosso olhar, acolhendo-as em nossas casas? Hoje, a psicologia, a pedagogia e também a ética trabalham muito o cuidado, a delicadeza no trato com as pessoas, fazendo com que elas não se sintam dominadas, humilhadas. Deixemos de lado a arrogância, a prepotência, e só assim faremos grandes milagres na multiplicação dos pães. Foi Jesus quem disse que nós faríamos milagres maiores do que Ele fez. Amém. (26.07.09/17º. domingo comum)

UM PRESENTE NOS TORNA PRESENTES ***(Ex 16, 2-4.12-15/Jo 6, 24-35)***

A liturgia é bonita, porque tece textos com pensamentos distantes em milhares de anos. Ao mesmo tempo em que coloca o povo de Israel caminhando no deserto, apresenta Jesus falando em Cafarnaum. Ambos os textos falam acerca do pão que caiu do céu.

Se repararam bem, tanto na primeira leitura quanto no evangelho, aqueles judeus pensaram unicamente nos pássaros e no pão. Ninguém pensou naquele que doou o presente, e sobre isso Javé chamou a atenção através de Moisés, afirmando que eles teriam o maná à saciedade, para que soubessem que, por trás daquela dádiva recolhida displicentemente, estava Ele, o Senhor e Deus. O mesmo aconteceu com aquele povo que se fartou com o pão que Jesus distribuiu e, somente por isso, viviam correndo atrás dele.

Isto acontece com todos nós. Recebemos presentes que nos alegram, mas, como vivemos presos à materialidade, nos esquecemos do carinho, do afeto, do cuidado, de todo o significado que ele carrega e que é muito mais importante do que o próprio presente. Nossos olhos buscam a coisa e se esquecem da pessoa, porque não somos despertados para o símbolo. Somos rudes, nossa inteligência é oca, agarra-se às coisas sem saber que elas irradiam outra realidade. E o pior é que educamos as nossas crianças desde cedo para isso. Quando chega uma tia, um padrinho trazendo um presente, elas logo saem correndo para o quarto, encantadas com o brinquedo, sem se darem conta de quem o deu, enquanto os adultos se esquecem de alertá-las de que, por trás do presente, está o cuidado, o olhar de quem deu. Precisamos guardar isto: quando recebemos um presente, na verdade, recebemos o presente e também a pessoa que nos deu. É diferente de recebermos uma encomenda trazida pelo correio, pois essa não torna ninguém presente. Presente, portanto, é uma coisa material que reflete, irradia, é sinal de amizade, de carinho, de amor, de atenção, da lembrança de alguém. É por isso que um presente vale! Um presente formal, vazio, mesmo que tenha grande valor econômico, pode ser terrível, principalmente quando esconde a ausência, o descaso, a compensação por não ter sido capaz de dar afeto. Quantas vezes um embrulho bonito, amarrado com fitas coloridas, esconde o vazio, a culpa por um amor que não está presente?!

Assim também é Deus, mas nós agarramos as coisas, esquecidos do mais importante, Ele, que está por trás de tudo, sempre junto de nós, nos sustentando nas alegrias e nas tristezas, nos sofrimentos e no gozo, nos problemas, mas também nas soluções, nas incompreensões e também nos reencontros. Ele está em todas as situações, mesmo diferentemente, e essa é a nossa grande dificuldade. Está nos sofrimentos para nos animar, para que encontremos coragem para superá-los. Está nas alegrias, para que nos alegremos com Ele. Quando temos o

coração rasgado pela dor, Ele se coloca ao nosso lado como um grande cirurgião para reconstituir as fibras. Deus estará nas mãos dos médicos, no carinho dos pais, nas lágrimas da mãe chorando pelo medo da morte de um filho. Mesmo quando a morte acontece, Ele também está conosco. Está ao nosso lado em todas as confusões em que nos metemos para nos ajudar a sair delas. Quando deu o pão para que aquele povo se alimentasse, queria alimentar muito mais que o estômago, dar o conforto através da presença, do carinho, do amor, da entrega, da revelação de quem Ele era.

Jesus deu àquele povo um pão comum, mas afirmando que era Ele o pão da vida! Ele é – o verbo ser sem qualquer complemento –, enquanto nós apenas estamos. É essa a grande diferença! Nós e todas as realidades passamos, mas Deus é e continua sustentando a cada um de nós num amor sem limites. Amém. (01.08.2009/18°. domingo comum)

PÃO E PAI (1Rs 19, 4-8/Jo 6, 41-51)

Duas palavras monossílabas definem a celebração de hoje: pão/pai. Pequenas palavras, mas densas de significado. Hoje ouvimos as metáforas do pão na primeira leitura e no evangelho. Elas são muito profundas, e creio que vêm a calhar muito bem para a figura do pai.

Na primeira leitura ouvimos sobre um pão que permite a alguém andar quarenta dias e quarenta noites pelo deserto. Não pode ser de trigo. Se comermos um pão e andarmos quarenta dias e quarenta noites, certamente desmaiaremos. Logo, esse pão não é de trigo. Então de que é esse pão, e por que quarenta dias, por que quarenta noites? Esse pão conduz ao Monte Sinai, ao Monte Horeb, onde Moisés encontrou-se com Deus. Vejam a quantidade de símbolos!

O povo come o pão, quando está abatido, desanimado, querendo morrer. Esse povo que está abatido e desanimado, querendo morrer, são os pais que andam desanimados, só vendo morte. Então, aparece o filho e lhes diz para olharem para ele, para a sua vida. Aí, os pais poderão andar, não quarenta dias e quarenta noites, mas quarenta anos e até muito mais, porque o filho é o pão que alimenta, que dá gosto à existência. Talvez eles estejam com problemas no trabalho, com a esposa. Chegam em casa exaustos e encontram um *Elias* ao seu lado. O filho se aproxima e diz que o pai não pode desanimar, porque é a fonte de sua vida. Muitas vezes são os filhos que animam os pais, e não os pais que animam os filhos. Eles estão aí para isto: para dar coragem, para dar vida.

Pais, quando estiverem abatidos, fechem os olhos, lembrem-se daquele Elias deitado, olhem para aquele pãozinho que nasce das cinzas. É esse pão que dá força para andar quarenta dias e quarenta noites. O evangelho diz que esse pão vale para a vida eterna. Já não são mais quarenta dias, quarenta noites ou quarenta anos, recordando os quarenta anos no deserto. É muito mais! É o pão que anima a vida e joga o pai para dentro da eternidade. Alguém que encontrou a vida neste mundo a colocou definitivamente na eternidade. Nenhuma vida será perdida, será apagada. A vida terrena acaba, mas a verdadeira vida continuará, porque quem crê tem a vida eterna.

O pai participa da vida do filho, e o evangelho diz que, para participar, são necessárias três coisas: crer, comungar e partilhar a existência. Crer será acreditar no filho, no que ele será quando for grande? Crer é muito mais! Vamos ver a etimologia latina. Crer vem de *credere*, que por sua vez vem de *cordare* – dar o coração a alguém. O pai só crê no filho, quando é capaz de abrir o seu coração e ser para ele força e amor. Agora é o contrário: é o pai dando força ao filho. A criança precisa caminhar, encontrar um rumo. O pai precisa mostrar que crê no filho, que é capaz de lhe dar o que tem de melhor, de mais profundo. Quantas vezes os pais são fechados como caramujos, não comunicam nada a seus filhos? Mas não é isso o que o Senhor pensou. Se o pai crê, se confia no filho, é capaz de por ele dar a vida, de partilhar e comungar.

Comungar não é receber a hóstia, mas entrar em comunhão com o Senhor. Como nos mostra a etimologia latina, comungar não vem de comum união, como tantas vezes ouvimos, mas de *comum* + *munere* – isto é, ter a mesma missão; de *munus*, *munere* – missão, encargo, tarefa, caminhada. Pela comunhão, participamos da missão do Senhor de dar a vida para os irmãos. O pai é aquele que vai construindo com seu filho o mesmo projeto de vida. Os adolescentes estão tão desorientados, porque não comungam com seus pais, não participam da mesma missão, não ouvem suas histórias. Tantas vezes já lhes falei da importância de vocês, pais, contarem histórias para seus filhos. Narrem para eles as lutas, sofrimentos, de como vieram do interior, lutaram, estudaram, trabalharam e continuaram de pé, íntegros. Digam isso às crianças, para que tenham coragem de enfrentar a vida, para que não sejam *moluscos gelatinosos*, que não têm coluna vertebral. O pai será a coluna vertebral para o seu filho pela presença, pela palavra, pela inteligência, pela capacidade de comunicar-se, pela cultura adquirida, pelo crescimento constante. Como um pai que para, que se acomoda, que se assenta *adiposamente* sem fazer nada, poderá ser modelo, ser força para o seu filho? Ele o será, quando o filho perceber que seu pai merece ser seguido e acompanhado.

Por isso, o Senhor diz que é o pão que nos alimenta, que nos sustenta. Que evangelho lindo para o dia dos pais! Comer, comungar do pão é dar a vida. O pai dá a sua existência. Fisicamente, comunicando a vida, mas essa missão é pequena e a mais fácil de todas. A mais difícil é passar ao filho valores, visão de mundo, compreensão da existência, das relações humanas, capacidade de superar limites e fracassos. Essa é a missão maravilhosa do pai!

Que esse domingo dos pais não seja um simples festejo, um presente a mais. O grande presente do pai é o filho, e o grande presente do filho é o pai. Amém. (12.08.2006/19º domingo comum)

A GLÓRIA DE SERVIR

(Ap 11, 19a, 12, 1-6a/Lc 1, 39-56)

Nós temos duas leituras contrastantes com a festa que celebramos. De um lado, dizemos que é a festa da Virgem Assunta, isto é, elevada aos céus. Evidentemente, é uma metáfora, uma imagem, porque o céu nem está em cima, nem embaixo, nem à direita nem à esquerda, pois não há espaço. Por isso, o astronauta russo, Yuri Gagarin, numa ignorância palmar, depois de andar circulando pelo espaço, avisou que não havia nem Deus, nem céu, porque ele não o vira. É claro que o céu que ele viu são apenas estrelinhas pequeninas comparadas com um mistério tão maravilhoso. Nós precisamos de metáforas, de comparações. Dizemos que ela foi elevada, como poderíamos dizer que subiu aos céus. Mas como, para nós, a altura é símbolo de grandeza, usamos a metáfora de ser elevada.

A primeira leitura é toda cheia de imagens, de figuras fortes: dragões, estrelas, a mulher que agarra o filho, e nós logo pensamos que se trata de Nossa Senhora. Mas não se trata dela, e sim da Igreja. Essa mulher é símbolo de todos nós. Ela deu à luz uma criança e vai para um lugar deserto. Tudo isso são símbolos para a nossa caminhada, para nós aqui.

Quero chamar a atenção para um contraste, talvez pouco percebido: a festa da Virgem e o evangelho em que ela, grávida, vai servir a outra grávida. Ela poderia perfeitamente ter usado a desculpa da gravidez para ficar calmamente em sua casa. Que a prima se arrumasse com outra parteira. Como uma mulher que acabou de engravidar-se vai fazer uma viagem longa para ajudar outra numa mesma situação? Parece uma coisa um pouco *desbaratada*. O evangelho nos mostra Maria a serviço, Maria caminhando apressadamente. O que isso quer dizer? No momento em que celebramos a glória, o evangelho nos apresenta um pequeno serviço. Então, uma pessoa, quando é glorificada, não chega ao *Planalto*, atravessa triunfalmente a Esplanada para atingir a glória? Ou quando alguém vive um momento de triunfo coloca-se a serviço do menor, daquela mulher já mais prolecta, que nem mais sabe que coisa é gravidez, totalmente despreparada? Há uma moral escondida nesse evangelho. Preferiríamos uma passagem em que Maria fosse exaltada, glorificada, mas é essa que serve que será assunta ao céu. Como temos conceitos diferentes para medir a glória de alguém! Achamos que a glória vem das aparências, mas ela vem da interioridade, da profundidade da pessoa. Maria nunca foi tão glorificada como naquele momento em que servia sua prima, em que estava ao lado de Jesus na cruz. Não estava arrasada, agoniada, humilhada. É nesse momento que a sua glória se manifestava. Ela nunca foi tão assunta ao céu como no Calvário, como servindo à sua prima.

A Igreja, simbolizada por essa mulher, cheia de glória, mas já com os inimigos espreitando-a, somos nós todos. Quando é que a Igreja vai para o deserto, ser protegida, ser guardada? Será quando se fecha em si mesma? Não, é no momento em que sai ao encontro do outro. Não somos cristãos para nós.

Precisamos mudar a nossa cabeça. Não somos católicos para estarmos no templo. Como muito bem diz a palavra, católico é *kata + holos* – universal, de acordo com o todo. Somos católicos para mostrar às pessoas que existe um sentido na vida, uma beleza, que a vida é mais do que o que estamos vendo. Não é só tristeza, morte, assalto, novelas, aborto. A vida tem algo de magnífico e vale a pena ser vivida. Mas é preciso viver com significado, sentido, beleza, entrega de nós mesmos. Essa é a nossa vocação! Essa é a mulher do deserto, que dá à luz a criança que se chama esperança. O mundo de hoje está altamente carente de esperança.

Maria assunta ao céu toca agora a cada um de nós. Olhamos para o nosso corpo e logo imaginamos que foi o corpo de Maria que subiu. Logo imaginamos que é este corpo, com olho, nariz e orelha, que vai um dia estar no céu. Leda ilusão! Este corpo vai se desfazer. Abram os túmulos e verão: potássio, fósforo, cálcio. O corpo glorioso é um desafio para todos nós. Corpo é a totalidade do nosso eu, é o eu por inteiro: todas as nossas relações, tudo aquilo que criamos, tudo o que construímos para a vida, todos os amores, todos os sofrimentos, todas as alegrias que sentimos. Nós carregamos toda uma história. Isso é que é assunção! Não caminhamos sozinhos; temos uma família, uma tradição, uma cultura. Depois de nós, outros virão. Ao nosso lado há uma imensa rede de circulação. O corpo é esse nozinho do qual podemos puxar infinitos fios que levaremos conosco na ressurreição.

Nós, que já temos nossos pais na eternidade, pensamos que eles estão lá, sozinhos? Estão com todos nós, que já participamos da glória de nossos pais, de nossos avós, de nossos amigos. Eles carregaram a história da qual também participamos. Quando invocamos os nossos mortos, não invocamos corpos vazios, mas irmãos ressuscitados, carregados de história – de Vespasiano, de nossas famílias, de nossos amores. Tudo isso é carregado para dentro da ressurreição. Maria assunta ao céu carrega toda a humanidade. Não é glória pessoal, mas de todos nós, de todas as pessoas que amam, que vivem. Todos nós teremos alguma coisa para ressuscitar conosco. Só não ressuscita o pecado, o crime, o ódio. Uma pitadinha de amor será eternidade. “O amor faz eternidade, quer eternidade, é eternidade!”(*) Amém. (19.08.06/20º. domingo comum/Festa da Assunção de Maria)

(*) frase de autoria do cardeal Joseph Ratzinger

ALEGRIAS E DORES DO COTIDIANO **(Js 24, 1-2a. 15-17.18b/Jo 6, 60-69)**

Depois dessa leitura vocês têm que se colocar na situação dela. Josué foi aquele homem que, depois de Moisés, conduziu o povo do deserto para a Terra Prometida. Ele sacrificou sua vida pelo povo. Acreditava em Javé e tinha uma enorme segurança de que Deus estaria ao lado do povo. É esse homem que pergunta o que eles queriam. Será que querem voltar à vida anterior, continuar adorando os deuses? Nós também temos os nossos deuses: vícios, pecados, apegos, idolatrias. Será que eles queriam voltar a uma vida desregrada, a uma vida perdida? Será que nós queremos os deuses da mídia, os deuses vulgares que continuam nos sendo oferecidos, os deuses do consumismo, do hedonismo? Ou queremos o Deus que nos criou e nos chamou? Ele olha aquele jovem encostado na parede e diz que ele é importante, tão importante que seu Filho veio à Terra para falar dele a você

Nós temos cinco sentidos exteriores e, para saber o que é bom para eles, Jesus não precisaria vir do céu, porque já sabemos. Todos nós sabemos que queremos ver coisas bonitas. Não gostamos de ver certas imagens que passam na televisão: crianças esqueléticas, famintas, famílias abatidas pelas tragédias. Quem gosta de apalpar coisas duras e espinhosas? Portanto, para nos dizer isso, não precisava Jesus ter vindo à Terra, porque essas realidades já conhecemos. É a felicidade dos sentidos comum a todos os seres vivos. A planta quer água para crescer. Se acariciamos um cachorrinho, ele nos olha feliz com alegria *cachorrал*. Tudo isso já conhecemos, e Deus não precisaria nos ensinar. Mas Jesus vem nos dizer alguma coisa que dificilmente entenderíamos. Ele nos diz que devemos renunciar a todo poder, a todo o extraordinário, a todo privilégio para viver o cotidiano. Para sermos felizes, temos que viver o cotidiano sem privilégios. Se observarmos atentamente a situação atual, perceberemos que vivemos numa cultura mítica, que quer nos arrancar do cotidiano e nos fazer felizes num instante. A nossa realidade nos mostra que, para uma pessoa simples construir uma casa, tem que lutar, juntar uma pequenina poupança, amealhar pedra sobre pedra na luta, no amor, no trabalho. Isso é que é bonito! Mas a mídia não nos mostra isso. Basta escrever uma cartinha para o Faustão, sem precisar fazer mais nada. Será que não percebemos que querem nos enganar, que querem tirar o cotidiano da nossa vida? Será que não percebemos que toda essa mídia quer nos tirar o real, quer que vivamos num mundo de sonhos, sem esforço, sem luta? Querem que sejamos Ronaldinho sem treinar, sejamos Barichello sem entrar num carro, que passemos no vestibular apenas *navegando*, sem estudo, sem esforço. Querem fazer psicologia para depois vender cachorro-quente ou para ajudar casais a se encontrar, a se amar.

O cotidiano é a coisa mais bonita, mas também a mais dolorosa. Jesus nos diz esta palavra dura: que assumamos o nosso dia a dia como ele é, sem querer milagres. Não precisamos ir a Aparecida buscar milagres. O maior milagre é viver! Viver com honestidade, com amor, com seriedade, chorando

quando for preciso chorar. Não vai acontecer nenhum milagre. Nenhum anjo vai aparecer para nos tirar de um problema. Precisamos assumir as nossas realidades inexoráveis. Podemos nos embebedar, mas a realidade não vai mudar. Essa é a palavra dura do Senhor. É nessa realidade que seremos felizes, tornando-a mais bonita para os outros, para que as pessoas não sofram tanto, mas suportem, resistam, encontrem sentido numa vida que vai para além. Tudo isso nos dá força para resistir, porque nenhum crime, nenhuma tristeza vale um instante de eternidade. A única felicidade possível é saber que um dia estaremos junto aos nossos entes queridos glorificados, que estaremos acima de toda dor, de todo sofrimento.

O Senhor nos diz: “não vereis o Filho do Homem subindo?”, isto é, não vereis que um dia estaremos glorificados? É isso que vai nos sustentar nas agruras da vida, nas noites escuras sem estrelas, nas dores da existência humana. Mas também nos fará rejubilar nos momentos felizes de nossa existência. Amém. (27.08.06/21º domingo comum)

AMAR É A ÚNICA RAZÃO DO AMOR

(Dt 4, 1-2.6-8/Mc 7, 1-8. 14-15. 21-23)

A primeira leitura é um toque muito bonito, que eu não gostaria de deixar passar sem uma palavrinha. Fala muito mais de nós do que do povo de Israel. Voltando-se para eles, o profeta diz: “Que povo tão bendito é esse, que tem Deus tão perto?”. Se isso valeu para o povo de Israel, vale muito mais para nós. Olhando para vocês aqui, posso dizer: “Que comunidade tão querida é essa, que tem o Senhor tão próximo?”.

Vocês sabem o que significa ter Deus tão perto de nós? Já pensaram nisso? Toda vez que uma personalidade importante passar aqui em nossa cidade, principalmente nesta época de eleições, não corram para vê-la. Não precisamos ver Aécio Neves (*), porque temos o Senhor, que vai além de todas as coisas que foram criadas. Nós temos aquele que é existente para cada um de nós. É Ele que nós temos tão próximo, é Ele que nos reúne. Se nos dessemos conta disso, quão felizes seríamos! Seríamos mais tranquilos, atravessaríamos as realidades da vida com mais serenidade, suportaríamos muito melhor as dores e tristezas, as horas dolorosas e machucadas da vida. Nossos olhos seriam mais transparentes, mais ternos. Teríamos o coração muito maior, mais amplo, mais aberto. O Senhor Criador, aquele que faz tudo, em quem, por quem, para quem todas as coisas foram criadas, é o Senhor da nossa comunidade. Guardemos isso, principalmente nós, mais velhos, que nos aproximamos cada vez mais do grande momento da transparência. Sempre precisaremos da certeza de que não cairemos num túnel escuro e definitivo, que não desapareceremos num nada. Precisamos ter a certeza de que uma imensa luz transparente nos envolverá.

O evangelho de hoje nos fala da coisa mais linda que temos, que é o amor. Todas as outras coisas são menores. Se eu misturo interesse ao amor, ele se corrompe. Mesmo que seja um mínimo. Qualquer amor salpicado de interesse, torna-se impuro. Se uma mãe amar seu filho interessadamente, esse amor será impuro, apesar de ser amor de mãe. Interesse, vaidade, egoísmo, ciúme, tudo isso apaga o amor, porque não bate com ele. O amor bonito é aquele que olha nos olhos, é o amor que confia. Temos que ter isto bem presente: a única motivação para amar é amar! Qualquer outra razão estraga o amor. A nossa cultura da propaganda, do colorido, das fantasias, destrói o amor. Ficam os adjetivos, e o substantivo desaparece, e aqueles sozinhos nada valem.

Podemos tomar qualquer outra realidade. Se a justiça é uma justiça interessada, já não será justa. Se convidado alguém para uma festa interessadamente, que valor terá? A pessoa vale por simpatia, por amor, pela alegria de estar junto com ela. Qualquer outro interesse torna impuro esse convite. Jesus nos diz que nossos olhos devem ser transparentes. O interesse vem de dentro e suja qualquer realidade. As más intenções, a comercialização nos amores sujam as nossas relações. É isso que o Senhor quer nos dizer.

Jesus continua. Ele não era contra os ritos. É claro que os fariseus tinham direito de lavar as mãos, e ninguém seria contra isso. Os ritos, os costumes são

necessários. Jesus quer nos dizer que não podemos ser escravos dos ritos. Nosso Deus é diferente, é transcendente, é infinito, maravilhoso. Ele é grande, é luz. O próprio nome – Deus – já diz. Vem de *dies*, em latim – luz! Nosso Deus é uma luz suave que envolve cada um de nós. Se tivéssemos essa consciência, nunca ficaríamos tristes, abatidos, entupidos de antidepressivos.

Vejo o exemplo de Betto (**), que esteve preso durante quatro anos. Ele me disse que nunca tomou um antidepressivo, porque nunca precisou. A fé sempre o sustentou diante de tanto crime, vendo tantos amigos serem assassinados, torturados. Nenhum de vocês tem ideia do que foi o Brasil na década de setenta. Jovens como vocês foram torturados, massacrados, expulsos de sua pátria. Eles precisavam acreditar em alguma coisa maior.

Tenhamos a certeza de que temos um Deus próximo, que nunca vai castigar, que nunca vai nos virar o rosto, que nunca será capaz de nos olhar com raiva. Ele não castigou a mulher surpreendida em adultério (***). Um Deus que ama, perdoa, acolhe é a nossa única certeza! Amém. (03.09.06/22º domingo comum)

(*) governador de Minas em campanha para a reeleição.

(**) Carlos Alberto Libanio Christo, frade dominicano, vítima do regime militar.

(***) Jo 8, 1-11

FALAR E OUVIR FAZEM A NOSSA CONVIVÊNCIA (Mc 7, 31-37)

Toda vez que ouvimos a descrição, a narração de um milagre, precisamos recordar o que João diz em seu evangelho. Ele não chama milagre de milagre nem uma vez sequer, mas de sinal. Sinal é uma realidade que, sendo percebida, aponta para outra. Se andarmos pela rua e depararmos com um sinal vermelho, não vamos ficar admirados pela sua beleza, porque os carros estarão buzinando atrás. O sinal indica outra coisa: vermelho – pare!, verde – avance!, amarelo – atenção! Portanto, o sinal não está preso a ele mesmo, mas a uma outra realidade. Portanto, no evangelho, esse milagre é um sinal.

Não é a cura do surdo que interessa. Temos que buscar outra coisa. A liturgia do batismo nos dá um primeiro sentido. Logo depois do batismo, o sacerdote reza a Deus para que, assim como Jesus fez com o surdo-mudo, fazendo-o ouvir e falar, aquela criança ouça a palavra de Deus e a anuncie, a proclame a todos os povos. Então, queremos que as pessoas ouçam a palavra de Deus e a proclamem. Não se trata, portanto, nem da surdez, nem da mudez física.

Se durante toda a semana vocês não ouviram nenhuma palavra de Deus e também não falaram, foram surdos sem mais. Há pessoas que passam anos e anos surdas e mudas. Falam tantas coisas, menos a palavra de Deus. Ouvem tantas coisas, menos a palavra de Deus. Para o evangelho, são surdas e mudas. Portanto, a palavra é séria! Quando é que falamos, quando é que ouvimos algo que realmente seja significativo para nossa vida? Uma das coisas que me preocupam muito nos dias de hoje – e aproveito que há muitos jovens aqui na igreja – é que eu tenho examinado muitas teses, até de doutorado, e fico pasmado com a dificuldade e, em alguns, até a incapacidade de escreverem, de falarem, de contarem alguma coisa consistente. São frases quebradas, muitas vezes sem sujeito, às vezes sem predicado, porque não ouviram, não falaram.

Jovens, prestem atenção nas conversas que vocês têm! Vocês falam, ou simplesmente emitem ruídos, grunhidos, ou até outros sons mais animais que humanos? Constroem frases com sujeito, predicado, objeto direto, indireto? Existe uma gramática que não deve ser desprezada, porque ela forma a cabeça. Quem não tem gramática na vida é *desgramatizado* na existência. Comete erros de sintaxe, de concordância, não apenas nas palavras, mas no existir, no comprometer-se, no conviver com os outros, porque somos comunidade. A linguagem é a maneira pela qual nós, seres humanos, nos distinguimos do animal. Guardem isso! No início, foi muito difícil para a humanidade romper toda a brutalidade, porque viemos do animal. Fomos arrancando pedaços de palavras até construir um idioma. Foi através de milhares e milhares de anos que construímos uma língua. Nós a recebemos, por assim dizer, de graça dos portugueses, daquele latim quebrado. Os portugueses foram moldando as

palavras até chegar à nossa língua. Nós a acolhemos, a recebemos e, de repente, perdemos toda essa tradição. Não falamos, não ouvimos, não criamos frases. Sobretudo, agora, com a entrada da *internet*, em que as pessoas escrevem só através de sinais e, muitas vezes, nem completam as frases. Fica tudo truncado.

Não pensem que é só uma coisa externa. Quando truncamos a linguagem, truncamos o afeto, as nossas relações, a capacidade que temos de conviver. Só conviveremos bem através de palavras. Falem, ouçam um pouquinho uns aos outros. Só conseguimos superar um problema no momento em que o verbalizamos, colocando-o em palavras. Só viveremos a fé, se a fizermos em palavras. Enquanto uma realidade não se transforma em palavras ela ainda não existe para nós. Quantas vezes, nas aulas, eu ouço os alunos dizerem que têm técnica, mas não têm palavras. Se não têm palavras, é porque não têm ideias. Como isso é importante!

Quando Jesus cura o surdo-mudo, simbolicamente, está curando todas as nossas surdezes, que são muitas. Desde a mais elementar, de ouvir e entender a sua linguagem, entender a palavra dos outros, da mãe, do irmão. Compreender que é assim que o ser humano se constrói. Vejam a política americana, a política do Iraque. São políticas de bombas, sem palavras, porque não há linguagem na guerra.

Volto a insistir: se não trabalharmos seriamente a convivência humana, a nossa vida vai tornar-se absolutamente insuportável. Não teremos coragem de sair à rua. Se alguém chegar perto, já sairemos correndo de medo, e o medo vai tomando posse de nós, nos aprisionando e matando o amor. João diz que onde há medo não há amor. Só há amor quando conseguimos exprimi-lo, falar dele. Não sejamos surdos e mudos para o amor, porque é a única realidade que nos realiza. Amém. (10.09.06/23º domingo comum)

O DESAFIO DA DOAÇÃO (Is 50, 5-9a/Mc 8, 27-35)

Esse evangelho foi preparado pela primeira leitura, uma espécie de umbral, de referencial para o que leríamos. Ele fala do servo sofredor. Para nossa cultura, parece uma categoria longínqua, mas não é. Todos os povos, todas as culturas têm seus grandes símbolos, homens que se imolaram, pessoas que se esvaziaram, desapareceram, para que o povo crescesse. Todos os povos precisam de um símbolo, alguém que carrega o seu sofrimento.

Nós, mineiros, temos Tiradentes. Quem fez a independência do Brasil não foi um Pedro I, que vivia com aquela mulher em Santos (*). Ela foi feita por Tiradentes, que derramou seu sangue, foi enforcado, soube o que é a morte. O povo olha para aquele homem e diz: “Nós queremos que um povo nasça desse sangue!”.

Naquela época em que Tancredo Neves ficou doente, lembro-me de um comentário que dizia que ele, de certa maneira, se transformara em um arquétipo fundamental. O Brasil saía de uma ditadura militar de muita tortura, miséria, opressão e destruição. Estávamos desfeitos, com a consciência moral estragada. Nunca fomos capazes de pensar que brasileiro fosse capaz de torturar brasileiro, matar friamente outro brasileiro, torturar até a morte. Pessoas ditas sadias, bem alimentadas, não pobres miseráveis nascidos em favelas, mas oficiais do exército, generais, comandantes, pessoas de cultura superior torturaram muitos brasileiros até a morte. De toda essa miséria pouca gente ficou sabendo. Nós, que trabalhávamos com os envolvidos, sabíamos o que estava acontecendo. Comemorávamos o campeonato mundial de futebol (**), enquanto nossos jovens morriam nas masmorras da repressão. O Brasil estava manchado, envergonhado, envenenado.

Aí aparece aquele que quer fazer oposição. Não era nenhuma vestal de pureza, mas uma figura simbólica. Quis dar um passo para a democracia, mas soube que estava com uma infecção grave. Temia que, se, naquele momento, a doença aparecesse, talvez a passagem para a democracia não se fizesse. Guardou-a em seu corpo. Fez uma viagem à Europa e voltou ao Brasil e, no dia de tomar posse, é levado ao hospital, e depois todos conhecem a história (***). Lembrem-se do velório em Belo Horizonte, quando milhares de pessoas se comoveram – o arquétipo, aquele que carregou o sofrimento para libertar o seu povo. Não era um covarde, um vazio, um homem banal. Betto (****), amigo da família, esteve ao seu lado e o ouvia se perguntando: “Por que eu morro, por que eu?” Era ele o servo sofredor para o povo brasileiro, que saía das trevas de uma ditadura. Depois aconteceu tanta trapalhada, mas não interessa. Interessa é que a nossa cultura precisa de heróis.

Israel também foi um povo estraçalhado, esmagado, sofreu no exílio, foi massacrado pelos gregos, pelos romanos. É um povo sofrido! É importante que alguém carregue as nossas dores, para que as vençamos. Só que o povo de Israel

não sabia, nunca poderia imaginar que viria alguém. E é nesse grande momento que acontece a passagem narrada hoje.

Aparece Jesus e pergunta: “O que vocês pensam de mim?”. João Batista havia sido assassinado. Elias desaparecera num carro de fogo. Aí Pedro diz que Ele era o Messias, mas, com sua cabecinha pequena, tenta impedi-lo de ir a Jerusalém. Diante disso, Jesus, percebendo que ele não entendia nada, lhe diz: “Tu és Satanás para mim!”. É nosso compromisso ajudar alguém a crescer, a seguir o seu caminho. Jesus quis seguir seu caminho, quis dar a sua vida por nós. Ele queria ter a coragem de ser o grande servo sofredor e carregar todas as nossas dores. Satanás é aquele que nos interrompe nos momentos em que queremos caminhar. Esse é Satanás! Nada de capeta com rabo e chifre, não. Satanás é aquele que está ao nosso lado. O pai pode ser satanás para seu filho, os esposos podem também ser *satanazes*, os namorados frequentemente são *satanazes* um para o outro, quando conduzem o companheiro ou companheira, não pelos caminhos da beleza, da grandeza, mas por caminhos escusos, escurecidos. Não pensem em demônio!

Jesus ainda continua, e esse é o fato mais lindo. Ele fala em renúncia, e a nossa cultura é toda contrária a isso. É comum que agarremos tudo para nós. Chupamos todas as frutas e deixamos para os outros apenas os caroços, os bagaços. Todos nós somos assim. Jesus diz que isso não nos fará felizes. Só Ele teve coragem de dizer isso. Qual de nós tem coragem de dizer que, para sermos felizes, devemos abrir mão de nós mesmos? Não, queremos emprego, altos salários, ser eleitos à custa de quem quer que seja, acima de toda ética. Quando estiver por cima, serei feliz! Negativo! Assim seremos infelizes.

Vou citar um artista que poucos de vocês devem conhecer, pois é do meu tempo: Marcello Mastroianni. Era o grande ídolo do cinema italiano, bonito, cobiçado. Quando completou quarenta anos, disse esta frase: “Olhando para a minha vida, vejo que ela é nada!”. Simples vazio! Cheio de mulheres, de dinheiro, de sucesso e completamente vazio. Uma outra artista, perdão por ser de outro século – a glória do cinema americana, símbolo da beleza, envolvida até com o presidente Kennedy: Marilyn Monroe. Chegou ao apogeu de tudo e suicidou-se. Nenhum sucesso preenche uma vida esvaziada.

Jesus nos lembra que, se quisermos ser felizes, temos que ter os braços abertos para que a vida saia, para que haja amor, haja virtude. Que nunca a guardemos para nós. Se puxarmos toda a água, morreremos afogados, mas se abirmos os braços, poderemos abraçar milhares e milhares de pessoas.

Há poucos dias, nós, aqui no Brasil, assistimos a morte de um homem, talvez dos mais santos: Dom Luciano (*****). Esteve aqui nesta igreja na última celebração de crisma. Só teve gestos de entrega. Viveu isso durante toda a vida, e, na hora da morte, estava sereno. Já nos momentos finais me disse baixinho: “Estou nas mãos de Deus!”. Depois ainda disse uma frase: “Não se esqueçam dos pobres!”. Duas frases para terminar a vida.

Qual de nós, diante da morte, é capaz de dizer essas duas frases? Tão diferente do cardeal Mazarin (*****), que morreu agarrando as estátuas de seu palácio. Mas a morte as arrancou todas. Jesus nos ensina hoje que a humanidade se divide em duas classes: os que se fecharam e os que se abriram. Em qual delas nós estamos? Amém. (16.09.2006/24º.domingo comum)

(*) referência à Marquesa de Santos, amante de D.Pedro I.

(**) referência à conquista do tricampeonato mundial de futebol, em 1970.

(***) referência à doença e morte de Tancredo Neves em 1985.

(****) referência a Carlos Alberto Libanio Christo, frade dominicano.

(*****) referência a Dom Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana-MG, falecido em 27.08.2006.

(*****) referência ao cardeal Jules Mazarin , chefe de Governo da França no século XVII

O INFINITO QUE MORA DENTRO DE NÓS

(Mc 9, 30-37)

Lendo este evangelho, parece-nos coisa simples. Mas, se ele fosse um homem mais instruído, se tivesse frequentado as universidades, que naquela época se chamavam Academias – hoje temos academias para os músculos, mas naquela época era para as inteligências –, teria aprendido de um famoso filósofo grego, chamado Heráclito, que vivera seis séculos antes, que só conhecemos as coisas pelo contraste. Só sabemos o que é frio, porque conhecemos o calor. Hoje está quente porque há alguns dias fazia frio. Se não houvesse frio, não saberíamos que coisa é calor. Seria ótimo, porque ninguém teria do que reclamar. Só sabemos que uma coisa é macia, porque existe uma outra dura. Só sabemos que alguma coisa é úmida, porque conhecemos o seco. Isso pode parecer banal, mas não é. O ser humano é um ser que precisa confrontar.

Um senhor contou-me, certa vez, que, quando era criancinha, estava dormindo, num dia de muita chuva e frio. Ele, naquele quentinho de sua cama, pensou que naquele momento, na rua, havia muitas crianças de sua idade, passando frio, porque estava chovendo. Pensou no contraste entre ele, acomodado, acarinhado, cheio de cobertas, e aquele menino com frio na rua. Talvez tenhamos esta experiência também: de muitas vezes sairmos de uma mesa farta, saciados por uma comida gostosa, e depararmos com uma pessoa faminta. É o cotidiano de nossa experiência humana. Os contrastes fazem parte de nosso dia a dia.

No evangelho, notamos dois fatos simultâneos. Jesus fala de uma coisa, e os apóstolos discutem outra. Aí também há contraste. Jesus declara que Ele, o Mestre, o Senhor, será espancado, preso, maltratado. Enquanto isso, os apóstolos discutem quem será o maior, o mais importante, o *primeiro-ministro*, quem *ocupará a cadeira do senado*. Marcos acrescenta um pormenor, que não sei se vocês terão notado. Ele não falou numa criancinha limpinha, bonitinha, não. Para o judeu, a criança era um ser desprezível porque era inútil. Eles não gostavam de crianças, porque elas só davam trabalho e gastavam dinheiro. Quando chegava mais um filho, os pais tinham que trabalhar mais para sustentá-la. Criança não servia para nada economicamente, só para dar prejuízo. Ainda fazia estragos, sujava a casa, trazia mais e mais gastos. Quando nascia mais um filho, o orçamento da família começava a apertar. Os judeus pensavam assim, pois eles gostam muito de dinheiro. Portanto, quando Marcos coloca uma criança, não quer mostrar esses seres lindos, correndo para lá e para cá. Jesus toma justamente uma criança, o símbolo da inutilidade, e coloca no meio dos apóstolos, advertindo-os que se eles não se fizessem inúteis, não entrariam no Reino dos Céus.

Nós temos que ser inúteis, mas na concepção de Jesus. O inútil não se refere ao nosso ser, ao nosso existir, à nossa pessoa. Isso, nunca, porque fomos criados,

amados infinitamente por Deus. E porque temos consciência de nossa dignidade, de nosso valor como filhos de Deus, os outros títulos se tornam secundários. Inútil é isso, e não nos interessa. Não valemos por fora. Não precisamos vestir uma roupa cara para ser respeitados, não precisamos de um carro bonito para valer, de um título de universidade para ser gente, não precisamos carregar uma bagagem de títulos, ter grandes *pistolões* para subir. Valemos porque somos criados e amados por Deus. Essa é a autosegurança, o autovalor que o Senhor quer que tenhamos. Ele não quer que nos sintamos inúteis. Pelo contrário, por nos sentirmos muito úteis pelo valor interno que temos, é que não precisamos das utilidades pragmáticas do existir. Ser um grande médico, um grande engenheiro, o Zerbini (*) da cirurgia, o Barnard (**) do primeiro transplante cardíaco, o Einstein (***) da inteligência. Nenhum título acrescenta nada ao valor da minha pessoa. Por isso, olhando para vocês, não me interessa quantas universidades cursaram, quantos idiomas falam. Isso não tem a mínima importância. Podem falar um português *amineirado*, sem plurais e sem concordâncias, porque para o Senhor essas utilidades nada acrescentam. É bom que falemos bem, mas tudo isso é acidental, como essa criança do evangelho. Ela não vale pelos títulos, mas porque existe, porque é, porque dentro dela existe o infinito. Essa é a segurança que o Senhor espera de nós!

Somos pessoas marcadas definitivamente pelo amor e não precisamos nos agarrar sedentamente às coisas para nos valorizar extrinsecamente. O evangelho de Jesus diz exatamente que não precisamos de valorização extrínseca, porque valemos por nós mesmos. Não precisamos nos arrogar em títulos, porque esse é um valor que passa. Essa é a grande lição que o Senhor nos deixou hoje. Amém. (23.09.06/25º.domingo comum)

(*) referência ao médico brasileiro, Euryclides Zerbini, pioneiro dos transplantes cardíacos no Brasil.

(**) referência ao médico sul-africano, Christian N. Barnard, pioneiro dos transplantes cardíacos no mundo.

(***) referência ao cientista alemão, Albert Einstein, formulador da Teoria da Relatividade.

TALENTOS A SERVIÇO DA COMUNIDADE

(Nm 11, 25-29/Mc 9, 38-43.47-48)

Esse evangelho faz ressonância com a primeira leitura, na qual Josué, ciumento, julgou aqueles que estavam profetizando. Eram duas pessoas perdidas lá no acampamento que, de repente, se mostram envolvidas pelo espírito do Senhor. Moisés deixa uma lição para eles e para todos nós. De certa maneira, Jesus retoma essa lição, quando alguém começa a fazer milagres, e os discípulos querem proibir. Jesus proíbe-os de proibir. É proibido proibir!

Houve um movimento revolucionário na década de sessenta, portanto no século passado, mais precisamente em maio de 1968, cujo *slogan* era este: “É proibido proibir!” Se trouxermos essa frase juvenil de sessenta e oito para a vida da comunidade, da sociedade, talvez fizéssemos uma revolução muito bonita. É proibido proibir que as pessoas sejam felizes! É proibido proibir que as pessoas tomem iniciativas! É proibido proibir que, numa comunidade, mais pessoas sirvam, mais pessoas trabalhem! Que não apareça apenas um pequeno grupo! O grande risco do poder – e o poder é terrível – é que as pessoas querem concentrá-lo em suas mãos e não querem fazê-lo fluir como água.

Jesus tem outra maneira de pensar. Moisés, apesar da autoridade, apesar de ter sido o homem que esteve no alto da montanha, e que, muitas vezes, discutia com Deus, ele não quis guardar consigo o dom da profecia. Alegrou-se quando o Senhor o estendeu a outros.

Muitas vezes, nossas comunidades eclesiais estão péssimas justamente por isto: por não permitirmos que as gerações jovens surjam com seus talentos, que novas vozes entrem nos corais, que novos coroinhas venham alegrar as celebrações, que novos ministros venham somar. Queremos segurar em poucas mãos todos os dons, a começar por nós, sacerdotes. Se recebemos o ministério é para responder à etimologia da palavra: *minus + tenere*. É ter menos, não mais. Para que os outros cumpram, para que os outros supram, para que os outros completem! No dia em que esta comunidade puder assumir todo mundo, todo profeta tiver uma palavra bonita, uma palavra bíblica, para ajudar a todas as pessoas, seremos muito mais felizes. Se todos, nesta comunidade, disponibilizarem os seus talentos de organização, de criação, de criatividade, vocês verão como ela será melhor! Será profética, sacerdotal. Se todos nós, em cada celebração, participássemos mais e trouxéssemos outras pessoas para participarem conosco, para darem sugestões e idéias, cresceríamos muito! Há essas firmas modernas, que seguem um pouco esse conselho de Jesus, e colocam em vários lugares algumas caixas para que qualquer um possa dar sugestões. Se uma faxineira perceber alguma coisa que possa melhorar, escreve e joga nessas caixinhas, e a gerência vai tomar conhecimento.

Já lhes contei este fato, mas volto a repetir, pois vem a calhar com a

celebração de hoje. Certa vez, meu primo Frei Betto (*) estava visitando uma fábrica. Conversava com os operários, e um deles, que trabalhava na esteira mecânica, disse-lhe que, se a esteira fizesse outro percurso, possibilitaria uma enorme economia de energia. Mas os engenheiros não lhe davam oportunidade de falar; então, que ficassem com o prejuízo! Como um operário pode ensinar alguma coisa a um engenheiro? Na visão deles, nunca!

É o contrário disso que desejaríamos. Se cada um de nós percebesse que pode fazer crescer essa comunidade, dar sugestões, trazer idéias, fazer planos para que as coisas melhorem, realizaríamos a metade desse evangelho.

A outra metade é um pouco forte. É claro que, se lermos ao pé da letra, muitos sairiam mancos de mãos e pés. Não haveria muletas suficientes em Vespasiano. Mas não podemos entender ao pé da letra. Tomemos a palavra “pequenino”. Não são necessariamente os pequerruchos, os petizes, as crianças. Pequenino é qualquer pessoa mais frágil que nós. Por exemplo, eu sou professor, pequeninos são os meus alunos, mesmo que tenham trinta anos e barba na cara. Qualquer um que seja um pouco mais frágil que nós, em qualquer campo que seja, é considerado pequenino pelo evangelho.

Agora vem a lição. Se tivermos uma gotinha de poder que seja, ela não poderá ser usada para fazer mal àquele que está abaixo de nós. Como seria diferente a sociedade! É isso que precisamos pensar, seja em que âmbito for. Se eu for gerente de uma firma, é ali, principalmente, que não poderei fazer mal a ninguém. É isso que significa arrancar a mão, a língua, os olhos, se eles fazem mal. Para Jesus, a autoridade só existe para fazer o outro crescer, nunca para fazê-lo minguar, diminuir, ser cortado. Se vivêssemos isso, transformaríamos radicalmente nossa sociedade.

Pelo contrário, quando as pessoas sobem, parece que querem mostrar o seu poder exatamente pisando nos outros. É o que estamos vendo agora. (**). Basta uma pessoa subir um pouquinho, já quer ser chamado de vossa excelência, usar um automóvel maior. Certa vez um ministro encontrou o Pe. Vaz, (***) meu grande amigo, e lhe disse que uma das coisas mais atraentes numa posição de ministro é que todas as pessoas se mostram sempre solícitas, cada uma querendo realizar melhor um desejo seu. Todos em volta para servi-lo, e ele engrandecido. Muito diferente desse evangelho. Isso é escandalizar os pequeninos, ser prepotente, prevalecer-se de qualquer poder que seja. Prevalecer-se da inteligência, do saber, do conhecimento, do cargo, da gerência, da cor, da etnia, da religião. Nós, padres, também temos que ser o último dos últimos, aqueles que estão ali para ajudar as pessoas. Quando olharmos os que estão mais abaixo de nós, coloquemo-nos mais abaixo ainda para levantá-los. Nós devemos ser uma espécie de elevadorzinho que faz com que as pessoas subam. Mas para fazermos isso, temos que nos colocar mais abaixo ainda, oferecer as nossas mãos para que os outros se elevem.

E uma última ideia, também difícil. Cada talento do irmão deveria ser uma festa para nós e não uma tristeza. Há pessoas que se amarguram quando veem pessoas com mais talentos que elas, ao invés de se alegrarem. Cada riqueza, cada habilidade que o outro tenha enriquece a totalidade. Como dizia Hegel: (****) “uma gotinha de verdade faz com que a verdade maior cresça”, e eu acrescento: uma gotinha de bondade, de beleza, de serviço, de inteligência, que for jogada na comunidade, fará com que toda a comunidade cresça. Por isso, alegremo-nos com cada talento colocado a serviço da comunidade, e aí seremos mais evangélicos. Amém. (30.09.06/26º. domingo comum)

(*) alusão ao frade dominicano Carlos Alberto Libanio Christo

(**) referência à campanha eleitoral

(**) Pe. Henrique Vaz, sacerdote jesuíta e filósofo brasileiro, falecido em 2002.

(****) filósofo alemão do século XVIII.

SOMOS CONSTRUTORES DO PROJETO DE DEUS (Mc 10, 2-16)

Não é fácil entender esse evangelho, porque há uma imensa distância cultural entre o ambiente em que Jesus vivia e o que vivemos hoje. Algumas coisas, porém, são tão límpidas, tão claras, que parecem evidentes.

A ciência hoje não duvida que nós, seres humanos, viemos de um longo processo de evolução, que já dura bilhões de anos. Esse processo começou numa grande explosão, chamada *big-bang*, que chegou a trilhões de graus, passando a um esfriamento, quando se formaram as galáxias. Desses bilhões de galáxias, uma casquinha esfriou um pouquinho mais – é o que se chamou Terra. Também essa Terra passou por um processo, até que um dia surgiram os animais. Apesar da brutalidade desses primeiros anos, Deus havia criado o coração humano: homem e mulher – um projeto! O processo continuou, e um dia esses seres descobriram que homem e mulher foram feitos um para o outro, que era bom amar, e que desse amor nasceria o que há de mais bonito. Deus traça esse projeto, porque quer que homem e mulher fiquem juntos para realizarem o seu plano. Jesus diz como poderíamos fazer isso: “Amai os vossos inimigos”, “sede perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito!”. Mas nós somos frágeis. Nenhum de nós ama como Jesus quer, nenhum de nós consegue perdoar o inimigo. Mas Deus não desiste e continua o seu projeto.

Não pensem que esse evangelho é tacaño, apenas reflete uma época em que não havia a consciência de separação. As separações dos povos primitivos do tempo de Jesus eram injustas, sobretudo, em relação à mulher. O que tocava o coração de Jesus não era o problema sexual, mas ver uma mulher humilhada, espancada, repudiada pelos homens. Ele sempre se colocava ao lado do mais frágil, do pequeno. O que fazia doer o seu coração era ver essas pessoas sofrendo, porque, segundo a lei, somente a mulher poderia ser repudiada. É contra isso que Jesus protestou. Ele estava ao lado da mulher repudiada numa sociedade em que elas não valiam nada. Eram os dois grandes grupos de excluídos daquela época: as mulheres largadas e as crianças. Também as crianças não eram as belezinhas que conhecemos hoje. Eram como bichinhos que ocupavam lugar, davam trabalho e despesas. Deveriam ser espantadas como galinhas pelos terreiros. Jesus quis mostrar que a criança era o símbolo do bem, porque ela simplesmente é. Ainda não lhe vestiram as cascas da vaidade, da corrupção. Todos esses programas *xuxais* estragam as nossas crianças, tornando-as adultas antes do tempo. Elas são levadas a darem saltos em seu crescimento, queimam etapas. São crianças erotizadas, vivendo problemas que não são delas. Jesus fala da pureza, da simplicidade do coração de uma criança.

Amor, casamento se fazem na gratuidade, e é assim que têm seu valor. Qualquer forma de comércio, de troca, estremece as relações afetivas. É nisso que temos que pensar, para que o amor seja cada vez mais bonito, mais verdadeiro, mais transparente, mais oblativo. A alegria da mulher deve ser a alegria do homem, assim como a alegria do homem deve ser a alegria da mulher. Que o outro seja a festa, o complemento. Só assim poderemos ter certeza de estarmos realizando o grande projeto de Deus para a humanidade. Amém. (07.10.2006/27º. domingo comum)

A TRISTEZA DE NÃO QUERER SER MELHOR

(Mc 10, 17-30)

Este evangelho nos transporta para um horizonte rural, em que Jesus e os discípulos viviam. Há um tradicionalismo no Antigo Testamento – não por causa de Deus, mas pela cabeça dos judeus, que eram duros – que dizia que a riqueza era bênção de Deus, enquanto a pobreza era maldição. Se os ricos eram benditos, logo, os pobres eram malditos. Assim pensava o judeu normal.

Vem Jesus e inverte as situações. E por que faz isso? Chega esse jovem, que tinha a alma tão bonita, tão límpida, tão transparente – diz o Evangelho que ele chegara correndo, alegre – e Jesus se encantou com ele. É como se o olhar de Jesus penetrasse-se a alma até as suas raízes. Naquela inocência e pureza, interpela Jesus, que lhe diz que fosse e vendesse tudo. Ele sai triste. E sabem o motivo da sua tristeza? A tristeza dele é aquela de quando não queremos ser melhores.

Há Evangelhos em que Jesus toma a pessoa lá embaixo, bem pecador. Como no caso da mulher apanhada em adultério. Jesus simplesmente diz a ela: “Vá em paz e não peques mais!” (*) Mas hoje Ele encontrou alguém diferente. Aquele jovem já estava um pouquinho acima, como tantos de vocês aqui. Ele não era mal, mas, para um cristão, ainda era pouco, e Jesus o convida a subir um andar. Quem está no porão, suba ao primeiro. Mas o jovem não teve coragem de subir. Ficou triste, como tantos de nós ficamos, com a tristeza por não queremos ser melhores. Quantas vezes temos medo de ser melhores?!

Achamos que já estamos bem: participamos da Igreja, da Eucaristia, somos do coral. De repente, sentimos que precisamos dar um passo à frente. E vem a covardia, o cansaço: tenho setenta e quatro anos, já estou velho, ah não... Com esse “**ah não...**” Jesus também fica triste.

O Cristianismo tem uma dinâmica fantástica. Ele não deixa ninguém ficar parado na mediocridade, satisfeitos consigo mesmo. Ele quer que busquemos superar a nós mesmos através da nossa vontade

O evangelho diz que aquele jovem estava completamente agarrado àquela vida boa. Tinha bens, riquezas. Não aquela vinda de *mensalões*, de *sanguessugas* (**), mas a riqueza vinda de sua família, do trabalho honesto. Mas o apego fez com que ele segurasse os seus bens, se agarrasse a eles. O que faz as pessoas infelizes são os desejos insaciáveis. No quadro atual da sociedade brasileira, podemos ver que vem crescendo o Budismo, originado com um pensador pré-cristão que viveu seiscentos anos antes de Jesus. O Budismo percebeu que a causa da angústia está em se deixar levar pelos desejos, sem se desprender. Ele oferece exatamente o remédio para isso: o domínio das paixões, dos desejos até atingir uma tranquilidade, uma serenidade, um rosto transparente.

Sem desprezar a sabedoria budista, Jesus vai mais longe. Ele pede o

desprendimento, o silêncio dos nossos desejos, das nossas buscas, das nossas cobriças. Mas não o despreendimento sem mais, pois ele já é um bem em si mesmo. “Vai, vende, dá tudo o que tens!” Vejam o alcance de Jesus: renunciar a uma coisa em benefício do outro. Não é apenas um sadismo de ter que sacrificar uma coisa por ela mesma, mas sacrificar em benefício de alguém, para que esse alguém cresça. Não tem sentido nenhum se desprender de uma coisa apenas por se desprender. Se eu gasto o meu tempo é porque alguém vai se enriquecer com ele. Se eu trabalho por alguém é porque esse alguém vai sorrir. A simples renúncia é muito pouco para nós. É um grande passo, mas curto para quem quer caminhar longe.

Esse é um dado presente em toda cultura: ajudar os pobres, mas no sentido cristão de fazê-los crescer. Para que o que escapa das minhas mãos termine por animar o que está mais por baixo.

Uma segunda ideia é sobre o seguimento de Jesus: “Vem e segue-me!” – vai/vem/segue-me. Não basta nos desprendermos de bens, mas é importante saber que temos alguém para seguir. Aí a tristeza da renúncia se transforma na alegria do espírito do Senhor.

E eu termino lembrando um grande poeta, que morreu na Revolução Espanhola – Antonio Machado. Ele diz: “Camiñante, non hay camiño. El camiño se hace al camiñar”. Caminheiros somos nós. Não há caminhos. Os caminhos se constroem andando. Não pensem que os caminhos da vida estão feitos que os caminhos do destino estão traçados, que os caminhos da História estão prontos. Nada disso! Os caminhos se constroem andando, e, se não andarmos, outros andarão e construirão caminhos que não queremos. Que andemos e construamos os caminhos da justiça, da paz e da fraternidade Amém. (14.10.06/28º. domingo comum)

(*) Jo 8, 1-11

(**) referência aos escândalos que estavam acontecendo no cenário político nacional.

O PODER QUE FAZ O OUTRO CRESCER

(Mc 10, 35-45)

Nesse evangelho, a uma semana da eleição, Jesus vive uma experiência humana que atravessa toda a história da humanidade. Quando alguém se desponta no poder, logo todos querem cercá-lo para ocupar os lugares mais relevantes. Jesus começa a aparecer como profeta, como Messias, como alguém que tinha poder, que podia fazer milagres, e os olhos dos doze discípulos começaram a faiscar: quem será o primeiro dentre nós? Estes dois tomaram a iniciativa: João e Tiago, que ainda eram discípulos *verdes*. Jesus vai dizer que eles não sabiam o que estavam pedindo. Ele não dá as razões, mas eu vou lhe pedir licença para fazê-lo. Grande pretensão minha!

Eu acho que as duas razões são as seguintes: em primeiro lugar, o poder é muito perigoso, ao mesmo tempo em que é difícil. Qual de vocês daria a um filho alguma coisa perigosa? Nunca. Ninguém coloca uma faca nas mãos de uma criança pequena. Não exporia um filho, uma filha a uma situação de perigo. Nenhum pai faz isso. Jesus alerta os discípulos de que o poder é perigoso, e eu cito um autor inglês, que viria muito depois de Jesus: o famoso Lorde Acton, que disse que todo o poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente.

Certa vez eu conversava com Patrus Ananias (*), um grande amigo, muito cristão. Temos uma boa relação independente de política. Ele me dizia como Jesus tem razão. O poder nos assedia, nos seduz, quer que sucumbamos de qualquer maneira, à custa de qualquer sacrifício, de qualquer ética. Jesus nos avisa do perigo de entrarmos por esse caminho. Quando a pessoa não tem conteúdo, quando é vazia, quando só tem a casca, precisa de poder para encher sua vacuidade. Essa é a razão! Quando a pessoa é cheia de riqueza interior, não precisa de poder, porque ela é o poder. Mas, quando não é, quando simplesmente é um arrivista, chega lá em cima, quer arrebatar o poder a toda força, quer passar por cima de tudo, porque não tem consistência interior. Busca o poder para que ele possa dar-lhe o que ela mesma não tem. Não posso dizer nomes, mas vocês são inteligentes e têm olhos para ver. Toda vez que uma pessoa não vale nada, é ela quem mais ambiciona o poder, porque precisa que alguma coisa lhe preencha o vazio.

Ninguém vale pelo diploma, pelos títulos, mas porque existe. Vale porque vive, porque é bom, porque lutou. O poder é algo externo, escorre da pessoa e não entra dentro dela. Por isso, Jesus diz que é perigoso. Para Ele, não era, porque os próprios judeus já reconheciam que Ele falava como quem tinha autoridade. Não precisava se impor pela autoridade, porque era a própria autoridade.

Quando uma pessoa fala com consistência, logo notamos sua honestidade, sua sabedoria. Um bom professor, quando dá aulas, podemos sentir que ele tem autoridade, tem riqueza. Os professores mais medíocres são os mais arrogantes, os que dão as piores notas, vivem gritando, batendo na mesa. Mas, quando

um professor vale, preenche a vida de tantos alunos. Eu conheci vários deles! Esses não precisam fazer chamada nenhuma, reprovar aluno nenhum. Essa é a autoridade, o poder de que fala Jesus.

Tenho ainda uma segunda razão. Jesus cita os poderosos que querem dominar o mundo. Quando tenho poder sobre o outro e disponho dele, não sei usá-lo. O outro, como ser humano, é infinito e dele eu não posso dispor como coisa. Das coisas podemos dispor despoticamente. Mas dispor de uma pessoa, de uma liberdade, de uma consciência, de uma transcendência, por menor que seja, é impossível, porque ela é infinita. Por isso Jesus alerta que é perigoso quando se tem a pretensão de tratar as pessoas como propriedade: faça isso, não faça aquilo, como se elas fossem marionetes que comandamos por cordõezinhos. Temos que olhar para qualquer pessoa, sabendo que ali está o infinito. Quanto respeito ela merece! Qualquer pessoa que vemos, por mais degradada que esteja, é infinita. É isso que Jesus diz e afirma que é difícil. Muitas vezes nos sentimos mais dotados, e às vezes somos mesmo. Não é isso que é pecado, orgulho, vaidade. Tivemos família, tivemos oportunidades, sorrisos lindos, límpidos, transparentes. São dons que recebemos de presente, mas que só existem para fazer com que os outros cresçam. É preciso que nós desçamos. Quanto mais tivermos, mais poderemos descer para levantar. Guardem esta frase: quanto menos tenho, mais quero subir; quanto mais tenho, mais posso descer. E podendo descer, podemos levantar os outros.

O verdadeiro poder é exatamente quando eu me despojo de todo poder. É quando me coloco pequeno ao lado do outro, quando sou capaz de encontrar uma palavra bonita para tocar o coração de uma pessoa, quando eu consigo fazer alguém crescer, sair de baixo. Este é o grande poder: ajudar as pessoas a crescerem, a melhorarem, a serem mais felizes, a se valorizarem. Poder não é sentar-se à direita ou à esquerda, não é subir a rampa do Planalto. Todos esses são poderes passageiros.

Aí está a força do evangelho: que entre nós não seja assim! Não sejamos aquele que quer subir para dominar, mas que, subindo, desce. Exatamente como o Verbo Divino eternamente desce e assume a humanidade em seu nível mais baixo, que é morrer pregado numa cruz, totalmente despido como escravo. Desceu ao mais baixo para levantar toda a humanidade. Essa é a razão! Não desceu apenas por descer, não subiu para humilhar-nos – isso é maniqueu. Se descermos, é porque queremos que as pessoas se levantem. É como qualquer mãe com seu filhinho pequeno, que se abaixa para carregá-lo. Uma das coisas mais lindas, que eu gosto tanto de ver, são os pais carregando seus filhos nos ombros para que eles vejam alto. É esse o gesto de Jesus. O pai é alto e carrega o filho para que ele fique mais alto ainda. Esse é o símbolo do poder para o cristão: fazer com que os pequenos subam, os grandes se abaixem. Amém. (22.10.06/29º domingo comum)

(* referêcia ao Ministro do Desenvolvimento Social

A IGREJA QUE CAMINHA (Mc 10, 46-52)

Marcos não poderia ser mais feliz nessa descrição para nos passar a parábola de nossa vida. É muito mais que um milagre, mas a nossa própria história.

Jesus deixa Jericó, sai com os discípulos e a multidão – símbolo da Igreja: Ele, os apóstolos, que são os representantes oficiais, e a grande assembleia, que é a multidão. É a Igreja que caminha! Quando a Igreja caminha pela história, encontra muitas pessoas, como esse cego e mendigo – dois adjetivos! Ele estava à beira do caminho, à beira da história, à beira da realidade – em termos de hoje, diríamos marginalizado, deixado de lado, alguém para quem os acontecimentos não dizem nada. Ele é cego, não vê. Nós também somos cegos. E há dois tipos de cegueiras opostas: os pessimistas, que são cegos para as suas qualidades, e os vaidosos, que são cegos para os seus limites e defeitos. Jesus vem curar-nos dessas duas cegueiras.

Os pessimistas são aqueles que pensam que não valem nada, que não servem para nada, que precisam ficar mendigando, como esse cego ao lado da estrada, fora da realidade. É importante que ouçam e percebam que Jesus está passando. É necessário que alguém lhes diga. Aquele cego nunca poderia saber que Jesus estava passando, pois não via. Alguém precisou dizer-lhe. Ele ouviu o burburinho e, de repente, começou a perguntar quem estava passando. Quem passa? – como essa pergunta é importante! Saber o que está acontecendo ao nosso lado, quem está nos provocando, nos chamando, que realidade nos questiona, para que saíamos dessa beira de caminho e possamos gritar: “Filho de Davi, tende piedade de mim!” É o primeiro passo!

Precisamos olhar para o Senhor e experimentar, de certa maneira, a pessoa de Jesus, como aquele que tem infinita piedade para com as nossas cegueiras pessimistas e vaidosas. Precisamos dessa piedade e também precisamos gritar. Mas tomemos cuidado, porque muitas pessoas tentarão nos impedir de caminhar para o Senhor. Com certeza, muitas vezes sentiremos isso. Ao invés de também elas caminharem mais para perto do Senhor, nos proíbem. Sobretudo entre os jovens. Como encontram tantos colegas de farra, de desvios, de outros tipos de vida! Quando algum jovem quer deixar esses caminhos, encontra outros que o desencorajam, que não querem que ele saia, mas que continue à beira do caminho, à beira da história, à beira da realidade.

Só que o cego teve mais força, mais energia interior e novamente gritou: “Filho de Davi, tende piedade de mim!”. Tenhamos coragem de gritar uma, duas, três vezes, até que ouçamos aquela palavra tão linda de Jesus: “Chamai-o!”. Ele não chama, mas pede que outros chamem – repararam isso? Ele não nos chama diretamente, mas através de outras pessoas, e continuamente. Quantas vezes seremos nós a levar esse chamado do Senhor a outras pessoas?! Chamemos as pessoas para que elas cheguem perto do Senhor! Chamemos para que elas deixem

essa beira do caminho! Que deixem suas cegueiras, suas vidas de mendicantes e se lancem no caminho como esse cego, que jogou fora o seu manto. O manto que o agarrava, o amarrava; o manto da nossa preguiça, dos nossos hábitos, da nossa acomodação. A preguiça é um manto terrível, pesadíssimo. Não conseguimos deixá-lo de repente. O Senhor nos chama, mas precisamos que alguém nos diga para termos coragem, porque o Mestre nos chama. Seremos nós essas pessoas, que diremos às outras, atadas pela preguiça, que deixem esse manto e deem um salto em direção ao Senhor?

Nesse encontro vem a pergunta mais linda de Jesus: “o que queres que eu te faça?”. Se hoje Jesus nos fizesse essa pergunta, teríamos resposta, saberíamos responder? O cego respondeu imediatamente: “que eu veja!”. Será que temos coragem de ver? Será que temos coragem de pedir a Deus que possamos ver? Ou temos medo! Sempre colocamos óculos escuros para esconder o que não queremos ver. Já repararam como as pessoas usam óculos escuros, como máscaras, para que ninguém as veja, para esconder a realidade na escuridão de seus óculos? O Senhor quer que nós vejamos, e esse cego teve a coragem de pedir: “Mestre, que eu veja!”.

Quem sabe não é essa a grande graça que precisamos pedir ao Senhor nesta eucaristia: que nos cure dessas duas cegueiras? Primeiramente, da cegueira da vaidade, que bloqueia a nossa percepção dos defeitos. Depois que nos cure da cegueira do pessimismo e nos possibilite aquele caminhar necessário para nos fazer sair de nossos limites e ir sempre em frente, caminhando utopicamente para horizontes maiores, não nos sentindo satisfeitos com o que já está conquistado, mas buscando sempre mais a grandeza de Deus. Que também peçamos ao Senhor que nos liberte das fragilidades que nos prendem, que nos impedem de ver. Precisamos rasgar esses mantos, jogá-los fora e dar o grande salto para o caminho do Senhor.

O cego viu, será que nós veremos? E depois que viu, o que ele fez? Seguiu Jesus. Se sairmos dessa celebração vendo e seguindo o Senhor, como a nossa vida mudará! Amém. (28.10.06/30º. domingo comum)

A FESTA DE QUEM CUMPRIU A SUA MISSÃO

(Mt 25, 31-46)

Hoje é a comemoração dos fiéis defuntos. A própria palavra já diz: comemoração, isso é, a memória, a lembrança. É para que nós, que conhecemos as pessoas, ouvimos falar delas que já se foram, as tornemos presentes. Primeiramente na nossa memória, como vocês fizeram, colocando os nomes nas intenções desta missa, acordando-nos para tantos e tantos que nos deixaram, tantos queridos que já se foram. E quanto mais idosos somos, mais pessoas conhecemos que amamos e nos deixaram. É um momento de memória, de saudade, de dor, de afetividade, de compaixão porque sentimos paixão com os que morrem. Paixão no sentido de amor e também no sentido de sofrimento.

Fiéis defuntos foram pessoas que viveram a sua fé e que, portanto, seguiram aquilo que o Senhor os ensinou. *Fides* – fiéis, vem de fé. Tiveram fé na Palavra, fé na vida do Senhor, entregaram-se a Ele, acreditaram na Escritura, entregaram toda a sua existência para seguir os ensinamentos. São fiéis – cheios de fé!

E defuntos? Sempre achamos que defunto é cadáver, mas não é. Defunto é aquele que cumpriu a sua missão. Vem de um verbo bonito do latim que significa cumprir, realizar ao extremo. Pode ser com um ano, com um mês, vinte, quarenta, cem anos. A missão não tem anos.

Sobre Estanislau Kostka, um jovem polonês que morreu muito jovem, a Igreja diz que ele, em poucos anos, cumpriu uma grande missão. O tamanho da missão não se mede em anos, mas pela fidelidade, pela seriedade, pelo compromisso. São essas pessoas que hoje comemoramos.

Quando pensarmos na celebração dos mortos, saibamos que é uma das experiências primeiras, primigênicas da humanidade. Quando um paleontólogo – aquele que estuda os fósseis antigos – encontra dois cadáveres muito parecidos, talvez um humano e outro de um símio, o primeiro critério que usa para distinguir qual é o humano é saber qual o que foi sepultado. Esse é o humano. O primeiro sinalzinho de humanidade, de que deixamos a animalidade da qual viemos, é que quando encontramos um parente morto, é como se quiséssemos manter um vínculo, um cerimonial, algo que marcasse essa presença. E então sepultamos, rezamos, cobrimos com flores, colocamos objetos que recordam a vida.

Na Itália existem as ruínas de Pompéia, uma cidade que foi destruída pela erupção de um vulcão, e lá encontraram muitas coisas interessantes entre os mortos – coisas de suas vidas que continuam até hoje preservadas. Tudo isso para dizer que não queremos que eles nos deixem definitivamente. Mesmo os pagãos, que não conheciam a ressurreição, criaram vínculos para dizer que as pessoas continuavam.

Ninguém vai colocar um ramalhete de flores sobre o nada. Sobre o nada, nada! Se acreditamos que nos túmulos não existe nada, que quem morreu não

significa nada, para que então vamos aos cemitérios? Se vamos e se depositamos uma flor, mesmo sem rezar, mesmo sem fé, o gesto de colocar uma flor já é um vislumbre, pequeno que seja, de que há algo além, de que não queremos que a vida seja arrancada de nós de uma maneira total. Não suportamos a morte como uma separação total. Queremos segurar alguma coisa. Aí vem a fé cristã que traz essa realidade em toda a sua clareza. É o Senhor que nos diz que quem vai para essa luz não desaparece nunca.

Nesse Evangelho de hoje, o Senhor escolheu as pessoas do serviço, aquelas que cuidam dos outros: o marido que cuida da esposa, a esposa que cuida do marido. Esse **pequeno** é simbólico. O **nu** não é o que não tem roupa. O **faminto** não é o que bate à porta de nossa casa com a fome do estômago. Famintos são todos os seres humanos. Cada cuidado pequeno, a quem quer que seja, é ao Senhor que fazemos. Aí já plantamos a ideia de eternidade e ela é uma árvore que cresce. E crescerá à medida que formos adubando. Adubamos essa árvore com nossos atos de bondade, com o cuidado com as pessoas. Amém. (02.11.06/ Festa de Finados)

A SANTIDADE AO ALCANCE DE CADA UM (Ap 7, 2-4.9-14/1Jo 3, 1-3/Mt 5, 1-12a)

A Festa de Todos os Santos abarca não apenas os santos que estão no céu, mas também um pouquinho de cada um de nós que está aqui na terra. Hoje, a liturgia nos apresenta três retratos diferentes sobre que coisa é ser santo.

O primeiro é um retrato glorioso, mostrado por um discípulo de João que escreveu o Apocalipse. Ele fecha os olhos, e sua imaginação começa a funcionar. Imagina o trono esplendoroso de Deus, o grande Javé, o Deus maior, ao lado de seu Filho, na forma de Cordeiro, não mais sangrando na cruz, mas já glorioso, e o Espírito Santo – a corte divina, tendo ao lado quatro anciãos, que podemos imaginar como sendo os quatro evangelistas. A ideia de ancião não se mede pela idade, pois há muito velho caduco querendo parecer jovem, e muito jovem envelhecido por ter perdido o gosto pela vida. Nós, sacerdotes, somos anciãos, mesmo os que ainda são jovens, pois estamos junto às comunidades para ajudar. *Presbyteros/presbyter* em grego e em latim, significa presbítero – sacerdotes, padres. Para a Escritura, o que interessa é aquele que carrega a experiência, a vida, o amor, o encanto, aquele que sabe comunicar-se, passar alegria e entusiasmo para quem dele necessita. E todos nós, jovens e velhos, deveríamos ter um pouco desse ancião, um pouquinho dessa beleza, dessa transparência, para passar para os outros alguma coisa que os faça crescer. As pessoas estão muito sofridas, muito cortadas, podadas, necessitando de vigor, de uma força interior que as faça erguer. Vocês, jovens, precisam de mestres em suas vidas! Vocês têm desorientadores demais, sites inconvenientes aos bilhões, e falta-lhes alguém que lhes aponte o caminho do bem, da beleza e da verdade.

João continua apresentando uma multidão gigantesca – cento e quarenta e quatro mil pessoas, evidentemente, um número que simboliza as doze tribos de Israel –, todo o povo de Israel salvo diante do trono, pois, para a Bíblia, mil significa o infinito inumerável. Todos vestem uma túnica branca, símbolo da vitória sobre as batalhas da existência, todas as dores e sofrimentos por que passamos aqui. O Cordeiro olha para aquelas túnicas e vê que, paradoxalmente, elas haviam sido alvejadas no seu próprio sangue. É um sangue vermelho, mas que purifica a todos nós. Era uma multidão gigantesca de todos os que haviam morrido em Cristo. Nesse primeiro quadro dos santos, imagino os nossos pais, avós, todas as pessoas que já morreram e estão nesse grande cortejo.

Num segundo retrato, São João olha para dentro de nós, que não temos consciência da glória que trazemos em nosso interior. Tudo aquilo que o Apocalipse descreveu está dentro de nós, só que oculto, mas um dia há de se revelar. É a glória, a beleza, a santidade que está oculta no coração de cada um de vocês que está aqui, e que será revelado, quando um dia nos encontrarmos no esplendor da glória celeste. É a santidade chegando mais perto. Se conseguíssemos ver a

beleza que existe dentro de cada um de nós, ficaríamos cegos, pois os nossos olhos são pequenos.

O terceiro retrato mira mais longe ainda e não vê apenas os cristãos que, pelo batismo, já trazem a presença de Jesus dentro de si. É uma santidade que vê até mesmo aqueles que nem foram batizados, nem chegaram a conhecer Jesus, como um Gandhi (*), por exemplo. Sabem que no Oriente vivem mais de um bilhão de pessoas que nunca ouviram falar em Jesus? Mas entre elas há pessoas que trabalham pela justiça, pela paz, são misericordiosas, têm um olhar transparente e um dia verão a Deus. É uma santidade que contempla também aqueles que cuidam dos pobres, que são mansos até mesmo quando se grita contra eles. Portanto, as bem-aventuranças nos tecem um quadro de todas as pessoas que viveram uma dessas virtudes. Esse terceiro retrato mostra quais são os que estão caminhando para o reino da verdadeira santidade.

Hoje é a festa dos gloriosos retratados no Apocalipse, é um pouco também a festa de cada um de nós que traz a graça escondida dentro de si e que realiza um pouco dessas bem-aventuranças que acabamos de ouvir. Ainda que sejamos caluniados, perseguidos, injustiçados, dentro de nós nenhuma mentira baterá, pois prevalecerá a nossa verdade, que um dia brilhará eternamente. Amém. (31.10.2009/31º. domingo comum – Festa de Todos os Santos)

(*) líder pacifista indiano, assassinado em 1948.

O ÚNICO AMOR QUE RESISTE AO TEMPO

(1Rs 17, 10-16/Mc 12, 38-44)

Hoje nós temos dois textos que são mais que narrativas, pois essas já se perderam no tempo. Essa viúva do evangelho já morreu, assim como também a outra viúva de Sarepta. Mas se lemos aqui é porque essas duas leituras se transformaram numa espécie de parábola, de metáfora, isto é, uma lição para nós. As metáforas e parábolas são bonitas, porque perdem um pouco o chão do cotidiano para lançarem voo a um horizonte mais amplo de inteligência, de compreensão.

Precisamos ter em mente que, naquela época, viúva não era o que é hoje, quando se tem INSS, seguros e muitas outras proteções. Naquela época, viúvas e órfãos eram realmente marginalizados e dependiam totalmente da generosidade de vizinhos e amigos. Essa viúva, na primeira leitura, está preparando o último pedaço de pão para ela e o filho comerem e esperarem pela morte. Chega o profeta Elias e lhe pede exatamente o pouco que ainda lhe restava para se alimentar. Vejam que teste fantástico! Mas ele segue dizendo-lhe que não tivesse medo, pois se desse aquele único pedaço de pão, nunca mais sentiria falta de nada. Quando se dá o necessário é que realmente se pode encontrar o verdadeiro amor. Certamente não é a lógica do mercado, do comércio, mas do amor. Reparem bem que o amor só cresce, se ele sai de nós. Se quisermos guardá-lo apenas para nós, ele acabará. Mesmo quando somos rejeitados, se não encontramos eco para os nossos atos de amor, cresceremos diante de Deus. É isso que Jesus veio nos ensinar. Para se ensinar amor que só busca, que só quer usufruir, não precisaria Jesus ter vindo à Terra, bastaria a TV Globo. No fundo, o que é realmente necessário somos nós mesmos, nossa liberdade, nosso tempo, nosso olhar, tudo aquilo que temos de melhor. Não é o necessário no sentido material. Podemos conseguir todo o sucesso, dinheiro, reconhecimento social, mas nada preencherá o coração humano a não ser a saída de si. A metáfora vai muito mais longe. Aqui o profeta simboliza o outro, o diferente, e o que ele diz àquela mulher é que ela precisaria dispor daquilo que ela mais prezava. E o que nós mais prezamos é o nosso tempo, nosso afeto, nossa dedicação, nossa entrega de nós mesmos, pois apenas o que sai de dentro de nós é realmente nosso.

Reparem bem que as coisas não são nossas, pois pode vir um ladrão e levá-las, pode acontecer um terremoto, uma enchente e destruí-las. Todas as coisas podem desaparecer, mas o que realmente nunca desaparecerá somos nós mesmos. Até a nossa morte, carregamos tudo aquilo que nós somos. O profeta pede àquela mulher o que lhe era necessário, e ela dá. Ao fazê-lo, o necessário se faz abundância. Aquilo que ela acreditava que não valia nada, que era insignificante, se torna abundante. De repente, brota em nós uma força interior que não sabemos de onde vem. Quantas vezes eu encontrei pessoas que

dedicaram um pouco do seu tempo, de sua vida, aos outros, e a alegria que elas experimentaram era visível. Já citei para vocês o último livro do Frei Betto, “O diário de Fernando”, baseado na narrativa de um frade dominicano que passou quatro anos numa prisão do governo militar brasileiro. Ele conta que, algumas vezes, aqueles presos políticos eram levados para o DOPS (*), onde eram barbaramente torturados. Quando voltavam para a prisão, eram aclamados pelos companheiros, pela coragem de terem sofrido e lutado contra um governo injusto e explorador. Tudo isso para mostrar que eram pessoas que tiveram coragem de dar alguma coisa de si mesmas. Na última quinta-feira, o “Estado de Minas” publicou um artigo do mesmo Frei Betto, em que ele se dirige a vocês, jovens, que frequentam a *internet*. É de alguém que foi jovem como vocês, que passou quatro anos numa prisão por proteger pessoas perseguidas e ajudá-las a fugirem do Brasil. Foi condenado – segundo palavras do próprio juiz – por ter agido como cristão. Como essa viúva, aqueles jovens deram o pouco que tinham de si mesmos. Imaginem a alegria deles hoje, ao saberem que alguma coisa daquilo pela qual lutaram, aos poucos vem se realizando. Se hoje podemos escrever, falar livremente, se eu posso lhes contar o que estou contando agora, é porque houve jovens que lutaram por isso. Houve uma época neste nosso país em que esta homilia não poderia ser feita. Aquela viúva deu ao profeta o pão que lhe serviria de alimento, e ela pode saborear a vida que o pão lhe trouxe.

No evangelho, Jesus conta a história de uma outra viúva, também pobre. Ela deu no templo duas moedinhas que não valiam nada. Mas não é isso que interessa. Jesus não critica nem rico nem pobre. A sua lição é muito mais profunda. Ele nos questiona sobre quando é que damos verdadeiramente alguma coisa de nós mesmos. Quando damos coisas, nem sequer atingimos a fimbria do amor. Aquela viúva deu o que ela era, o que lhe era necessário, enquanto todos os outros deram da abundância de suas coisas materiais, e nada da abundância de seus corações. Guardem essa grande diferença e, por aí, distingam as pessoas. Elas valem, não pelo que dão de coisas, mas pelo que são capazes de darem de si. Não se enganem, pois podem encontrar amores vazios, matrimônios que não resistirão ao tempo. Essa é a solidão de tantos adultos e velhos. O único amor que resiste ao tempo é o que nasce do coração das pessoas. Os amores revestidos de coisas terão a durabilidade das coisas: carro do ano, roupa da moda. Como disse um teólogo que vocês devem conhecer de nome, chamado Ratzinger (**), só o amor que nasce de dentro quer eternidade, faz eternidade, é eternidade. (08.11.2009 – 32º domingo comum)

(*) Departamento de Ordem Política e Social – órgão do governo militar brasileiro

(**) atual papa Bento XVI

SEREMOS O QUE FORMOS NA HISTÓRIA ***(Dn 12, 1-3/Mc 13, 24-32)***

A leitura do profeta Daniel é uma passagem revolucionária, embora muitas vezes não nos demos conta de que certos momentos da história da humanidade foram decisivos, como a queda do império romano, o império grego, hoje Platão e Aristóteles são objetos de estudo dos alunos de nossas universidades, embora tenham vivido quatro a cinco séculos antes de Cristo. Isso quer dizer que aquele momento da cultura foi um esplendor, assim como essa passagem do profeta Daniel, que não é o mesmo do cativo da Babilônia, mas um outro, que escreveu cerca de dois séculos antes do nascimento de Jesus. Realmente, foi um momento de uma grande virada, decisivo para a nossa cultura judaico-cristã.

Até então, ninguém, nenhuma cultura, sabia que haveria ressurreição dos mortos. Platão nem de longe pensou nisso. Quando narra a morte de Sócrates, Platão diz que ele tomara um veneno, começara a andar, para que a morte chegasse mais rápido e a sua alma, imortal e divina, se desprendesse do cárcere do corpo e fosse contemplar as ideias perfeitas de beleza, grandeza e glória. Para o corpo, nada. Como grego, ele tinha horror ao corpo. Por isso, quando São Paulo fala da ressurreição dos mortos em Atenas, a grande capital, a UFMG daquela época, os gregos riram dele. Portanto, dois séculos antes de Jesus, quando os gregos ainda estavam presos à alma imortal, o profeta Daniel, e depois a mãe dos jovens Macabeus, olhando para o futuro, afirmaram que Deus ressuscitaria o homem inteiro: corpo, alma e espírito. Algo revolucionário, que quebrava todos os esquemas mentais de então. Quando fala isso, ele imagina um canto do mundo onde, de repente, os mortos se levantam fulgurantes, e os bons caminham para a glória, enquanto os maus caminham para a perdição. Duzentos anos depois, Jesus irá falar da ressurreição como algo já conhecido para o povo de Israel, de modo que, quando o viram, de uma forma que nós ainda não sabemos qual foi, irão entender que Ele estava ressuscitado. Foi uma experiência tão forte que até hoje, dois mil anos depois, continuamos anunciando que também nós ressuscitaremos, que o nosso corpo não se perderá definitivamente.

Quando me refiro a corpo, não estou falando dessa massa biológica, mas da maneira como nos fazemos presentes ao mundo. O que está aqui não é apenas o nosso corpo. Também somos psicologia, afetividade, sonhos, desejos, tudo isso que o corpo manifesta e coloca diante de nós. O nosso corpo é o eu que aparece. O óvulo que foi fecundado no seio de nossas mães continua até hoje, embora com uma infinita diferença orgânica. O corpo dá unidade à criança, ao adolescente, ao adulto, ao ancião que caminha para a morte. É esta identidade contínua que ressuscitará: toda a nossa história, afeto, relações, amores, experiências, amizades. Por isso, precisamos viver bem, amar, relacionar. Quanto mais formos, mais ressuscitaremos. Se vivermos enclausurados, fechados, teremos

muito pouco para ressuscitar. Só vivendo horizontes amplos, teremos uma ampla ressurreição. Seremos o que estamos sendo na história. Não percam tempo, não gastem a sua juventude na vacuidade, abram-se para a beleza, a arte, o amor, às relações, ao encontro com as pessoas, aos encantos da vida. Tudo isso é o que nos faz ser, e só sendo poderemos ressuscitar.

Depois dessa leitura do profeta Daniel, fica muito mais fácil entendermos o evangelho. Jesus já percebera, intuía, que em breve iria acontecer alguma coisa muito séria, que nem mesmo Ele sabia o que seria. Hoje nós sabemos que foi a sua morte e ressurreição. Todas as imagens que Ele usou: céu caindo, estrelas, sol, tudo isso é metáfora para o grande ato de sua morte na cruz, de tal maneira que os evangelistas irão se referir a uma grande treva que cobriu toda a Terra. Todas essas figuras são simbólicas, pois o céu continua tal e qual sempre foi, o sol tem o mesmo movimento, a lua aparece sempre da mesma forma, mas, em termos modernos, eu diria que houve um abalo existencial. A morte de Jesus mudou a humanidade. Não somos os mesmos antes e depois de sua morte. Antes, vivíamos a incerteza sobre o nosso futuro, sobre o que viria. É terrível não saber para onde caminhamos. Seria como caminhar num deserto sem nenhuma orientação. É essa catástrofe que o evangelho descreve.

Jesus morreu e ressuscitou, e os astros continuam na sua trajetória. Mas, para nós, o que significa o fim do mundo? Os ecologistas, que estudam o fenômeno do aquecimento global, a devastação da Amazônia, as terríveis tempestades provocando apagões, estão chamando a atenção para coisas sérias. Falam de fenômenos naturais que nós mesmos estamos provocando, fazendo com que a natureza reaja. Mas não é bem disso que Jesus está falando, pois Ele não tinha estudado ecologia. Creio que o Senhor está falando de coisas mais sérias, de uma mudança profunda que acontece no nosso interior. Abrimos um jornal e lemos que um adolescente matou um atleta, simplesmente porque ficou com raiva. O que nos preocupa muito nos dias de hoje é a facilidade com que se mata, se destrói. Um adolescente é capaz de assassinar e se justifica, dizendo que ficara com raiva. Isso está se espalhando cada vez mais. O Brasil é um dos países onde mais se matam jovens no mundo. As maiores causas de morte de jovens hoje são acidentes e homicídios. É isso que são os céus e astros caindo a que se refere o evangelho. Mas é muito mais sério, pois são vidas que estão caindo. A morte de um adolescente é muito mais grave do que a queda de uma estrela. Ela é matéria, e o jovem é um ser vivo, é esperança, é o futuro, e isso é muito mais grave.

Hoje o Senhor nos pede para acordar e não permitir que os nossos jovens sejam destruídos antes do tempo. Precisamos continuar a ter esperanças, a vida precisa ter beleza, carinho, tempo. Ainda outro dia, eu examinava uma tese doutoral de um médico, na qual ele fazia uma crítica à própria medicina, que cada vez mais se desumaniza. Ele dizia que hoje nem morrer é permitido às pessoas. Morre-se entubado, sem família, sem amigos, assistidos por enfermeiros que passam apressados. Estamos perdendo a humanidade até para a morte. É

sobre isso que o Senhor nos fala hoje. Não precisamos nos preocupar com fim de mundo, mas olhar a realidade e nos perguntar como podemos nos humanizar. O que estamos construindo para ressuscitar conosco. Não precisamos temer queda de estrelas, de sol, pois esse eu que atravessa a história vai entrar no regaço de Deus na sua plenitude. Seremos o que formos na nossa história. Amém.
(14.11.2009/33º domingo comum)

UM REI QUE SE FAZ PRÓXIMO (Jo 18, 33b-37)

Hoje é a festa de Cristo Rei! Sem dúvida, esse título induz-nos facilmente a equívocos para interpretar a festa do Senhor.

Um filósofo francês, chamado C. Castoriadis, trabalha com categorias um pouco difíceis, mas que podem nos ajudar – o que ele chama de imaginário social e imaginário coletivo. O que seria isso? Cada povo, cada cultura cria um universo de compreensão, de representação da realidade. Por exemplo: quando dizemos **céu**, sempre imaginamos algo que está em cima. Quando falamos de inferno, imaginamos o que está embaixo. Se vamos ao Japão e cumprimentamos uma pessoa esticando a mão, ela pode nos agarrar e nos jogar ao chão, pensando que é um desafio para uma luta de judô, quando apenas queremos cumprimentá-la. Mas se um japonês se curvar diante de nós, acharemos graça, mas ele estará apenas nos cumprimentando. É outro imaginário!

O imaginário permite que nos situemos culturalmente. Por isso, quando viajamos, mudamos de imaginário e nos perdemos. Se chegarmos à Inglaterra e cumprimentarmos um inglês com tapinhas nas costas, ele pode até *desmaiar*, pois não gostam de serem tocados, preferem a distância. Já o baiano dá tapas para todos os lados. Tudo isso são coisas do imaginário.

Quando falamos **rei**, o que podemos pensar? Pensamos em Buckingham Palace, de Londres. O grande palácio que ocupa um quarteirão imenso, onde aparece a rainha em carruagens imensas puxadas por elegantes cavalos brancos. Ela, suave, *brancosa*, vestida com mantos e coroas reais. Isso faz parte de nosso imaginário: coroas, palácios, cetros, mantos, ouro, pedras preciosas. Quando ouvimos falar de Cristo Rei, imaginamos logo uma glória, como nas grandes catedrais antigas do Oriente, onde existia a grande figura do *pantocrator*. *Panto* em grego significa tudo; *crator* significa poderoso. Um imenso mosaico do Cristo sério, severo, dominando tudo.

Assim fizeram os homens e mulheres do século IV em diante: projetaram o Cristo às alturas, para as glórias da realeza. Estragaram a sua figura, porque Ele sempre foi muito próximo de nós. Quando uma pessoa fica muito distante, ela se isola. Aprendam da linguística e da filosofia: uma maneira de isolar alguém, de torná-la insignificante para a nossa vida pessoal é distanciá-la de nós mesmos, projetá-la num Olimpo (*), colocá-la nas alturas. Lá ela só servirá para ser vista, adorada, mas não pertencerá ao nosso cotidiano. Cada um de nós poderá viver à sua maneira, porque Deus, Jesus estarão muito distantes, e Ele nunca quis isso.

A liturgia hoje brinca conosco. Quando quer falar do Cristo Rei, não fala da ressurreição, de quando subiu ao céu entre nuvens, mas de quando está preso, julgado por um pretor romano. Daí a pouco seria coroado de espinhos, receberia uma cruz, subiria para o Calvário, toda a sua roupa seria tirada. Nu, preso a uma cruz – esse é o rei! Quanta diferença da rainha da Inglaterra, do rei da Espanha, com palácios de verão, de inverno, de primavera, de outono, de não sei mais o

quê! O palácio de Cristo Rei era a cruz, sua coroa era de espinhos, seu cetro era uma cana, seu manto era um trapo vermelho sujo, jogado sobre suas costas em meio à flagelação, cobrindo seu próprio sangue. Este é o nosso rei – próximo de nós, próximo da nossa dor, de nosso sofrimento!

Para isso Ele quis ser rei! Não queria um reinado diferente, para que, quando esbarrássemos com a solidão, a tristeza, o desespero, não tivéssemos que olhar para cima, para um rei distante. Não, bastaria olharmos para o lado. Ele está ao nosso lado! Como uma mãe que veio falar comigo sobre seu filho que estava metido na droga e levou três tiros. Está numa UTI do Hospital João XXIII. Imaginem essa mãe, em meio a tanta dor, olhar para um Cristo *pantocrator*, maravilhoso! É o Cristo do sangue que lhe dará forças e também fortalecerá esse filho de dezenove anos para recuperar a vida. Nenhuma proximidade é maior do que a proximidade na dor.

Sei que há muitos jovens aqui, e por isso dou esse exemplo. Não arrisquem a vida, não gastem a vida, não se estraguem! Mas se isso acontecer, mães, pais, irmãos, jovens, saibam que o nosso rei está ao nosso lado. Não se distancia nunca! A realeza de Jesus é muito diferente! De tal maneira que só a partir do século IV é que o mostraram glorioso. Nos primeiros séculos, as imagens de Jesus que os cristãos mais próximos cultuavam nunca eram de um rei; preferiam a forma de um pastor. As primeiras imagens do Cristo, que apareciam nas catacumbas, eram de um pastor carregando um cordeirinho. Pastor e ovelha formam uma simbiose enorme – todo o carinho do pastor que carrega nos ombros a ovelha, que é frágil, pequenina. Essa era a grande imagem que os cristãos dos primeiros séculos tinham de Jesus.

Nós tivemos medo do Jesus histórico, do Jesus que se aproximou das prostitutas, que acolheu a mulher condenada por adultério, ao invés de atirar-lhe pedras. Quando encontrou a viúva de Naim conduzindo seu filho – que provavelmente não estava morto, pois naquela época não conheciam tantos sintomas que se confundem com a morte –, Jesus para o cortejo e dá nova vida àquele que estava sendo levado ao túmulo. Jesus devolve à mãe seu filho vivo, não morto. Ele está perto de nós! Não é um rei longínquo, que pouco se importa conosco, com nossas dores, com os gritos das multidões. Esses não chegam aos ouvidos dos nossos reis terrenos, a dor do povo não chega aos seus corações, o sofrimento das massas não lhes toca a alma. Mas a Jesus interessa cada dorzinha pequena que sentimos, cada sofrimento nosso. Cada lágrima que desliza sobre a nossa face desliza também sobre a face do Senhor.

Esse é o Rei que nós temos, e é como Ele que devemos ser para os outros – para o pai, para a mãe, para o filho. A todos daremos apoio, coragem. O pai e a mãe são reis quando estão próximos do filho, não se vulgarizando, mas colados a ele na força de pai, na força de mãe, para ressuscitá-los para a vida. Assim os mestres, professores, todos têm uma função na sociedade, vivendo colados às

pessoas para dar-lhes a vida de que precisam.

Um sociólogo francês – Alain Ehrenberg – já dizia que o grande mal, a grande doença, a grande enfermidade do século XX, mas vale também para o século atual, é a depressão. Os jornais já nos dizem que os brasileiros, cada vez mais, consomem medicamentos antidepressivos. Um povo alegre, festivo, carnavalesco, *futebolesco*, *galificado* (**) pelas vitórias, já começa a ficar triste, deprimido, com os olhos embaçados. São caras juvenis sem força, sem alegria, sem cor, sem cheiro, sem nada. Toca-nos ser reis para elas, mas reis que acolhem, que ressuscitam, que consolam os corações atribulados. Amém. (26.11.05/34º. domingo comum)

(*) montanha onde habitavam os deuses, segundo a mitologia grega.

(**) referência ao time do Clube Atlético Mineiro

Índice Remissivo

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Arte de Formar-se		IV	123
Deus Pai		IV	156
Dor e consolação no caminho do Calvário		VII	64
Escatologia: Realidade ou Simbolismo?		VI	123
Espiritualidade Inaciana		IV	143
Ética é a Palavra Mágica		VI	72
Eucaristia e Reconciliação		VI	136
Fé e Religião no Terceiro Milênio		V	107
Juventude – Memória e Sonho		I	14
Natal: Memória, Presença e Anúncio		VI	114
Os braços em que podemos nos abandonar		VII	70
Qual o Futuro do Cristianismo?		V	118
Refletindo a Vida		V	59
Se Realmente Houvesse Amor...		VI	119
Os rumos dos nossos caminhos	1Co 7,32-35	VII	38
No meio do povo e diante de Deus	1Co 9,16-19.22.23	VII	41
A eucaristia nos fala de eternidade	1Co 11,23-26	VII	66
O reino de Deus nos desvela a realidade	1Co 7,29-31	VII	35
Como Estamos Usando o Nosso Corpo	1Cor 3, 9-11.16-17	VI	88
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	1Cor 7,29-31	II	25
A Beleza na Diversidade	1Cor 12, 4-11	IV	14
Nosso Valor Está na Singularidade	1Cor 12,12-30	III	25
Amar a Face Escura	1Cor 12,31-13,3	I	20
A Verdadeira Experiência do Amor	1Cor 13,1-8	I	22
Nossa Vocação � Criar as Rela�oes	1Cor 15,1-11	I	24
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	1Cor 15,20-27	IV	72
O voo da �guia alcança o infinito do amor	1Jo 1, 1-4	VII	24
A santidade ao alcance de cada um	1Jo 3, 1-3	VII	147
S� Descobrimos o que Já Temos	1Rs 3, 5.7-12	IV	65
O �nico amor que resiste ao tempo	1Rs 17,10-16	VII	144
Eucaristia � Participar da Intimidade de Deus	1Rs 19, 4-8	IV	70
Pão e pai	1Rs 19,4-8	VII	114

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Barcas ao Mar	1Rs 19,9.11-13	III	97
Pais: Parceiros na Criação de Deus	1Rs 19,9.11-13	VI	53
A Grande e Total Presença	1Rs 19,9a.11-13a	II	148
O Chamado que Desacomoda	1Sm 3, 3-10,19	II	20
Um gesto que muda a história	1Sm 3,3b-10.19	VII	33
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	2Cor 12, 7-10	VI	39
O perdão que nos liberta	2Cr 36,14-16.19-23	VII	57
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	2Mc 7, 1-2.9-14	IV	104
O Amor Reconstrói por Dentro	2Sm 12, 7-10,13	I	104
Amar é Ser Para o Outro	2Sm 12, 7-10.13	VI	27
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	2Tm 4, 6-8.17-18	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	2Tm 4, 6-8.17-18	III	80
A igreja continua sendo construída	2Tm 4, 6-8.17-18	VII	99
Autoridade x Poder	Am 7,12-15	II	86
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Ap 7,2-4.9-14	III	132
A santidade ao alcance de cada um	Ap 7,2-4.9-14	VII	142
Cordeiros e Pastores	Ap 9,14b-17	I	94
Maria Nos Fala da Proximidade Com Deus	Ap 11,19a-12,6	VI	55
A glória de servir	Ap 11,19a,12,1-6a	VII	116
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Ap 12, 1-5.13.15-16	V	76
Nós Precisamos de Tempo	At 1, 1-11	I	78
Ascensão é o Mistério da Ausência	At 1, 1-11	IV	43
Além de todas as certezas visíveis	At 1, 1-11	VII	88
Pentecostes nos faz ser para o outro	At 1, 1-11	VII	90
Babel x Pentecostes	At 2, 1-11	I	85
Pentecostes: História e Limite	At 2, 1-11	I	81
Um Outro Pentecostes	At 2, 1-11	I	83
Locomotiva, Trilho e Destino	At 2, 1-11	II	57
Jesus Não Deu Conta	At 2, 1-11	IV	37
Pentecostes Cria Comunidade	At 2, 1-11	IV	46
A Vida Sem o Espírito Santo	At 2, 1-11	V	26
Os Dons do Espírito Santo no Nosso Cotidiano	At 2, 1-11	VI	21
Pedro e Paulo	At 12, 1-11	I	106
Percebendo o Anjo em Nossas Vidas	At 12, 1-11	I	98

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	At 12, 1-11	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	At 12, 1-11	III	80
A igreja continua sendo construída	At 12, 1-11	VII	99
Igreja Plural	At 15,1-2.22-29	III	72
A Importância da Família	Cl 3,12-21	I	130
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Cl 3,12-21	III	154
A Sacralidade da Família	Cl 3,12-21	V	104
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Cl 3,12-21	VI	112
Seremos o que formos na história	Dn 12, 1-3	VII	146
Amar é a única razão do amor	Dt 4, 1-2.6-8	VII	120
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Dt 4,1-2.6-8	VI	62
Alegria se Celebra com Alegria	Dt 5,12-15	III	43
A Felicidade Nas Coisas Simples	Ecl 1, 2.2,21-23	V	46
A Igreja Começa na Família	Eclo 3,2-6.12-14	III	152
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Eclo 3,2-6.12-14	III	154
A Sacralidade da Família	Eclo 3,2-6.12-14	V	104
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Eclo 3,2-6.12-14	VI	112
A Família Precisa de Ritos	Eclo 3,3-7,14-17a	II	144
Fé e Razão	Ef 3, 2-6	III	15
A Quem Iremos?	Ef 5,21-32	II	81
Um Amor do Tamanho do Amor de Deus	Ef 5,21-32	VI	60
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Est 5, 1-2; 7,2-3	V	76
Um Nome Não É Simplesmente Um Nome	Ex 3, 1-8a,13-15	I	39
Deus Age Através de Nossas Ações	Ex 3, 1-8a,13-15	V	23
A eucaristia nos fala de eternidade	Ex 12, 1-8.11-14	VII	66
Um presente nos torna presentes	Ex 16, 2-4.12-15	VII	112
A Pergunta que Nos Move	Ex 17, 8-13	II	114
Jesus Revela o Coração de Deus	Ex 19, 2-6a	III	74
Templos vivos	Ex 20, 1-17	VII	55
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Ex 22,20-26	III	125
Deus Ouve o Grito dos Excluídos	Ex 22,20-26	IV	96
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Ex 34, 4-6.8-9	IV	40
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	Ez 2, 2-5	VI	39

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Responsabilidade Ética	Ez 33, 7-9	IV	80
Lidando Com as Perdas	Gl 3,26-29	IV	52
O Bem e o Mal: Tentações	Gn 2,15-24	I	52
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Gn 2,18-24	V	72
Amar é Querer Que o Outro Seja Eterno	Gn 2,18-24	VI	77
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Gn 9,8-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Gn 9,8-15	III	53
Marta e Maria	Gn 18, 1-10a	I	112
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Gn 18, 1-10a	IV	60
Pedir é Abrir-se	Gn 18,20-32	III	86
Nós Somos a Vinha do Senhor	Is 6, 1-7	V	70
As Crianças Carregam Esperanças	Is 7,10-14	VI	106
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Is 8,23-9,3	II	23
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Is 9, 1-6	V	102
Os Sinais de Deus	Is 9, 1-6	VI	110
Antes da Ternura de Belém, a Aspereza de João Batista	Is 11, 1-10	II	134
Pequenas Utopias	Is 11, 1-10	V	88
Um Gesto Pela Paz	Is 12, 2-6	VI	100
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Is 35, 1-6a.10	V	94
O desafio da doação	Is 50, 5-9a	VII	124
Buscando Sinais que Nos Unam	Is 55,1-3	III	88
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Is 55,1-3	VI	46
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Is 56, 1.6-7	V	50
Fé e Razão	Is 60, 1-6	III	15
Palavra e eucaristia são estrelas que nos guiam	Is 60, 1-6	VII	31
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Jn 3, 1-5.10	II	25
O reino de Deus nos desvela a realidade	Jn 3, 1-5.10	VII	35
Natal – Valeu a Pena Criar (Um Diálogo Trinitário)	Jo 1, 1-18	I	127
A Força do Olhar de Jesus	Jo 1, 1-18	III	150
Jesus nos mostra o rosto visível de Deus	Jo 1, 1-18	VII	22
Ser Profeta no Cotidiano	Jo 1, 6-8.19-28	V	98
Somos Testemunhas da Luz	Jo 1, 6-8.19-28	V	100
O testemunho de João Batista	Jo 1, 6-8.19-28	VII	16
A Novidade da Fé	Jo 1,19-28	III	27

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Espírito Como Sinal de Reconhecimento	Jo 1,29-34	VI	11
O Chamado que Desacomoda	Jo 1,35-42	II	20
Um gesto que muda a história	Jo 1,35-42	VII	33
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Jo 2, 1-11	V	76
Reação a Uma Sociedade Desumanizante	Jo 2, 1-12	VI	57
O Sagrado é Inegociável	Jo 2,13-22	II	45
Como Estamos Usando o Nosso Corpo	Jo 2,13-22	VI	88
Templos vivos	Jo 2,13-25	VII	55
O perdão que nos liberta	Jo 3,14-21	VII	57
Amar É o Verbo de Deus	Jo 3,16-18	II	63
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Jo 3,16-18	IV	40
Crescemos na Reciprocidade	Jo 3,16-18	V	29
Água: Sinal e Símbolo	Jo 4, 1-26	I	55
Multiplicando por Palavras	Jo 6, 1-15	II	90
Que pão nós estamos repartindo?	Jo 6, 1-15	VII	110
Jesus Se Nos Dá na Intimidade	Jo 6,24-35	VI	51
Um presente nos torna presentes	Jo 6,24-35	VII	112
O Pão da Convivência	Jo 6,30-50	III	90
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	Jo 6,41-51	IV	70
Pão e pai	Jo 6,41-51	VII	114
Nossa Alegria É a Alegria de Deus	Jo 6,51-58	II	66
A Quem Iremos?	Jo 6,60-69	II	81
Buscando Força Interior	Jo 6,60-69	IV	74
Alegrias e dores do cotidiano	Jo 6,60-69	VII	118
A Grande Lição de Paciência e Esperança	Jo 8, 1-11	IV	27
A Originalidade do Perdão de Deus	Jo 8, 1-11	V	19
Luz: A Caminhada da Fé	Jo 9, 1-41	I	57
Razão se Faz com Lama e Luz na Medida Certa	Jo 9, 1-41	II	37
As Cegueiras em Nosso Dia-a-Dia	Jo 9, 1-41	III	48
Somos Pastores na Igualdade	Jo 10, 1-10	II	49
Nós Temos Sede de Infinito	Jo 10, 1-10	IV	31
A ética do cuidado	Jo 10,11-18	VII	81
Mães Para Todas as Estações	Jo 10,11-21	II	54
Cordeiros e Pastores	Jo 10,27-30	I	94
Lázaro: Milagre por Amor	Jo 11, 1-44	I	61

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Vida é Movimento de Dentro	Jo 11, 1-44	I	59
Deus É, Deus Ama	Jo 11, 1-45	II	150
Sinais de Morte e Ressurreição no Amor	Jo 11, 1-45	II	39
Jesus Assumiu na Liberdade	Jo 12,12-19	I	63
O Grão que Cai na Terra	Jo 12,20-33	III	58
Jesus é o sacramento do amor infinito de Deus pai	Jo 12,20-33	VII	59
A eucaristia nos fala de eternidade	Jo 13,1-15	VII	66
É Noite!	Jo 13,21-33	I	65
Mães	Jo 13,31-33a,34,35	I	96
Amar é Desejar a Vida Para Todos	Jo 13,31-35	IV	34
Construindo Eternidade	Jo 14, 1-12	III	65
Caminho, Verdade e Vida	Jo 14, 1-14	I	29
O Amor se Faz na Acolhida do Diferente	Jo 14,15-21	III	69
A Presença Que é Certeza e União	Jo 14,15-21	V	25
A Paz que Vem de Cristo	Jo 14,23-29	I	76
Nó de Relações	Jo 15, 1-8	II	60
Somos Árvores Que Precisam de Raízes Para Sustentar Nossos Sonhos	Jo 15, 1-8	VI	18
Palavras que moldam a vida	Jo 15, 1-8	VII	84
Amar Como Jesus Amou	Jo 15, 9-17	VI	23
O amor que eleva nossos amores	Jo 15, 9-17	VII	86
Deus Nos Revela o Mistério Trinitário	Jo 16,12-15	V	33
O Sentido da Morte na Morte de Jesus	Jo 18,1-19,42	I	69
Escândalo e loucura	Jo 18,1-19,42	VII	68
Deus Pai Entrega Seu Filho à História	Jo 18,1-19,42	V	21
A Realeza que Recebemos no Batismo	Jo 18,33-37	IV	113
Um rei que se faz próximo	Jo 18,33b-37	VII	149
Entendendo a Ressurreição	Jo 20, 1-9	I	70
Para o salto da fé, precisamos de sinais	Jo 20, 1-9	VII	74
Jesus Não Deu Conta	Jo 20,19-23	IV	37
A Vida Sem o Espírito Santo	Jo 20,19-23	V	26
Tomé – O Amor é Incondicional	Jo 20,19-31	I	74
Tomé – O Crucificado é o Ressuscitado	Jo 20,19-31	I	72
A Identidade do Ressuscitado	Jo 20,19-31	II	52
Abrindo portas para dar e acolher o perdão	Jo 20,19-31	VII	76

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Amar a Face Escura	Jr 1,4-5/17-19	I	20
A Quem Iremos?	Js 24, 1-2.15-18	II	81
Buscando Força Interior	Js 24, 1-2.15-18	IV	74
Um Amor do Tamanho do Amor de Deus	Js 24, 1-2.15-18	VI	60
Alegrias e dores do cotidiano	Js 24, 1-2a.15-17.18b	VII	118
O Ser Humano Como Lugar de Deus	Lc 1,26-38	III	148
O Amor de Deus Antecipa a Vida de Maria	Lc 1,26-38	VI	98
A perenidade da boa notícia	Lc 1,26-38	VII	18
Imaculada Conceição: A festa da esperança	Lc 1,26-38	VII	14
Maria Irradia o Amor de Deus Pai	Lc 1,28-38	V	90
Noite Silenciosa	Lc 1,39-45	I	126
As Três Dimensões da Assunção	Lc 1,39-45	III	95
Maria Nos Fala da Proximidade Com Deus	Lc 1,39-45	VI	55
Natal é Tempo de Busca e Esperança	Lc 1,39-45	VI	108
Assunção – Fé Pretensiosa	Lc 1,39-56	I	122
Assunção: A Festa da Esperança	Lc 1,39-56	II	98
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	Lc 1,39-56	IV	72
Na Assunção, A Totalidade de Maria	Lc 1,39-56	V	52
A glória de servir	Lc 1,39-56	VII	116
João Batista: Tradição e Profecia	Lc 1,57-66.80	II	75
Natal é Mergulhar no Mistério de Deus	Lc 2, 1-14	II	140
A Transformação da História Começa no Mistério do Coração de Deus	Lc 2, 1-14	IV	120
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Lc 2, 1-14	V	102
Os Sinais de Deus	Lc 2, 1-20	VI	110
O presépio de nossa história	Lc 2, 1-7	VII	20
Ano Novo – Portas Abertas para o Ser	Lc 2,16-21	I	11
As Três Fogueiras	Lc 2,16-21	II	13
Um Dia Diferente	Lc 2,16-21	II	146
Deus Pai nos Propõe o Ano da Misericórdia	Lc 2,16-21	IV	9
A Renovação Que Um Ano Novo Nos Oferece	Lc 2,16-21	V	9
A única certeza é o amor de Deus	Lc 2,16-21	VII	26
As surpresas de cada dia	Lc 2,16-21	VII	28
Entrando Num Novo Milênio com Cristo	Lc 2,41-52	III	11
Preparar Para a Festa Já é Festa	Lc 3, 1-19	V	96

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Valor das Pequenas Alegrias	Lc 3, 1-19	VI	102
Advento é Tempo de Confiança	Lc 3, 1-6	IV	116
As Presenças de Cristo no Nosso Cotidiano	Lc 3, 1-6	V	92
Um Gesto Pela Paz	Lc 3,10-18	VI	100
Batismo é Compromisso Com o Futuro	Lc 3,15-16.21-22	IV	11
Tentações em Lucas	Lc 4, 1-13	I	50
Nós Somos o Limite de Deus	Lc 4, 1-13	IV	22
A Nossa Liberdade Pode Domar o Animal da Tentação	Lc 4, 1-13	VI	14
Avançar para Águas mais Profundas	Lc 5, 1-11	I	26
Nossa Vocação é Criar as Relações	Lc 5, 1-11	I	24
Bem-Aventuranças em Lucas	Lc 6,17-26	I	43
A Proposta Cristã para a Vida Além da Morte	Lc 6,17.20-26	III	129
Jesus Responde à Grande Pergunta	Lc 6,17.20-26	III	127
Ser Cristão é Mais que Ser Ético	Lc 6,27-36	I	35
Gratuidade x Reciprocidade	Lc 6,27-36	IV	16
Jesus Quer Mais que Rito e Rotina. Ele Quer Amor	Lc 7,36-8,3	I	102
O Amor Reconstrói por Dentro	Lc 7,36-8,3	I	104
Amar é Ser Para o Outro	Lc 7,36-8,3	VI	27
Lidando Com as Perdas	Lc 9,18-24	IV	52
Alegrear-se Com Todas as Alegrias	Lc 9,18-24	V	44
Transfiguração – A Festa Contínua	Lc 9,28-36	I	47
O Jesus do Cotidiano e da Glória	Lc 9,28b-36	V	17
Transfiguração: Força para o Sofrimento	Lc 9,29-36	I	49
Transfigurações no Nosso Dia-a-Dia	Lc 9,29-36	II	42
Ser Livre Para Amar, Amar Para Ser Livre	Lc 9,51-62	I	108
Abrindo a Janela Interior	Lc 10,25-37	I	114
Todas as Leis se Calam Diante do Amor	Lc 10,25-37	IV	57
Marta e Maria	Lc 10,38-42	I	112
Servir e Contemplar	Lc 10,38-42	I	110
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Lc 10,38-42	IV	60
Pedir é Abrir-se	Lc 11,1-13	III	86
Pedir é Acolher a Ação de Deus	Lc 11,1-13	VI	44
O Nada se Veste	Lc 12,13-21	II	94
A Felicidade Nas Coisas Simples	Lc 12,13-21	V	46
Somos o Que Amamos	Lc 12,16-21	I	116

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Pai, Referência Fundamental	Lc 12,32-48	I	119
Pais da Transcendência	Lc 12,32-48	II	96
O Serviço de Ser Pai	Lc 12,32-48	III	93
Deus Age Através de Nossas Ações	Lc 13, 1-9	V	23
Abrir-se para Acolher	Lc 13,22-30	III	100
Nós Construímos a Salvação	Lc 13,22-30	III	102
A Porta Estreita	Lc 13,22-30	V	55
Nós Existimos para Deus	Lc 14,1.7-14	III	104
A Felicidade que Deus Espera para Nós	Lc 14,25-33	III	108
A Busca da Interioridade	Lc 14,26-33	II	104
A Parábola do Pai Misericordioso	Lc 15,1-3,11-32	I	28
O Retrato Mais Fiel de Deus Pai	Lc 15,1-3,11-32	VI	20
Jesus nos Apresenta o Deus da Acolhida	Lc 15,1-32	III	111
A Beleza de Cada Cultura	Lc 16, 1-13	VI	68
A Parábola dos Inversos	Lc 16,19-31	II	108
No Cotidiano se Faz Eternidade	Lc 16,19-31	III	117
O Horizonte do Amor É o Infinito	Lc 17, 5-10	II	110
A Pergunta que Nos Move	Lc 18, 1-8	II	114
Deus é Contínua Doação	Lc 18, 1-8	IV	94
Justiça e Misericórdia	Lc 18, 9-14	I	100
A Dimensão da Verdadeira Glória	Lc 18, 9-14	II	120
Somos Iguais na Radicalidade	Lc 18, 9-14	IV	98
A Caminhada de Zaqueu	Lc 19, 1-10	II	123
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	Lc 20,27-38	IV	104
Só Restará o que For Construído por Dentro	Lc 21, 5-19	II	129
O Fim do Mundo a Cada Dia	Lc 21, 5-19	III	135
Responsabilidade Cidadã	Lc 21,25-28.34-36	V	86
A Diferença Está no Modo de Olhar	Lc 21,25-28.34-36	VI	94
A Salvação Está Próxima	Lc 21,25-28.34-36	VI	104
Deus se Faz Presente na Dinâmica de Nossa História	Lc 21,25-28.34-36	VI	96
A Paixão em Lucas	Lc 22,14-23,56	I	67
Nós Não Damos Conta do Amor	Lc 22,14-23,56	IV	29
A Originalidade da Realeza de Jesus	Lc 23,35-43	II	131
A Realeza pelo Olhar	Lc 23,35-43	III	138

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Emaús x Jerusalém	Lc 24,13-35	I	92
Ser de Luz	Lc 24,13-35	I	91
A Grande Caminhada para Jerusalém	Lc 24,13-35	III	60
Testemunhas da transformação	Lc 24,35-48	VII	79
Na Ascensão, A Nossa Ressurreição	Lc 24,46-53	I	80
O Sentido do Silêncio Messiânico	Lv 13, 1-2.44-46	IV	20
Encontros de interioridades	Lv 13, 1-2.44-46	VII	43
Quando o Céu se Abre	Mc 1, 1-8	III	146
Deserto é o caminho para a liberdade	Mc 1, 1-8	VII	11
Os Vários Sentidos de Batismo	Mc 1, 6-11	III	23
Vozes de Nossa Vocação	Mc 1, 7-11	III	21
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Mc 1,12-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Mc 1,12-15	III	53
O Reino de Deus Aqui e Agora	Mc 1,12-15	IV	25
Jesus toca o nosso tempo e o transforma	Mc 1,12-15	VII	51
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mc 1,14-20	I	124
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Mc 1,14-20	II	25
O reino de Deus nos desvela a realidade	Mc 1,14-20	VII	35
Os rumos dos nossos caminhos	Mc 1,21-28	VII	38
O Cotidiano de Jesus	Mc 1,29-39	III	31
Construindo Solidariedade	Mc 1,29-39	V	13
No meio do povo e diante de Deus	Mc 1,29-39	VII	41
A Acolhida pela Pele	Mc 1,40-45	III	39
O Sentido do Silêncio Messiânico	Mc 1,40-45	IV	20
Encontros de interioridades	Mc 1,40-45	VII	43
O Invisível no Visível	Mc 2, 1-12	IV	18
Somos carregados pelos braços da fé	Mc 2, 1-12	VII	45
Palavras Novas Para Tempos Novos	Mc 2,18-22	VI	16
O Espírito nos abre ao amor	Mc 2,18-22	VII	47
Alegria se Celebra com Alegria	Mc 2,23-3,6	III	43
Os Batismos na Vida de Jesus	Mc 3,13-17	II	17
Valemos Pelo Que Somos	Mc 3,20-35	V	31
A Paciência Infinita de Deus	Mc 4,26-34	VI	30
O tempo pede paciência	Mc 4,26-34	VII	95
A Outra Margem	Mc 4,35-41	IV	55

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Só Crescemos na Verdade de Nós Mesmos	Mc 4,35-41	V	37
Jesus é a Presença Certa em Todas as Tempestades	Mc 4,35-41	VI	32
Jesus nos acompanha à outra margem	Mc 4,35-41	VII	97
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	Mc 6, 1-6	VI	39
Pedro e Paulo Nos Ensinam Fidelidade	Mc 6, 1-6	VI	37
A cultura da aparência	Mc 6, 1-6	VII	102
Oração, Esmola e Jejum	Mc 6, 1-6,16-18	III	45
Autoridade x Poder	Mc 6, 7-13	II	86
Anunciando Horizontes Maiores	Mc 6, 7-13	VI	42
A metáfora do abraço	Mc 6, 7-13	VII	105
Contando histórias se faz história	Mc 6,30-34	VII	107
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Mc 7, 1-8.14-15.21-23	VI	62
Amar é a única razão do amor	Mc 7, 1-8.14-15.21-23	VII	120
Acontecimentos Que Nos Questionam	Mc 7,31-37	VI	64
Falar e ouvir fazem a nossa convivência	Mc 7,31-37	VII	122
A Força da Fé	Mc 8,27-33	VI	35
Encontro de Liberdades	Mc 8,27-35	VI	66
O desafio da doação	Mc 8,27-35	VII	124
Antecipando a Ressurreição	Mc 9,2-10	III	55
Jesus Se Mostra Divino Na Extrema Humanidade	Mc 9,2-10	V	48
A transfiguração transforma as realidades	Mc 9,2-10	VII	53
O infinito que mora dentro de nós	Mc 9,30-37	VII	127
O Batismo Nos Faz Profetas	Mc 9,38-43.45.47-48	IV	89
Talentos a serviço da comunidade	Mc 9,38-43.47-48	VII	129
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Mc 9,38-48	IV	87
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Mc 10, 2-16	V	72
Amar é Querer Que o Outro Seja Eterno	Mc 10, 2-16	VI	77
Somos construtores do projeto de Deus	Mc 10, 2-16	VII	132
A tristeza de não querer ser melhor	Mc 10,17-30	VII	134
O Grito Que Comove o Coração de Deus	Mc 10,35-45	VI	79
O poder que faz o outro crescer	Mc 10,35-45	VII	136
A igreja que caminha	Mc 10,46-52	VII	138
O único amor que resiste ao tempo	Mc 12,38-44	VII	144

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Cada dia é único em nossa vida	Mc 13,24-26.33-37	VII	9
Seremos o que formos na história	Mc 13,24-32	VII	146
Consciência e Liberdade	Mc 13,33-37	II	133
A Presença de Deus nos Traz Germes de Ressurreição	Mc 13,33-37	VI	92
Humanidade e Divindade Fazem a Realeza de Jesus	Mc 14,1-15,47	III	62
A certeza da mão do Pai	Mc 14,1-15,47	VII	61
Sem Galileia, não há Jerusalém	Mc 16, 1-7	VII	72
Ascensão é o Mistério da Ausência	Mc 16,15-20	IV	43
Além de todas as certezas visíveis	Mc 16,15-20	VII	88
A Força da Mulher na Transformação do Mundo	Mt 1,18-24	II	136
As Crianças Carregam Esperanças	Mt 1,18-24	VI	106
Uma Fé Aberta para a História	Mt 1,18-25	II	138
Magos – Dois Olhares	Mt 2, 1-12	I	17
Magos: Diálogo Inter-Religioso	Mt 2, 1-12	II	15
A Noite que Antecede a Aurora	Mt 2, 1-12	III	13
A Universalidade de Jesus	Mt 2, 1-12	III	18
Fé e Razão	Mt 2, 1-12	III	15
A Estrela Que Nos Conduz à Verdade do Menino	Mt 2, 1-12	V	11
Palavra e eucaristia são estrelas que nos guiam	Mt 2, 1-12	VII	31
Coragem para Buscar Libertação	Mt 2,13-15,19-23	II	142
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Mt 2,13-15,19-23	VI	112
Como João Batista Esperava Jesus	Mt 3, 1-12	I	41
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mt 3, 1-12	I	124
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Mt 3, 1-12	II	134
Atravessando o Rio Jordão	Mt 3,13-17	IV	118
No Batismo, a Humanidade de Jesus	Mt 3,13-17	VI	9
O Bem e o Mal: Tentações	Mt 4, 1-11	I	52
Nossa Tentaçao em Ver um Jesus Diferente	Mt 4, 1-11	II	35
Jesus Vai à Frente	Mt 4,12-13a,17-22	III	29
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Mt 4,12-17	II	23
Bem-Aventuranças em Mateus	Mt 5, 1-12	I	45
Pérolas de Eternidade	Mt 5, 1-12	II	28
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Mt 5, 1-12	III	132
Nas Bem-Aventuranças, Um Novo Retrato de Deus	Mt 5, 1-12	V	81

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Os Verdadeiros Modelos Para os Jovens	Mt 5, 1-12	V	78
A Maratona dos Santos	Mt 5, 1-12	VI	84
Um Jeito Novo de Viver as Bem-Aventuranças	Mt 5, 1-12	VI	86
Bem-Aventuranças: A Felicidade que Ninguém nos Tira	Mt 5, 1-12a	IV	107
A santidade ao alcance de cada um	Mt 5, 1-12a	VII	142
Sabedoria é Saber com Sabor	Mt 5,13-16	II	30
Sabedoria e Luz	Mt 5,13-16	III	34
Nova Visão da Lei e Valor do Lazer	Mt 5,21-47	I	37
Deus Esqueceu-se de Ir Embora	Mt 5,43-48	I	31
Três Dimensões de Abertura	Mt 6, 1-6.16-18	II	32
O Mistério se Encontra no Silêncio	Mt 6, 1-6.16-18	III	36
Tempo de silêncio e interioridade	Mt 6, 1-6.16-18	VII	49
Transparências e Limites	Mt 7,21-27	II	68
Deus Age nas Coincidências	Mt 9, 9-13	II	71
“Vem e Segue-me!”	Mt 9, 9-13	VI	25
O Símbolo Traduz o Amor	Mt 9,36-10,8	IV	49
Medos	Mt 10,26-31	II	73
O Tribunal da Consciência	Mt 10,26-33	V	35
Deus Potencializa os Nossos Amores	Mt 10,37-42	III	77
Um Amor que Estrutura os Nossos Amores	Mt 10,37-42	V	40
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Mt 11, 2-11	V	94
Abba: Um Deus Próximo	Mt 11,25-30	II	79
O Poder da Palavra	Mt 12,33-37	I	33
Um Outro Pentecostes	Mt 13, 1-23	I	83
Ser Terra para Acolher e Produzir Frutos	Mt 13, 1-23	II	84
As Palavras Carregam Experiências	Mt 13, 1-23	III	83
O Longo Trabalho de Fazer Crescer a Semente	Mt 13, 1-23	V	42
Trindade: Realidade Cotidiana	Mt 13,24-30	I	87
Joio e Trigo Coexistem Dentro de Nós	Mt 13,24-43	II	88
A Semente de Trigo que Guarda a Nossa Esperança	Mt 13,24-43	IV	62
Só Descobrimos o que Já Temos	Mt 13,44-46	IV	65
A Grande Rede que Procura Bondade	Mt 13,44-52	IV	68
Buscando Sinais que Nos Unam	Mt 14,13-21	III	88
Jesus é o Novo Moisés	Mt 14,13-21	VI	49
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Mt 14,13-21	VI	46

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Grande e Total Presença	Mt 14,22-33	II	148
Barcas ao Mar	Mt 14,22-33	III	97
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Mt 14,22-33	V	50
Pais: Parceiros na Criação de Deus	Mt 14,22-33	VI	53
Pedro e Paulo	Mt 16,13-19	I	106
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	Mt 16,13-19	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	Mt 16,13-19	III	80
A igreja continua sendo construída	Mt 16,13-19	VII	99
Tu És Pedra	Mt 16,13-20	II	100
Respeito à Individualidade	Mt 16,21-23	II	102
Dom Helder: O Mensageiro da Esperança	Mt 16,21-27	IV	77
Vencer a Acomodação Buscando Horizontes Mais Amplos	Mt 16,21-27	V	57
Transfiguração é a Nossa Reserva de Luz	Mt 17,1-9	III	41
Transfigurar-se é Renunciar ao Comodismo	Mt 17,1-9	V	15
As Ovelhas Amadas de Deus Pai	Mt 18,12-14	III	143
A Gratuidade do Perdão	Mt 18,15-18	III	106
Responsabilidade Ética	Mt 18,15-20	IV	80
O Perdão Que Nos Reconstrói	Mt 18,21-35	IV	84
A Dimensão Cristã do Perdão	Mt 18,21-35	V	63
Deus Nos Criou Para Sermos Eternos	Mt 18,21-35	V	61
A Lógica de Deus	Mt 20, 1-16	II	106
O Julgamento Misericordioso de Deus	Mt 20, 1-16	III	113
O Tempo de Deus é Outro	Mt 20, 1-16	III	115
O Tempo Não Faz o Amor	Mt 20, 1-16	V	66
O Valor de Quem se Gasta Pelo Reino de Deus	Mt 21,28-32	V	68
Cristianismo é Mais Que Religião	Mt 21,28-32	VI	70
A Nova Vinha	Mt 21,33-43	III	120
Nós Somos a Vinha do Senhor	Mt 21,33-43	V	70
Nosso Compromisso Com as Chances Históricas	Mt 21,33-43	VI	74
Uma Matemática Diferente	Mt 21,33-45	II	112
Deus nos Convida ao Banquete da Vida Plena	Mt 22, 1-10	IV	91
Nossa Resposta Aos Convites de Deus	Mt 22, 1-14	V	74
A Ação de Deus Depende de Nossa Liberdade	Mt 22,15-22	II	118
Deus Está Presente em Todos os Amores	Mt 22,15-22	II	116

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Mt 22,34-40	III	125
O Amor Constitui o Nosso Ser	Mt 22,34-40	VI	81
Religião: Símbolo, Doutrina e Práxis	Mt 23, 1-12	III	122
Estamos Preparados?	Mt 24,37-44	III	140
O Noivo É a Realidade	Mt 25, 1-13	II	125
O Noivo do Dia Seguinte	Mt 25, 1-13	IV	101
A Felicidade de Repartir	Mt 25,14-30	II	127
Pontos de Transcendência	Mt 25,14-30	IV	110
Eu Me Construo Nas Minhas Relações	Mt 25,31-46	V	84
O Evangelho da Nossa Vergonha	Mt 25,31-46	VI	90
A festa de quem cumpriu a sua missão	Mt 25,31-46	VII	140
Jesus também experimentou a traição	Mt 26,14-25	VII	63
Trindade: Unidade na Diversidade	Mt 28,16-20	I	89
Como seria viver sem Trindade?	Mt 28,16-20	VII	92
Jesus Revela o Coração de Deus	Mt 9,36-10,8	III	74
O Batismo Nos Faz Profetas	Nm 11,25-29	IV	89
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Nm 11,25-29	IV	87
Talentos a serviço da comunidade	Nm 11,25-29	VII	129
Buscando Sinais que Nos Unam	Rm 8,35.37-39	III	88
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Rm 8,35.37-39	VI	46
Somente o Ser Humano é Instrumento de Paz	Sl 137/136	II	47
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Tg 1,17-18.21-22.27	VI	62
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Tg 5, 7-9	V	94

